



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Giulia Marquini Laurentino Pereira

O funcionamento do discurso dos intersexuais:
questões de registro, de ethos e de cenografia

São José do Rio Preto

2022

Giulia Marquini Laurentino Pereira

O funcionamento do discurso dos intersexuais:

questões de registro, de ethos e de cenografia

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES Print – Edital nº 41/2017

Orientador: Prof^a. Dr^a. Anna Flora Brunelli

São José do Rio Preto

2022

P436f

Pereira, Giulia Marquini Laurentino

O funcionamento do discurso dos intersexuais : questões de registro, de ethos e de cenografia / Giulia Marquini Laurentino
Pereira. -- , 2022

142 p. : fotos

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto,

Orientadora: Anna Flora Brunelli

1. Análise do Discurso. 2. Ethos discursivo. 3. Psicologia Social. 4.
Estudos de Gênero. 5. Intersexualidade. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de
Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

Giulia Marquini Laurentino Pereira

O funcionamento do discurso dos intersexuais:

questões de registro, de ethos e de cenografia

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Financiadora: CAPES Print – Edital nº 41/2017

Comissão Examinadora

Profª. Drª. Anna Flora Brunelli
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Profª. Drª. Érika de Moraes
UNESP – Bauru

Profª. Drª. Fernanda Mussalim
UFU – Uberlândia

São José do Rio Preto

29 de setembro de 2022

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João e Edilena por todo o esforço e dedicação que devotaram na criação de seus três filhos, Guilherme, Geovânia e Giulia, e por terem me ensinado o poder libertador da educação.

Ao Kevin, meu parceiro, e à Geovânia, minha irmã, que me apoiaram e me ajudaram durante os momentos mais difíceis.

À minha orientadora, Anna Flora, por todos os ensinamentos, conselhos e sabedoria partilhada durante os anos juntas e pela confiança em meus julgamentos e em meu potencial.

Ao Ibilce e à Unesp, por serem parte importante da minha vida e por terem provido oportunidades que jamais pensei que teria.

À Érika e à Fernanda, pelas contribuições com meu trabalho e minha formação.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Assim, expresso meus profundos agradecimentos à organização por ter me financiado em seu programa Capes Print (Edital nº41/2017) e ter permitido a realização de meu maior sonho.

“It is certain, in any case, that ignorance, allied with power, is the most ferocious enemy justice can have.”

James Baldwin (1972, p. 124)

RESUMO

Com base no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, este trabalho analisa aspectos do funcionamento do discurso dos intersexuais, com ênfase no plano do ethos discursivo e na diferenciação entre ethos mostrado e ethos dito, conforme as reflexões desenvolvidas por Maingueneau (2006, 2015, 2020) sobre as noções. Em seus trabalhos, Maingueneau considera o ethos como a imagem do enunciador do discurso revelada pelo modo como enuncia, ou seja, o ethos não corresponde exatamente ao que diz a respeito de si, mas à personalidade que revela por meio de sua enunciação. Segundo a ISNA (*Intersex Society of North America*) (2008), os intersexuais são pessoas que nascem com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa nas definições típicas de fêmea ou macho. Dessa maneira, como o tema está diretamente relacionado às questões de gênero e de sexualidade, o trabalho se apoia nos Estudos de Gênero para o tratamento da questão da formação da identidade dos corpos intersexuais, destacando os trabalhos de Butler (2019a, 2019b) que discorrem sobre a performatividade do gênero e sobre a noção de sujeitos abjetos. O *corpus* de pesquisa é composto por um conjunto de 10 textos relativos a 3 tipos de gêneros do discurso digital em que pessoas intersexuais falam de si e de sua própria condição intersexual. Para análise do ethos mostrado do discurso dos intersexuais, observam-se inicialmente os registros a partir dos quais esse discurso se configura, o que permite identificar não só as diferentes facetas que o enunciador projeta de si em seu discurso (ethos da pessoa cientificamente instruída, ethos do ativista e ethos da pessoa traumatizada), como também variações de cenografias. Já a análise do ethos dito revela que as variações do ethos mostrado dizem respeito a um outro aspecto do funcionamento do discurso dos intersexuais que é a necessidade de combater um estereótipo frequentemente associado às pessoas intersexuais, isto é, o da aberração, o que é feito especialmente por meio do emprego de uma metáfora conceitual de acordo com a qual os intersexuais são pessoas em construção.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Ethos discursivo. Psicologia Social. Estudos de Gênero. Intersexualidade.

ABSTRACT

Based on the theoretical-methodological apparatus of French Discourse Analysis, this work analyzes aspects of the workings of the discourse of intersex people, with emphasis on the discursive ethos and on the differences between the shown and said ethos, according to the reflections developed by Maingueneau (2006, 2015, 2020) on this notion. In his works, Maingueneau considers the ethos as the image of the enunciator of the speech revealed by the way they enunciate, that is, the ethos does not correspond exactly to what they say about themselves, but to the personality that they reveal through their enunciation. According to ISNA (Intersex Society of North America) (2008), intersex people are people who are born with a reproductive or sexual anatomy that does not fit the typical definitions of male or female. That way, as the theme is directly related to gender and sexuality issues, this work is based on Gender Studies to address the issue of identity formation of intersex bodies, highlighting the works of Butler (2019a, 2019b) that discuss on the performativity of gender and on the notion of abject subjects. The research corpus is composed of a set of 10 texts related to 3 types of digital genres in which intersex people talk about themselves and their own intersexual condition. For the analysis of the ethos shown in the discourse of intersex people, which is here taken in terms of a non-topic unit, the records from which this discourse is configured are initially observed, which allows identifying not only the different aspects that the enunciator projects of themselves in their speech (teacher's ethos, activist's ethos and traumatized person's ethos), but also scenography variations. The analysis of the said ethos reveals that the variations of the ethos shown concern another aspect of the workings of the discourse of intersex people, which is the need to fight a stereotype often associated with intersex people, that they are freak, which is done especially through the use of a conceptual metaphor according to which intersex people are people in the making.

Keywords: Discourse Analysis. Discursive Ethos. Social Psychology. Gender Studies. Intersexuality.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 01 – Eu sou uma mulher intersexuais. E daí?	81
Imagem 02 – We can do it!	82
Imagem 03 – Feminino/Masculino/Foda-se	83
Imagem 04 – Amiel Vieira em “Fala Amiel”	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
SN	Sintagma Nominal
FD	Formação Discursiva
ISNA	Intersex Society of North America

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CAPÍTULO 1 – APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO	21
2.1 Ethos e cenografia	22
2.2 Os registros	32
2.3 Estereótipos sociais	33
2.4 Estudos de Gênero	38
2.5 O corpus	42
2.5.1 Texto I	50
2.5.2 Texto II	51
2.5.3 Texto III	51
2.5.4 Texto IV	52
2.5.5 Texto V	52
2.5.6 Texto VI	53
2.5.7 Texto VII	53
2.5.8 Texto VIII	54
2.5.9 Texto IX	54
2.5.10 Texto X	55
3 CAPÍTULO 2 - ETHOS MOSTRADO E QUESTÕES DE REGISTROS E CENOGRAFIAS	57
3.1 Registro didático	57
3.1.1 Procedimentos explicativos	59
3.1.2 Recursos coesivos	65
3.1.3 Recursos lexicais	68
3.1.4 Apagamento do sujeito da enunciação	70
3.1.5 Considerações sobre o ethos e sobre a cenografia a partir do registro didático	71
3.2 Registro polêmico	74
3.2.1 A negação nos atos ilocutórios assertivos	76
3.2.2 As implicaturas e implicações conversacionais	80
3.2.3 As interpelações	82
3.2.4 Considerações a respeito do ethos e da cenografia a partir do registro polêmico	84
3.3 O registro emotivo	88
3.3.1 Atos ilocutórios expressivos	88

3.3.2 A modalidade epistêmica	91
3.3.3 Recursos lexicais	93
3.3.4 Considerações sobre o ethos e a cenografia a partir do registro emotivo	94
4 CAPÍTULO 3 - ETHOS DITO E QUESTÕES DE ESTEREOTIPIA	97
4.1 O estereótipo combatido no discurso dos intersexuais: a questão da monstruosidade	97
4.2 A metáfora conceitual da identidade em construção	101
4.3 Considerações sobre o ethos dito e os estereótipos no funcionamento do discurso dos intersexuais	103
5 CONCLUSÕES	106
REFERÊNCIAS	109
ANEXO A	115

1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho, adotando-se o objetivo mais amplo de trazer alguma contribuição aos estudos que, no âmbito das ciências humanas, procuram combater os mais variados tipos de discriminação social, analisam-se alguns aspectos do discurso das pessoas intersexuais. Desse modo, conforme pretende-se esclarecer ao longo da apresentação dos objetivos específicos deste trabalho, almeja-se contribuir com os estudos discursivos que giram em torno do tema da intersexualidade.

Anteriormente, a condição intersexual era referenciada a partir do termo “hermafrodita”, que já não se emprega mais. A respeito do emprego da palavra “hermafrodita”, observa-se, inicialmente, seu registro etimológico: o Dicionário Médico de Paciornik (1975, p. 293), por exemplo, conceitualiza o termo “hermafrodita” em duas acepções: “adj. e s.m. [Do lat. *hermaphroditus*; do gr. *hermaphróditos*, um hermafrodita, de *Hermaphróditos*, na lenda grega, filho de *Hermes* (Mercúrio) e *Afrodite* (Vênus), o qual, enquanto se banhava, tornou-se unido num só corpo com a ninfa *Salmacis*]”. Logo em seguida, em outra acepção, Paciornik (1975, p. 293) afirma que o sujeito hermafrodita é o “indivíduo que apresenta hermafroditismo”, que define como o “estado caracterizado pela coexistência de órgãos sexuais masculinos e femininos”. Por outro lado, o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, em sua 2ª edição (1986, p. 244), define o termo “hermafrodito” em apenas uma acepção: “1. Adj. e s.m. Biol. Ger. Diz-se de, ou ser que possui órgãos reprodutores dos dois sexos; andrógino”.

Observa-se que, em ambos os dicionários, “hermafrodita” é apresentado como adjetivo e, também, como substantivo masculino. Não obstante, é possível observar que somente o dicionário de Paciornik (1975) apresenta uma conceitualização biológica e, também, uma outra na qual leva em conta a etimologia greco-latina da palavra, recuperando a lenda grega que deu origem à formação do vocábulo “hermafrodita” (Hermes + Afrodite). O Dicionário Aurélio (1986), entretanto, disponibiliza uma significação mais técnica, que está voltada para a área médica e biológica e que a conecta à palavra “andrógino”. Percebe-se, por conseguinte, uma diferenciação no tratamento da condição dos hermafroditas entre a esfera social e a médica. Ao conectar o hermafroditismo e o androginismo em todos os seus verbetes, o Dicionário Aurélio sustenta o discurso da normatividade das sociedades ocidentais modernas, de acordo com o qual os indivíduos pertencem a um sexo *ou* a outro (STEPHENS, 2013).

Mesmo tendo sido procuradas edições mais recentes dos dicionários citados, não foram encontrados quaisquer verbetes relacionados à palavra “intersexuais”, fator relevante que pode ser tomado como um indício da pouca visibilidade que há ao redor do tema da intersexualidade,

o que, por sua vez, sugere a necessidade e a relevância de pesquisas que lancem um novo olhar sobre o assunto. De fato, trata-se de um tema pouco investigado, inclusive entre os profissionais de saúde. A esse respeito, observa-se o que diz uma pessoa intersexual sobre sua condição:

A sensação de solidão da pessoa intersexo é muito real e vai além de não existir em formulários ou certidões de nascimento. A maioria dos médicos não conhece a condição, a maioria dos terapeutas não conhece a condição, a maioria das pessoas ignora a existência de um corpo que não esteja encaixado no binarismo do masculino e feminino. É difícil se conectar com outras pessoas quando sua natureza é desconhecida (GADELHA, C. **Eu sou uma mulher intersexo. E daí?** Revista Subjetiva. 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/eu-sou-uma-mulher-intersexual-e-da%C3%AD-8289c707f038>. Acesso em: 4 maio 2018).

Conforme se pode perceber a partir da leitura desse excerto, que é o depoimento de uma pessoa intersexual sobre sua condição, publicado em uma revista online intitulada Medium¹, os intersexuais se sentem, de alguma maneira, isolados da sociedade. Esse sentimento de exclusão advindo dos intersexuais não se dá por questões burocráticas apenas (a falta de “formulários ou certidões de nascimento”), mas, especialmente, por haver uma falta de conhecimento generalizada sobre a condição por grande parte da sociedade, o que inclui até mesmo os profissionais de saúde (“médicos”, “terapeutas”).

Infelizmente, a falta de conhecimento sobre o assunto parece prejudicar as pessoas intersexuais em várias partes do mundo, inclusive nos países mais desenvolvidos. Por exemplo, nos EUA, país onde os debates relativos a questões de gênero, de transexualidade etc. estão mais maduros², a compreensão da situação dos intersexuais não parece acompanhar o ritmo dos outros debates relativos à sexualidade humana, conforme sugere a simplicidade da seguinte definição da condição intersexual apresentada por uma das instituições que representam a classe das pessoas intersexuais no território norte-americano: uma pessoa que nasce com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa nas definições típicas de fêmea ou macho. De acordo com a ISNA (*Intersex Society of North America*, 2008), essa é a definição do que é ser intersexual. Segundo a mesma ONG, não se trata de uma condição muito frequente, pois apenas uma em cada duas mil crianças é intersexual e, apesar de não haver uma porcentagem exata, presume-se que, no Brasil, existam 167 mil pessoas intersexuais e que, no globo, a

¹ Vale citar que, após breve pesquisa sobre a revista Medium, encontrou-se que ela se autodescreve como uma plataforma aberta “na qual vozes ainda não descobertas se unem para trazer novas ideias à mesa” e descreve seu propósito como sendo “espalhar essas ideias e aprofundar o conhecimento sobre nosso mundo” (Revista Medium, tradução livre. Acesso em: 04 maio 2022. Disponível em: <https://medium.com/about?autoplay=1>)

² Diz-se, especialmente, dos trabalhos de Judith Butler (2019a, 2019b), nos quais a autora desenvolve sua tese sobre as representações de gênero na sociedade. Além disso, vale citar os inúmeros movimentos ativistas que lutam pelo direito das pessoas gays, transexuais, lésbicas etc.

porcentagem de pessoas intersexuais varie entre 1,7% e 2% da população global³. A intersexualidade não ocorre somente a nível anatômico: atualmente, são reconhecidos mais de 40 tipos de manifestações ligadas à condição, todas relacionadas a variações de caracteres sexuais como: cromossomos, gônadas e órgãos genitais. Essas variações “podem envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos, aparência e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX para mulher e XY para homem” e, também, “outras características de dimorfismo sexual como aspecto da face, voz, membros, pelos e formato de partes do corpo” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2018, p. 16).

Apesar de restritas, as discussões em torno da intersexualidade acontecem há muito tempo em diferentes campos da sociedade, tais como o médico, o jurídico e o filosófico (MACHADO, 2008). Percebe-se, especialmente no âmbito das ciências humanas, autores discutindo a questão intersexual e deles que considera a questão é Michel Foucault. É sobretudo em “Os Anormais” (1974-75) e em “História da sexualidade” (1988) que Foucault aborda o tema relatando como, ao longo dos séculos, as pessoas que apresentavam essa ambiguidade anatômica eram consideradas monstros humanos, desviantes morais e imperfeições da natureza.

Em “Os Anormais” (1974-75), Foucault já apresenta uma série de apontamentos sobre o modo como as diferenças que apareciam nos corpos humanos (“as monstruosidades”) foram abordadas ao longo dos séculos e registra que um dos problemas mais recorrentes do século XIX é a tentativa de se descobrir algum fundo de monstruosidade por trás das pequenas anomalias, desvios e irregularidades do corpo humano. Em “História da sexualidade” (1988), Foucault lança um olhar inovador sobre a sociedade, dispondo a sexualidade como um dos instrumentos reguladores do poder. Conforme as teorias desenvolvidas sobre o conceito pelo autor em alguns de seus livros⁴, dispositivos como a loucura e a sexualidade desempenham um papel fundamental para as práticas de dominação, retratadas pelo autor como adestradoras, tendo em vista o estabelecimento da docilidade dos corpos por meio da disciplina e da reclusão (FOUCAULT, 1978). Ainda segundo o autor, a sexualidade não é algo inato e biológico ao ser humano, mas, sim, algo projetado para governar corpos, sejam eles privados ou coletivos (FOUCAULT, 1988).

³ Apesar dos dados apresentados sobre o número de pessoas intersexuais no Brasil e no mundo, vale ressaltar a dificuldade em encontrar um número exato sobre a informação, já que, nas referências encontradas, os dados variam de uma fonte para outra.

⁴ Cita-se como referência especialmente as obras “A microfísica do Poder” (1978) e “A história da sexualidade I” (1988).

Conforme observa o autor, é sobretudo durante o século XVIII que o Estado começa a ter interesse pela questão, quando sua preocupação passa a ser, especialmente, cuidar da população (o prolongamento e a promoção da vida da espécie), para que ela possa atender os objetivos de produção e de contribuição conforme o esperado. A partir desse interesse, o Estado passa a propor maneiras de controlar esses dados e uma delas é o controle e regramento da sexualidade. É nesse período que se dá a criação de uma “*scientia sexualis*” (FOUCAULT, 1988) que procurava definir o que era certo e errado em termos sexuais, sobretudo visando a procriação e o controle da população. A seguir, lê-se um pequeno excerto do autor a respeito das relações entre o saber e o poder:

Houve uma ideologia da educação, uma ideologia do poder monárquico, uma ideologia da democracia parlamentar etc.; mas não creio que aquilo que se forma na base sejam ideologias: é muito menos e muito mais do que isso. **São instrumentos reais de formação e de acumulação do saber:** métodos de observação, técnicas de registro, procedimentos de inquérito e de pesquisa, aparelhos de verificação. **Tudo isso significa que o poder, para exercer-se nesses mecanismos sutis, é obrigado a formar, organizar e pôr em circulação um saber.** (FOUCAULT, 2004, p. 186; grifos nossos)

Levando em conta o que é destacado nessa citação, observa-se, então, que os “monstros humanos”, o “indivíduo a ser corrigido”, “a criança masturbadora”, “os irmãos siameses” e os “hermafroditas”, reconhecidos por Foucault como as figuras que compõem o domínio da anomalia (FOUCAULT, 1974-75, p. 69), passam, então, a serem considerados e discutidos a partir do século XVIII, quando começam a se “formar”, “organizar” e “pôr em circulação” saberes sobre a sexualidade ligados ao que Foucault chama de poder disciplinar, que é uma forma de poder exercida mediante uma vigilância difusa e anônima, que torna os sujeitos visíveis e separados uns dos outros. A partir dessas questões apresentadas, e tomando como base os trabalhos de Foucault, pode-se pensar na seguinte questão: como o discurso sobre os intersexuais (“desviantes morais”) é perpassado por questões de poder? É com base nesse questionamento que se apresenta um breve panorama sobre a situação sócio-histórica dos intersexuais em distintas partes do mundo, pontuando diferenças no discurso relativo ao tema, conforme os diferentes saberes em que esse discurso se apoia.

A esse respeito, Hilário e Pressoto (2018) observam que é somente no início do século XX, após a regulação da condição intersexual pela esfera médica, que o termo de referência a esses indivíduos deixa de ser “hermafrodita” e passa a ser “intersexual”. Concomitantemente à emergência dessa nova denominação, grupos de ativistas da ISNA passaram a reclamar pelo direito da não realização de cirurgia de correção genital em bebês intersexuais, prática comum no meio médico, considerando que essa ação “implicava o desrespeito ao indivíduo intersexual”

(HILÁRIO; PRESSOTO, 2018, p. 274). Assim, o discurso dos ativistas passou a se contrapor ao discurso médico: a intersexualidade precisa deixar de ser considerada como uma patologia a ser corrigida e demanda uma visão mais complexa, que não se ajusta aos limites da patologia. A esse respeito, Cabral e Benzur (2005), pesquisadores sobre a causa intersexual, afirmam:

O conceito chave para compreender do que falamos, quando falamos de *intersexualidade*, é o de *variação*. Portanto, quando dizemos *intersexualidade* nos referimos a todas aquelas situações que o corpo *sexuado* de um indivíduo varia com relação ao padrão da corporalidade feminina ou masculina culturalmente vigente [...] Portanto, quando falamos de intersexualidade não nos referimos a um corpo em particular, mas a um conjunto muito amplo de corporalidades possíveis, cuja variação com relação à masculinidade e à feminilidade corporalmente “típicas” vem dada por um modo cultural, específico no campo biomédico, de olhar e medir os corpos humanos (CABRAL & BENZUR, 2005, p. 283-284).

Um acontecimento que vale mencionar a respeito das lutas das pessoas intersexuais se deu em novembro de 2013, quando foi aprovada uma lei na Alemanha que tornou possível o registro de um recém-nascido como “sexo indefinido”. Assim, ali passou a existir a possibilidade de três marcações relativas ao sexo: masculino, feminino e indefinido. Posteriormente, em 2018, a corte alemã voltou a tratar do assunto quando decidiram adicionar um terceiro gênero, o “diverso”, para o registro de crianças, jovens e adultos intersexuais. Entretanto, para ter esse direito, os indivíduos teriam de apresentar um certificado de variação de desenvolvimento sexual. Assim como em 2013, apesar de essa legislação representar um avanço dos direitos conquistados pela causa, a medida foi alvo de críticas por parte de ativistas, em virtude da necessidade de intervenção médica como condição para a mudança de registro, o que provocou indagações sobre a real eficácia da medida na prática para a população afetada.

De modo geral, pode-se dizer que, tomando o discurso ativista como ponto de vista, o envolvimento médico no processo promove a associação da condição intersexual a algum tipo de patologia, o que corrobora para a manutenção dos preconceitos e para o silenciamento do discurso sobre a variação corporal⁵. Além disso, o trauma pelo qual uma pessoa intersexual teria que passar, ou até mesmo reviver, para comprovar sua condição ao passar por testes e exames não foi considerado durante a votação pela lei (BBC, 2018⁶). De acordo com a OII

⁵ A esse respeito, observa-se que, na história da luta intersexual, um dos maiores pesares do grupo é a intervenção médica feita de forma prematura, especialmente em bebês intersexuais, para que ocorra a designação sexual de acordo com o padrão (ou homem ou mulher). Por outro lado, observa-se que o discurso médico não só pode ser contrário às intervenções cirúrgicas, como também pode colaborar para a causa dos intersexuais, conforme podemos observar em <https://www.sbmfc.org.br/noticias/mitos-lgbtia-pessoas-intersexo/>. Acesso em agosto de 2022.

⁶ BBC Brasil. **Alemanha permite registro de bebês com sexo indeterminado**. 2013. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131101_alemanha_genero_registro_fn. Acesso em: abril 2020.

Europe (Organisation Intersex International Europe), em uma nota publicada em seu portal⁷, a definição do sexo do indivíduo ainda estaria nas mãos dos médicos e, por isso, a lei alemã não representaria mudanças significativas para o grupo intersexual, já que a classificação do gênero ainda deveria acontecer de acordo com os padrões binários.

Mais recentemente, em outras partes do mundo, os intersexuais também somam algumas conquistas no meio das muitas adversidades que têm de enfrentar. Por exemplo, em novembro de 2012, a Suíça emitiu um documento pedindo desculpas pelo tratamento dado às crianças intersexuais e solicitou o fim da cirurgia de redesignação sexual nos casos em que os bebês possuem genitálias ambíguas e que intervenções consideradas irreversíveis passem a acontecer somente após a possibilidade de consentimento da parte da criança (GARBELOTTO; COLLING, 2018). Já no Paquistão, desde 2010, entrou em vigor uma legislação que reconhece pessoas intersexuais como cidadãs. Antes disso, elas não tinham direito nem ao registro civil, ou seja, não tinham acesso aos direitos básicos do ser humano como o voto, a educação e a saúde (GARBELOTTO; COLLING, 2018). Nos EUA, por sua vez, a situação do grupo intersexual varia de estado para estado. Sobre isso, Fausto-Sterling observa:

Hoje, nos EUA, a determinação do sexo é governada por leis estaduais. O estado de Illinois permite que uma pessoa adulta mude o sexo registrado em sua certidão de nascimento mediante um atestado médico da realização da cirurgia apropriada. Mas, a Academia de Medicina de Nova Iorque, por outro lado, tem tido uma opinião contrária. Apesar das alterações cirúrgicas na genitália externa, a Academia alegou, em 1996, que o sexo cromossômico permanece o mesmo. Por essa medida, a vontade de uma pessoa de esconder o seu sexo original não pode prevalecer sobre o interesse público na proteção contra fraudes (FAUSTO-STERLLING, 2009).

Percebe-se, nesse pequeno excerto, que, apesar de avanços em certos estados norte-americanos, é na Academia de Medicina que reside uma porção de retrocesso, o que acaba por justificar alguns dos receios por parte dos ativistas intersexuais em deixar suas causas nas mãos dos médicos.

Ainda sobre a situação intersexual mundial, Dan Christian Ghattas, ativista intersexual e um dos fundadores da OII *Europe*, fez um estudo, em 2014, sobre as diferenças sociais e legais de diversos países em relação ao tratamento dos intersexuais (GHATTAS, 2014). Em sua pesquisa, realizada no segundo semestre de 2012 por meio de contato (e tentativas de contato) com pessoas e organizações de 24 países, o autor aponta que, em quase todos os países estudados, com exceção da Alemanha, da Austrália e da Nova Zelândia, o sexo da criança

⁷ OII EUROPE. **Really Germany?**. 2018. Disponível em: <https://www.oiiEurope.org/really-germany/>. Acesso em: junho de 2020.

precisa ser oficialmente registrado entre a primeira e a quarta semana após o nascimento e o registro deve ser feito assinalando “feminino” ou “masculino”. Além disso, a pesquisa de Ghattas apontou que, em todos os países estudados, a intersexualidade é vista e tratada como tabu, o que corrobora para que os intersexuais sejam vítimas de discriminação por conta de sua própria condição (GHATTAS, 2014). Essa discriminação pode ser fortemente marcada em relatos advindos da Uganda e de partes da África do Sul, especialmente nas zonas rurais, onde existem registros de crianças intersexuais que foram mortas pelas próprias mães como uma estratégia de sobrevivência. Nessas regiões, o nascimento de uma criança intersexual é compreendido como uma espécie de punição e, sendo assim, a mãe e a criança podem ser expulsas da comunidade se a condição for descoberta pelos outros moradores (GHATTAS, 2014).

Ainda de acordo com a pesquisa de Ghattas (2014), é na Colômbia que se encontram a legislação e perspectiva mais moderna para com a causa intersexual. Em 1999, a Suprema Corte desse país criou um protocolo para providências e decisões médicas e dos pais em casos de distúrbio da diferenciação do sexo, de acordo com o qual se exige um consentimento informado, qualificado e persistente. Esse consentimento é concedido em etapas para possibilitar que os pais estejam conscientes da condição de seus filhos e, além disso, ele é promulgado em conjunto com o protocolo para que haja um equilíbrio entre a autonomia dos pais e mães das crianças, que, por sua vez, são consideradas autônomas e capazes de compreender e decidir sobre sua situação, sem a influência dos pais, a partir dos 5 anos (LEE et al, 2006).

No outro hemisfério do globo, na Austrália e na Nova Zelândia, há a opção “X” para gênero, desde 2012, para registro em passaportes e, mais recentemente, essa opção foi estendida aos outros documentos de registro civil. Para que os cidadãos alterem seu gênero nos documentos, basta a apresentação de um laudo médico que comprove sua situação (GHATTAS, 2014). De acordo com Guimarães Júnior (2014), passou a ser permitido na Austrália, a partir de 2013, a escolha entre masculino (M), feminino (F) e indeterminado/intersexuais (I) no registro geral da pessoa, desde que ela apresente um laudo médico ou psicológico ou o passaporte/certidão de nascimento com a indicação de gênero. Observa-se que essa alteração não cobre os casos em que houve cirurgia para redesignação do sexo.

Finalmente, lançando um olhar para o contexto brasileiro, pode-se dizer que a situação legal e social dos intersexuais se assemelha ao que se observa nos Estados Unidos, pois também se ampara no pressuposto de que mães e pais sabem o que é melhor para seus filhos enquanto eles ainda não têm a idade exigida para responder e decidir sobre a própria situação. Observa-

se, ainda, que a maior parte da produção de conhecimento sobre a intersexualidade no Brasil reside na área da medicina, justamente por ter sido o meio médico o primeiro a se interessar e desenvolver conhecimento sobre o tema. A esse respeito, observa-se que o Conselho Federal de Medicina (CFM), responsável pela gestão biomédica das pessoas intersexuais, produziu, em 2003, uma Resolução sobre a condição intersexual em que constam sete artigos. Apresenta-se, a seguir, alguns desses artigos que instigam a reflexão sobre o discurso médico em torno o tema:

Art. 1º São consideradas anomalias da diferenciação sexual as situações clínicas conhecidas no meio médico como genitália ambígua, ambiguidade genital, intersexuais, hermafroditismo verdadeiro, pseudo-hermafroditismo (masculino ou feminino), disgenesia gonadal, sexo reverso, entre outras.

Art. 2º Pacientes com anomalia de diferenciação sexual devem ter assegurada uma conduta de investigação precoce com vistas a uma definição adequada do gênero e tratamento em tempo hábil;

[...]

Art. 4º Para a definição final e adoção do sexo dos pacientes com anomalias de diferenciação faz-se obrigatória a existência de uma equipe multidisciplinar que assegure conhecimentos nas seguintes áreas: clínica geral e/ou pediátrica, endocrinologia, endocrinologia-pediátrica, cirurgia, genética, psiquiatria, psiquiatria infantil;

§ 1º Durante toda a fase de investigação o paciente e seus familiares ou responsáveis legais devem receber apoio e informações sobre o problema e suas implicações.

§ 2º O paciente que apresenta condições deve participar ativamente da definição de seu próprio sexo.

§ 3º No momento da decisão final do sexo, os familiares ou responsáveis legais, e eventualmente o paciente, devem estar suficientemente e devidamente informados de modo a participar da decisão do tratamento proposto (CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, 2003, p. 1-2).

Conforme é possível notar, o discurso médico considera que deve haver uma definição final sobre o sexo da pessoa intersexual (“para a definição final e adoção do sexo”, “no momento da decisão final”), prática que não precisa, necessariamente, contar com a participação do “paciente”, já que ele participa apenas “eventualmente” dessa decisão.

Diante de tudo o que foi exposto, pode-se notar o quanto a questão da intersexualidade é controversa, inclusive no nosso país, o que justifica a relevância do tema deste trabalho, especialmente quando se considera que se trata de um debate que alimenta diretamente a legislação e a direção das práticas médico-hospitalares destinadas à população que integra essa condição, ou seja, uma questão de saber/poder. Além disso, a falta de conhecimento sobre o assunto, como já dito, favorece a emergência de preconceitos e de práticas discriminatórias contra as pessoas intersexuais.

Felizmente, a quantidade de pesquisas científicas nas áreas médica, social e do direito sobre o tema tem se tornando maior, principalmente na última década, como pode-se observar, a título de exemplificação, nos seguintes trabalhos: Canguçu-Campinho *et al.* (2018), que

retrata alguns aspectos psicológicos relativos à situação dos intersexuais; Garbelotto e Colling (2018), que apresenta um panorama da situação internacional da condição intersexual; Matos e Santos (2018), que discorre sobre o tema do ponto de vista jurídico, tratando, em especial, dos direitos civis das pessoas intersexuais; Silva (2018), que aborda os cuidados de saúde destinados às pessoas intersexuais.

Em contrapartida, desde o início dos estudos para realização desta pesquisa em 2019, não foram encontrados trabalhos que abordam o tema por meio de uma perspectiva discursiva⁸. Desse modo, este estudo emerge como uma tentativa de suprir essa lacuna, procurando tratar do discurso das pessoas intersexuais a partir de uma diferente concepção das já empregadas anteriormente. Mais especificamente, neste trabalho, analisa-se o ethos discursivo, ou seja, investiga-se a imagem que os intersexuais projetam de si em seu discurso quando falam publicamente de si mesmos. Para isso, construiu-se um *corpus* composto de depoimentos e declarações escritas, feitas por pessoas intersexuais sobre a própria condição, que circulam em diversas mídias digitais como: blogs, *posts* (vídeos, mensagens etc.) em redes sociais, entrevistas, entre outros.

A partir de um contato prévio com o *corpus*, formula-se a hipótese de que o ethos em questão se configura como um ethos instável, isto é, que diz respeito a imagens distintas (mas não contraditórias) das pessoas intersexuais, o que se deve especialmente em função dos diferentes tipos de registros que podem ser identificados no funcionamento de seu discurso. Mais exatamente, formula-se a hipótese de que o ethos desse discurso sofra algum tipo de variação, conforme o tipo de registro a partir do qual o discurso dos intersexuais se configura. Assim, para cada tipo de registro de que se vale, o discurso dos intersexuais deve projetar uma imagem específica, quem sabe uma faceta, da pessoa intersexual.

A respeito dessa possibilidade, nota-se que, de fato, como observa Maingueneau, o ethos discursivo não é necessariamente um “elemento bem delimitado e estável” (MAINGUENEAU, 2020, p. 8), pois pode variar muito em função dos tipos e dos gêneros discursivos, especialmente em casos como o do discurso abordado neste trabalho, isto é, um discurso que não é regulado por um funcionamento institucional.

Considerando a relação do ethos com os estereótipos sociais, pretende-se ainda tecer algumas considerações sobre a presença de certas imagens no funcionamento do discurso dos intersexuais, procurando observar em que medida o discurso colabora para combater

⁸ Apesar disso, há, certamente, muitos trabalhos com temáticas próximas. A título de exemplo, pode-se citar trabalhos que abordam a representação de gêneros a partir de uma perspectiva discursiva, como é o caso de Lexi Webster (2019), que desenvolve uma reflexão sobre a discursividade de pessoas transgêneras.

estereótipos negativos associados ao grupo. Para tanto, analisa-se também a metáfora a partir da qual o grupo fala de si em seu ethos dito, procurando verificar em que medida essa metáfora dialoga com os estereótipos em questão.

Dessa forma, considerando-se os objetivos específicos apresentados, pode-se dizer que, neste trabalho, analisam-se aspectos do funcionamento do discurso dos intersexuais, com ênfase nos registros a partir dos quais esse discurso se configura e nas imagens e/ou estereótipos que ajuda a reforçar e/ou transformar.

Por fim, observa-se que a opção por um corpus do tipo selecionado, isto é, composto por gêneros de natureza declarativa (depoimentos, declarações) que circulam na internet (blogs, posts, entrevistas etc.) é uma opção que deve corroborar para compreender melhor o discurso das pessoas intersexuais, já que, segundo Biondi e Marques (2017) esses textos de natureza declarativa na internet:

[...] tem se tornado cada vez mais comum entre os sujeitos – os usuários –, que hoje compreendem e reivindicam para si o direito e a legitimidade de proclamarem suas próprias causas, já que são os responsáveis diretos por gerar e disponibilizar, voluntariamente, suas histórias de vida e experiências cotidianas. A tensão entre a livre enunciação, atualmente tomada como um direito do sujeito comum, e a visibilidade ainda normalizada de algumas práticas comunicacionais [...], adquire contornos mais intensos quando exploramos um pouco mais as questões que envolvem a experiência narrativizada da intimidade [...] de um sujeito, constituída pelo olhar do outro, a partir dos dispositivos tecnológicos (BIONDI; MARQUES, 2017, p. 15-16).

Em relação à estrutura do presente trabalho, ele está dividido em 3 capítulos. No primeiro, apresenta-se o aparato teórico-metodológico, com ênfase nas reflexões desenvolvidas por Maingueneau sobre a noção de ethos discursivo. Ainda neste capítulo, abordam-se outras questões fundamentais para o desenvolvimento da reflexão aqui proposta: a questão dos registros, a dos estereótipos e a dos gêneros. Para o tratamento dessas duas últimas questões, dialoga-se, respectivamente, com a Psicologia Social e com os Estudos de Gênero (cf. Butler, 2019_a, 2019_b). Finalmente, ainda nesse capítulo, apresenta-se o *corpus* e os critérios empregados para sua construção. No segundo capítulo, encontra-se a análise dos registros e, posteriormente, a do ethos mostrado e das cenografias. No terceiro capítulo, analisam-se fragmentos de ethos dito, procurando verificar em que medida esse discurso combate certas imagens tradicionalmente associadas ao grupo. Para tanto, analisa-se também a metáfora a partir da qual os intersexuais falam de si em excertos de ethos dito. Por fim, apresentam-se as conclusões e as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO 1 – APARATO TEÓRICO-METODOLÓGICO

O presente trabalho tem como base o aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), com ênfase na noção de ethos discursivo, conforme os trabalhos de Dominique Maingueneau (2006, 2015, 2020) sobre o tema. Pelo fato de que o ethos está diretamente relacionado aos estereótipos sociais, dialoga-se, neste trabalho, com a Psicologia Social, a fim de compreender, de modo adequado, não só os estereótipos presentes no discurso das pessoas intersexuais, como também, de uma certa forma, o próprio papel dos estereótipos no funcionamento dos discursos. Por fim, este trabalho também está amparado nas teorias de Estudo de Gênero, com destaque para Butler (2019_a, 2019_b), que norteiam a percepção da construção da identidade no/pelo discurso.

Do ponto de vista metodológico, observa-se que a análise do ethos (e de outros aspectos do discurso) é desenvolvida levando-se em conta certas regularidades linguístico-discursivas consideradas relevantes para a identificação da imagem que o enunciador projeta de si em seu discurso. Desse modo, para lidar com as questões relativas ao emprego dos recursos de expressão, empregam-se alguns aparatos teóricos-metodológicos da Linguística, na condição de teoria(s) auxiliar(es), para a compreensão dos efeitos de sentido que esses recursos produzem. A esse respeito, vale lembrar que os funcionamentos discursivos não são limitados às divisões internas da Linguística, nem dependem de uma ou outra de suas correntes (MAINGUENEAU, 1989). Sendo assim, pode-se dizer que, a princípio, qualquer aparato teórico-metodológico pode ser convocado para auxiliar no desenvolvimento da análise de algum aspecto específico da materialidade linguística do discurso.

Além disso, é importante esclarecer que o recurso a algum aparato auxiliar não tem como consequência o abandono do ponto de vista da Análise do Discurso de linha francesa pelo pesquisador ou pesquisadora. Pelo contrário, a adoção de princípios teóricos na qualidade de dispositivos auxiliares e/ou de instrumentais de análise acontece apenas em conformidade com a perspectiva maior que orienta toda a reflexão, isto é, a da AD francesa, de acordo com a qual os discursos seguem regras anônimas, historicamente determinadas, que escapam à consciência e ao controle dos sujeitos falantes.

Para que sejam apresentados os conceitos e princípios que regem a análise desenvolvida neste trabalho sobre o discurso das pessoas intersexuais, este capítulo está organizado em torno de quatro eixos. O primeiro trata dos conceitos teóricos que versam sobre os aspectos discursivos utilizados para orientar a análise do *corpus*, em outras palavras, trata-se das reflexões desenvolvidas por Maingueneau (2006, 2015, 2020) sobre ethos discursivo e sobre

cenografia. O segundo diz respeito aos estereótipos sociais, conforme os estudos desenvolvidos sobre o tema no âmbito da Psicologia Social⁹. O terceiro refere-se à apresentação dos estudos sobre gênero com destaque para a Teoria de Gênero de Butler (2019_a, 2019_b). Por fim, o quarto eixo tem como objetivo apresentar os critérios de constituição do *corpus*.

A seguir, inicia-se a apresentação do aparato teórico, reconstituindo-se, em linhas gerais, o modo como a noção de ethos, que pertence à tradição retórica, foi inscrita por Maingueneau no quadro da Análise do Discurso.

2.1. Ethos e cenografia

Em meio aos diversos planos da discursividade que poderiam ser selecionados para a análise do discurso em questão, neste trabalho, conforme já dito, pretende-se investigar o ethos, adotando-se, para tanto, a perspectiva de tratamento dada por Maingueneau sobre o tema. A seguir, apresentam-se algumas das ideias desenvolvidas pelo autor sobre esse o ethos discursivo que são fundamentais para este trabalho.

A noção de ethos tem suscitado interesse e se tornado cada vez mais importante graças à realidade em que está envolta: a de englobar aspectos que ultrapassam os limites da Análise do Discurso e até mesmo das ciências humanas e sociais (MAINGUENEAU, 2020¹⁰). A respeito do prestígio da noção de ethos, o autor cita alguns fatores que contribuem para esse fenômeno, tais como: a crise de representação, o domínio da publicidade, a nova economia e, não menos importante, o desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação.

Em outras palavras, a noção de ethos discursivo passou a ocupar um lugar cada vez maior na cena relativa ao discurso e isso se deve a sua ligação com o domínio das artes audiovisuais, já que, com o advento das mídias, o centro de interesse dos estudos discursivos se desloca das doutrinas (e aparelhos às quais estavam ligadas) para a “apresentação de si” (MAINGUENEAU, 2006, p. 52). Segundo o próprio autor, essa “conjuntura é promissora para os analistas do discurso interessados pelo ethos” (MAINGUENEAU, 2020, p. 02). Além disso, a noção é levada em conta visando seus esforços em fazer dialogar conceitos geralmente considerados disjuntos, como o corpo e a fala, o texto e o contexto etc. A Análise do Discurso, então, enriquece sua metodologia quando se empodera da noção de ethos.

Sobre o estudo do ethos, Maingueneau (2020) afirma que é necessário que se deixe de enxergá-lo como uma noção bem delimitada e estável. Mais exatamente, para o autor, é preciso

⁹ Tem-se como referência principal os estudos de Amossy e Pierrot (2022).

¹⁰ Ressalta-se que foi usada a versão Kindle para e-book do livro de Maingueneau (2020).

que se *dessubstancialize* o ethos, isto é, que se reconheça que estudar o ethos é, de fato, estudar a enunciação em seu conjunto, mas sob um certo ângulo que seja pertinente e que ofereça um ponto de observação interessante para destravar certas propriedades dos enunciados que os pesquisadores e analistas dos discursos se disponham a estudar. Ao estudar o ethos de um discurso, o analista do discurso se apoia em um dado "simples, intuitivo e coexistente a todo uso da linguagem" (MAINGUENEAU, 2020, p. 11), já que é por meio do que se diz, e da maneira com que se diz que o destinatário constrói uma imagem, uma representação do locutor; representação esta que é avaliada socialmente porque a fala é uma atividade baseada em valores partilhados.

A noção de ethos, como se sabe, é bastante antiga e remonta à antiguidade grega com as reflexões que Aristóteles desenvolveu sobre os mecanismos de persuasão discursiva. Para o filósofo grego,

Persuade-se pelo caráter [=ethos] quando o discurso tem uma natureza que confere a impressão de o orador ser digno de fé. Pois acreditamos mais e bem mais depressa em pessoas honestas, em todas as coisas em geral, mas sobretudo nas de que não há conhecimento exato e que deixam margem para dúvida. É, porém, necessário que esta confiança seja resultado do discurso e não de uma opinião prévia sobre o caráter do orador; pois não se deve considerar sem importância para a persuasão a probidade do que fala, como aliás alguns autores desta arte propõem, mas quase se poderia dizer que o caráter é o principal meio de persuasão (ARISTÓTELES, 2020¹¹, p. 42).

Aristóteles, com a noção de ethos, pretende apresentar um conjunto de ideias e pensamentos que têm como objetivo examinar o que é persuasivo para um certo tipo de indivíduo e não para um indivíduo específico. A análise do ethos retórico consiste na boa impressão que é causada no público a partir da enunciação e da imagem de si que é criada pelo auditório a partir da *construção do discurso*, que é capaz de inspirar confiança. Maingueneau ressalta que, nesse contexto, o ethos, embora seja uma noção discursiva, isto é, ligada à enunciação, engloba tudo o que corrobora para a construção da imagem do locutor pelo público: “o tom de voz, a modulação da fala, a escolha de palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, etc.” (MAINGUENEAU, 2006, p. 53). Desse modo, é a partir desse conjunto complexo de signos ilocutórios, oratórios e simbólicos que o locutor projeta de si uma imagem psicológica e sociológica.

Assim, Aristóteles deixa claro que a eficácia do ethos se dá justamente pelo fato de que ele é algo que pode ser percebido no discurso, sem ser explicitamente enunciado. Dessa maneira, os traços do caráter do locutor do discurso, que transpassam indiretamente ao auditório

¹¹ Ressalta-se que, para acessar o trabalho de Aristóteles, foi usada a versão de *e-book* para Kindle

por meio do modo como o discurso é construído, são os responsáveis por convencer, passar boa impressão e confiança. Maingueneau ainda observa que, no âmbito da tradição retórica, o conceito foi "quase sempre tratado com suspeição: apresentado como tão ou, às vezes, mais eficaz até que o 'logos', desconfia-se de que ele possa inverter a hierarquia moral entre o inteligível e o sensível" (MAINGUENEAU, 2020, p. 12).

Maingueneau também recupera as contribuições de Oswald Ducrot (1984) sobre o tema. Como se sabe, esse autor desenvolve uma teoria sobre o fenômeno do ethos a partir da diferenciação entre "Locutor-L", correspondente ao enunciador, e o "locutor-lambda", correspondente ao locutor relevado como ser no mundo. A partir disto, Ducrot propõe que o ethos é percebido no ato de enunciação e não dito no enunciado, permanecendo, por isso, no segundo plano da enunciação e não se conectando aos atributos reais do locutor. Sobre o caráter intradiscursivo do ethos, o autor considera que

não se trata de afirmações elogiosas que o orador pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que correm o risco, ao contrário, de chocar o auditório, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que **o ethos está associado a L, o locutor enquanto tal: é na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável** (DUCROT, 1984, p. 201; grifos nossos).

Dito isso, Maingueneau desenvolve uma reflexão sobre a noção de ethos ajustando-a à perspectiva discursiva, o que o leva a aplicar a noção também a textos escritos, que não se inscrevem necessariamente em situações de argumentação, mas o autor retém a ideia de que o ethos está ligado ao modo como o discurso se constrói. Desse modo, com o ethos, não só o ouvinte, mas também o leitor, pode atribuir certas propriedades à persona que é posta como fonte do acontecimento enunciativo. Nesses termos, o ethos está necessariamente ligado à enunciação em si, e não a um saber extradiscursivo prévio do destinatário.

A noção de ethos se mostra interessante aos olhos do autor pelo seu vínculo crucial com a flexibilidade enunciativa e por viabilizar a articulação do corpo ao discurso em um aspecto diferente do da oposição prática e comum entre oral e escrito. Para o autor, "a instância subjetiva que se manifesta por meio do discurso não pode ser concebida como um estatuto, mas como uma 'voz', associada a um 'corpo enunciante' historicamente especificado" (MAINGUENEAU, 2006, p. 61). Maingueneau adota, assim, uma definição mais "encarnada" da noção de ethos que dá conta não somente da dimensão verbal, mas também da dimensão física e psíquica relacionada ao fiador (MAINGUENEAU, 2006, p. 62). A noção de ethos é, a

partir disso, associada à figura do “fiador”, instância subjetiva responsável pela imagem que é projetada pelo leitor/ouvinte.

Mais especificamente, ao associar a noção de ethos à figura do fiador, o autor desenvolve uma concepção encarnada de ethos na medida em que a associa a uma voz, a um caráter e a uma corporalidade. Assim, segundo o autor, qualquer texto escrito possui uma *vocalidade* específica que faz com que ela seja ligada a uma caracterização do corpo do enunciador a um *fiador* que, por meio de um *tom*, confirma o que é dito e que está diretamente associado a uma vocalidade específica, correspondente a um ideal de enunciação que pode se manifestar em uma multiplicidade de tons. O tom, por sua vez, se liga a um caráter, isto é, a um feixe de traços psicológicos inseparável de uma certa corporalidade, ou seja, de um tipo de constituição corporal, normalmente ligada a um modo específico de se movimentar no espaço social, o que pode incluir até um modo de se vestir.

Nesses termos, o ethos é uma maneira de dizer indissociável de uma maneira global de ser, de uma maneira específica de habitar o mundo. Nas palavras do próprio autor:

O universo de sentido que o discurso libera impõe-se tanto pelo ethos quanto pela “doutrina”; as “ideias” apresentam-se por uma maneira de dizer que remete a uma maneira de ser, à participação imaginária em um vivido. **O texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um co-enunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir “fisicamente” a um certo universo de sentido.** O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que **leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados.** A qualidade do ethos remete, com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado (MAINGUENEAU, 2006, p. 73; grifos nossos).

Ao desenvolver uma perspectiva mais encarnada do ethos, Maingueneau (2006) apresenta também a noção de “incorporação”, designada como o modo pelo qual o destinatário, com a posição de intérprete neste contexto, se apropria do ethos do fiador, ou seja, ele se identifica e, por fim, se apropria da imagem produzida. A incorporação do fiador, para o autor, vai além de uma mera identificação a uma imagem produzida pelo discurso, mas também implica um mundo ético do qual o fiador faz parte. Segundo o autor, o “mundo ético” é estimulado por meio da leitura e associado aos estereótipos culturais que integram um certo número de situações estereotípicas associadas a comportamentos sociais. Ainda a esse respeito, o autor distingue três registros nos quais se desenvolve processo de incorporação. Nas palavras de Maingueneau,

- a enunciação da obra confere uma ‘corporalidade ao fiador, ela lhe dá corpo; - o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;

- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso (MAINGUENEAU, 2006, p. 62).

Conforme apresentado, tanto o caráter quanto a corporalidade do fiador se apoiam sobre um conjunto heterogêneo de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas. Ou seja, a enunciação se apoia em estereótipos, contribuindo para reforçá-los ou transformá-los e para que o destinatário do texto adira à imagem projetada pelo enunciador. Em outras palavras,

O poder de persuasão de um discurso resulta, então, em boa parte, do fato de ele levar o destinatário a se identificar com o movimento de um corpo, mesmo muito esquemático, investido de valores historicamente especificados: as “ideias” suscitam a adesão do leitor porque a maneira de dizer implica uma maneira de ser (MAINGUENEAU, 2020, p. 17).

A noção de ethos tem ganhado cada vez mais evidência na área dos estudos discursivos levando em conta o fato de que ela está diretamente ligada à enunciação. Isso se dá por que o ethos, segundo Maingueneau (2006), faz com que o destinatário do discurso seja evocado a um lugar inscrito na enunciação. Para tratar desse processo, Maingueneau (2015) faz uso da metáfora da cena, emprestada da esfera teatral. Segundo o autor, desde a antiguidade alguns pensadores comparam as ações sociais a uma peça de teatro na qual homens e mulheres apenas desempenham papéis, e é justamente quando se aborda o tema dos gêneros discursivos que se evidencia o quanto os indivíduos interpretam um personagem prescrito, já que qualquer gênero do discurso mobiliza os participantes por meio de papéis específicos relativos a deveres e competências também específicos. Ainda de acordo com o autor, no que diz respeito aos gêneros discursivos, “nos encontramos sempre confrontados com o paradoxo de uma teatralidade da qual não podemos sair” (MAINGUENEAU, 2015, p. 118), enfatizando o fato de que, na linguagem, “nossa personalidade” é tecida de múltiplos papéis que nos são impostos.

Segundo Maingueneau (2006), a cena de enunciação de um discurso não é um bloco maciço, mas integra, de fato, três cenas: a *cena englobante*, a *cena genérica* e a *cenografia*. A *cena englobante* corresponde ao tipo de discurso, ao setor de atividade social representado por um conjunto de gêneros discursivos. Em outras palavras, ela confere ao discurso seu estatuto pragmático (discurso literário, discurso religioso, discurso filosófico, discurso publicitário). Em “Discurso e análise do discurso” (2015), Maingueneau observa que, nesse nível, apenas algumas poucas propriedades específicas são impostas aos participantes e, com isso, empresta a noção de “superdestinatário” apresentada por Bakhtin (1984) para explicitar melhor essas restrições. Sendo assim, para Maingueneau (2015, p. 119), o produtor do discurso que advém de uma cena englobante deve, fazendo o uso de sua enunciação, demonstrar que condiz aos

valores arquetipicamente relacionados aos locutores inseridos no contexto da atividade verbal em questão e, desse modo, “um político deve ser ‘um homem de convicções’, um funcionário, um homem ‘devotado’ ao serviço público etc.”.

Apesar da *cena englobante* ser primeiramente evocada por Maingueneau, é a *cena genérica* que será mais tangível aos usuários do discurso. Trata-se do contrato associado a um determinado gênero (editorial, sermão, guia turístico, visita médica, receita etc.). Segundo o autor, as *cenas genéricas* funcionam como normas que desencadeiam expectativas e se associam a cada gênero: uma ou mais finalidades; um estatuto específico para os parceiros da enunciação (gêneros definem papéis específicos aos participantes, aos quais estão atribuídos direitos, deveres e competências específicas); um lugar apropriado para seu sucesso (todo gênero implica um certo lugar legítimo para que seja realizado com êxito); um modo de inscrição na temporalidade (assim como o lugar, todo gênero diz respeito a um momento específico).

O autor observa, além disso, que a temporalidade dos gêneros pode ser percebida por meio de eixos diversos, relativos à periodicidade ou à singularidade da enunciação, à duração previsível, à continuidade do encadeamento e ao prazo de validade dos enunciados; a um suporte (o texto é indissociável de sua forma material, portanto ele próprio adapta sua forma de transporte e, eventualmente, de arquivamento); a uma estrutura composicional (modo de organização dos gêneros); a um uso específico de recursos linguísticos (todo locutor tem a sua disposição um vasto repertório de recursos linguísticos e cada gênero discursivo tem suas restrições nessa matéria).

Apesar de todas as normas constitutivas da *cena genérica*, a singularidade do texto ainda não é totalmente compreendida. Para Maingueneau (2015), enunciar não engloba apenas a ativação das normas de uma instituição de fala prévia, pois pode construir sobre essa ativação uma encenação única da enunciação. A *cenografia*, a terceira cena da enunciação, é apresentada pelo autor como sendo justamente essa encenação, e não, portanto, a cena imposta pelo gênero, considerando-se que é a cena que é construída pelo próprio texto. Assim, por exemplo, o autor de um manual tem a possibilidade de enunciar por meio de uma cenografia que foge da *cena genérica* de costume de um manual, fazendo uso de uma cenografia de um romance de aventura, ou, ainda, um sermão pode ser enunciado por meio de uma cenografia professoral ou amigável.

Segundo Maingueneau, o ethos se manifesta nas três cenas e pode até haver alguma tensão entre aquilo que nomeia de quadro cênico (as restrições impostas pela cena englobante e, especialmente, pela cena genérica) e a cenografia. Mais exatamente, o autor considera que

há diversos modos de genericidade, conforme os gêneros sejam ou não sujeitos a variações, com importação de cenas exógenas variadas ou, pelo contrário, com recorrência a uma cenografia endógena bem rotineira e/ou estável.

Seja como for, conforme ressalta Maingueneau, a *cenografia* nunca é um mero quadro ou ambiente, como se o discurso acontecesse em um lugar pré-construído, independente do discurso. Ela é instaurada conforme o discurso é enunciado, ou seja, é construída pela materialidade linguística do discurso e, para ser legitimada, o discurso a valida em sua própria enunciação. Desse modo, a cenografia é, essencialmente, a cena que a enunciação instaura progressivamente por meio de seu próprio dispositivo de fala. Assim, a cenografia, junto ao ethos ao qual está associada, implica um processo de “enlaçamento paradoxal”. A esse respeito, Maingueneau afirma que

desde sua emergência, a fala é carregada de um certo ethos, que, de fato, se valida progressivamente por meio da própria enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, **aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la**, deve estabelecer que essa cena da qual vem a palavra é precisamente a cena requerida para enunciar nessa circunstância (MAINGUENEAU, 2006, p. 68; grifos nosso).

Diante do exposto, pode-se dizer que a cenografia e o ethos estão enlaçados na medida em que um legitima o outro.

Ainda a respeito da questão do ethos, vale observar que Maingueneau (2006) diferencia dois tipos de ethos: o dito e o mostrado. O ethos mostrado é o que pode ser observado especialmente na materialidade linguística do discurso, a partir de índices textuais de diversas ordens (léxico, estrutura sintática, registro etc.), enquanto o ethos dito diz respeito àquilo que o enunciador diz de si mesmo enquanto enuncia. Por exemplo, o enunciador pode se apresentar como um homem simples, que ama seus filhos, seu país, ou como um político experiente, um administrador etc. Ainda segundo o autor, apesar de o ethos mostrado estar presente em diversos tipos de discurso, o ethos dito, em contrapartida, nem sempre pode ser observado, já que não é em todo discurso que o enunciador fala sobre si mesmo. Sobre a diferenciação entre os tipos em questão, Maingueneau constata que

No interior do ethos dito, podemos isolar um ethos propriamente *verbal*, que incide sobre as propriedades da própria enunciação: “Não sei falar em público”, “não gosto de muita falação”... De fato, a distinção entre ethos dito e mostrado e ethos dito verbal e não verbal se inscreve em um *continuum*: é impossível definir uma fronteira nítida entre o “dito”, quando ele é sugerido, e o “mostrado”, entre os comentários sobre a fala e o que não decorre disso (MAINGUENEAU, 2020, p.12).

Assim, Maingueneau constata a tênue “fronteira” entre os dois tipos de ethos propostos. Por outro lado, o ethos efetivo do enunciador resulta, então, da interação entre seu ethos

discursivo (o ethos mostrado) e seu ethos dito (os fragmentos linguísticos dos quais ele se vale para tratar de sua personalidade). Nesses termos, conforme já apresentado, trata-se da aparência que a cadência, a entonação, a escolha das palavras e dos argumentos conferem ao enunciador.

Ainda sobre a construção do ethos efetivo do locutor, Maingueneau afirma que, apesar do ethos ser intrínseco ao ato de enunciação, é fato que o público pode construir imagens e representações do ethos do enunciador antes mesmo de que ele fale qualquer coisa. Maingueneau (2006) julga necessário, então, distinguir o ethos discursivo, único que corresponde à noção de Aristóteles, e o ethos pré-discursivo, já que mesmo que o destinatário não tenha qualquer conhecimento antecipado sobre o enunciador, o simples pertencer de um texto a um gênero do discurso ou posicionamento ideológico faz com que expectativas sejam criadas em relação à identidade e à representação do ethos do enunciador.

Na distinção entre estes dois tipos de ethos, o autor considera a existência de casos em que o destinatário parece não dispor de representações prévias bem definidas do ethos do enunciador, tal como ocorre quando um indivíduo abre um romance escrito por um autor desconhecido. Contudo, como bem observa o autor, é difícil imaginar a total ausência de ethos, pois mesmo que nada se saiba sobre o sujeito enunciador daquele discurso, ainda se saberá que ele se considera um escritor, um romancista que publica certo gênero de romance por tal editora.

Além disso, ainda de acordo com o autor, a noção de ethos pode se referir a coisas demasiado diferentes a depender do ponto de vista (do locutor ou do destinatário) do qual ela é considerada, ou seja, o ethos visado não é necessariamente o ethos produzido. A título de exemplo, um “professor que quer passar a imagem de sério pode ser percebido como um indivíduo monótono” e, em contrapartida, “aquele que quer passar uma imagem de indivíduo aberto e simpático pode ser percebido como doutrinador ou ‘demagogo’” (MAINGUENEAU, 2006, p. 58).

Como visto, para o analista do discurso, existem inúmeros cenários relacionados à abordagem da noção do ethos. Outra probabilidade reside na pluralidade por meio da qual o ethos se mobiliza. Segundo Maingueneau (2006), durante a identificação do ethos, os fatores que interagem para a elaboração da imagem são muito diversos, indo desde a escolha do registro da língua e das palavras até o planejamento textual (passando por ritmo e modulação). Assim, o ethos é elaborado por meio dessa percepção complexa que põe em ação a afetividade do intérprete, que obtém suas informações do material linguístico e do ambiente.

Tendo em vista essa pluralidade de abordagens, Maingueneau, em “Variações sobre o ethos” (2020), propõe uma classificação da noção objetivando uma melhor abordagem da

diversidade dos possíveis recortes linguísticos feitos pelo analista do discurso. Segundo o autor, a depender do *corpus* escolhido pelo analista do discurso para performar sua análise, podem ser determinados diferentes predicados. A título de exemplo, se o analista estuda anúncios pessoais em sites de relacionamentos, deve privilegiar predicados de ordem psicológica e/ou comportamental (culto, esportista, simples) conectando-os a categorias sociais (solteiro, aposentado etc.). Por outro lado, se o analista decide investigar um gênero político-eleitoral, ele privilegia predicados ligados ao posicionamento ideológico (de direita, socialista) e ao caráter (autoridade, competência).

Assim, a classificação proposta pelo autor consiste na divisão do *ethos* em três dimensões: a categorial, a experiencial e a ideológica. Essas dimensões aparecem, segundo o autor, conforme os tipos de texto em análise. A primeira dimensão, a categorial, abrange os papéis discursivos ligados à atividade da fala, ou seja, à cena genérica (por exemplo: animador, narrador, pregador) e aos estatutos extradiscursivos que advêm de naturezas muito distintas, como pai de família, funcionário, médico etc. A dimensão experiencial, por sua vez, recobre as caracterizações sociais e psicológicas estereotípicas, como o bom-senso, a agressividade e a lentidão. Por fim, a dimensão ideológica diz respeito aos posicionamentos: no campo político, pode-se encontrar representações como feminista, esquerdista, conversador etc.; no campo literário: romântico, naturalista etc. Conforme observa o autor, essas três dimensões podem interagir muito bem, sendo, às vezes, difícil ou mesmo impossível separá-las perfeitamente. Vejam-se os casos citados pelo autor como exemplos dessas situações:

Em *Analisar os textos de comunicação* [...], estudei um artigo publicado em uma revista feminina, dedicado aos “avanços” que as mulheres podem imprimir a sua sexualidade. Pode-se ver em que medida as dimensões ideológica e experiencial do *ethos* são indissociáveis [...] (MAINGUENEAU, 2020, p. 25).

Como esclarece a citação, as imagens de si dos enunciadores podem ser atravessadas por mais de uma das dimensões do *ethos*.

Ademais, Maingueneau ainda observa que, nos gêneros monologais, os locutores possuem mais espaço para apresentarem um *ethos* mais estável, que será identificado a partir da recorrência dos traços linguísticos proeminentes em consonância ao conteúdo de seus enunciados. Por outro lado, ao se considerar gêneros dialogais, como entrevistas, se faz necessário lembrar que, às vezes, os locutores se encontram em um contexto que não favorece a emergência de um *ethos* coerente que vá de acordo com suas supostas “intenções”. Desse modo, Maingueneau (2020) apresenta a necessária distinção entre *ethos* monologal e dialogal, já que, nos gêneros em que ocorre interação oral, os lugares dos envolvidos na interação serão

negociáveis e o desenvolvimento do texto dificilmente obedecerá às estruturas e restrições macroestruturais mais fortes.

Na presente pesquisa, essa distinção foi levada em conta tendo em vista que foram escolhidos, para a análise, textos relativos a um ethos monologal, como o que se encontra em declarações escritas em blogs ou vídeos gravados pela pessoa, e textos que dizem respeito a um ethos dialogal, sobretudo em situações de entrevista. É importante ressaltar que, apesar das entrevistas demonstrarem situações dialogais, todas se dão no contexto citado por Maingueneau (2020), descritas como "entrevistas assimétricas" (MAINGUENEAU, 2020, p. 31), nas quais o entrevistado busca valorizar uma personalidade específica, sem interrupção ao longo das respostas. Assim, de acordo com o autor:

não é porque as interações orais dificultam o controle do ethos que ele desempenhará um papel marginal. Esse é justamente o desafio essencial da interação, quando ela se efetua diante de um público que tem de ser conquistado (MAINGUENEAU, 2020, p. 32).

Com isso, Maingueneau expõe a importância de os analistas lidarem não somente com gêneros mais estáticos, mas, também, os que expressam maior interação.

Maingueneau (2020) também reflete sobre o papel das imagens na construção do ethos, especialmente quando aborda a questão do iconotexto. A esse respeito, o autor observa que o ethos de um romance ou de um programa político se vincula ao campo dos enunciados em língua natural, mesmo que esses enunciados estejam escritos, pois são submetidos a uma formatação visual. Entretanto, a situação se apresenta sob um olhar distinto quando o texto passa a ser associado a uma imagem, especialmente se essa imagem e texto formarem um iconotexto, isto é, se houver entre o verbal e o visual uma “íntima associação” (MAINGUENEAU, 2020, p. 35), como ocorre com os anúncios publicitários. Ou seja, nesses casos, não basta haver imagem, pois ela pode ter uma função meramente ilustrativa.

Por fim, no que diz respeito ao discurso digital, Maingueneau (2020) apresenta uma série de observações sobre o funcionamento do ethos testado pela internet. Entre elas, está a de que, na internet, as cenografias têm duas dimensões: a verbal e a digital. A dimensão digital diz respeito justamente à natureza iconotextual desse tipo de discurso, uma vez que sempre se apresenta como uma imagem que se desdobra, limitada pela tela. Além disso, ele também contém imagens prototípicas, tais como fotos e vídeos, e pode apresentar outras que são oferecidas pelos múltiplos módulos ao olhar do internauta; assim, os gráficos, os títulos destacados, as caixas dos comentários etc. não deixam de ser imagens dotadas de forma e de cor, por exemplo.

O autor também observa que, nesse tipo de discurso, é possível diferenciar pelo menos dois tipos de fontes enunciativas em função do tipo de ethos que favoreçam, embora não se trate de categorias fechadas. Assim, pode haver saliência ou apagamento do ethos. A saliência diz respeito ao ethos pessoal de um indivíduo portador de um nome próprio. Dotado de uma “corporalidade” e de um “caráter”, Maingueneau observa que ele pode desempenhar plenamente o papel de fiador. Segundo o autor, esse caso prospera nos blogs pessoais, nas redes sociais e nos sites de relacionamento. Já o fenômeno do apagamento de ethos diz respeito aos casos em que a instância responsável pelo site se apaga por trás da administração da necessidade dos usuários, ou aos sites que, em diferentes graus, tendem à pura funcionalidade.

2.2. Os registros

Maingueneau (2006), ao mencionar os tipos de unidades com os quais os analistas do discurso lidam, cita o caso dos registros, que são unidades transversas, isto é, atravessam textos de múltiplos gêneros sem inscrição histórica precisa. Assim, podem-se diferenciar registros definidos a partir de critérios linguísticos, funcionais ou mistos. Os linguísticos são aqueles definidos especialmente sobre bases enunciativas, como é o caso da tipologia de Benveniste (1976), que diferencia o registro da “história” e o do “discurso”. Por outro lado, também há tipologias fundadas sobre outras bases, como é o caso das sequências textuais de Adam (1992), que se fundam sobre as estruturas textuais. Os registros definidos por critérios funcionais, por sua vez, podem ser exemplificados pelo célebre esquema das funções da linguagem de Jakobson (2010)¹². Por fim, há unidades definidas a partir de critérios mistos, nos quais se observam traços linguísticos (em geral, traços enunciativos), funcionais e, eventualmente, sociais, o que permite diferenciar registros comunicacionais, tais como o registro didático, o registro de vulgarização etc. Conforme observa Maingueneau, essas unidades estão presentes de forma mais nítida em certos gêneros, mas não de forma exclusiva. Assim, por exemplo, nota-se que o discurso de vulgarização é um tipo de registro muito comum em revistas e manuais, mas também pode ser encontrado em outros gêneros, como o jornal televisado, o jornal impresso do cotidiano, os jornais comunitários¹³ etc.

Nos trabalhos em que trata do ethos, Maingueneau não estabelece nenhum tipo de relação entre a noção de ethos e a de registro, mas, do ponto de vista adotado neste trabalho, a noção de registro pode colaborar para a identificação do ethos, uma vez que se trata de

¹² 22ª edição.

¹³ A esse respeito, veja-se Jurkovich (2020).

configurações textuais que combinam características linguístico-enunciativas a funções sociais. Conforme já dito, adota-se a hipótese de que os tipos de registro dos quais o discurso dos intersexuais se vale projetam imagens distintas, mas não contraditórias, das pessoas intersexuais.

Ainda quanto à questão dos registros, observa-se, neste trabalho, que a identificação dos registros de que se vale o discurso dos intersexuais está ancorada, especialmente, nas reflexões que Orlandi (1987) desenvolve sobre os tipos de discurso. Embora a autora, no trabalho em questão, não classifique como registros as unidades de que trata e que caracteriza a partir de critérios mistos (linguísticos, funcionais e de natureza interacional), entende-se que essas unidades possam, sim, ser tomadas como registros, uma vez que atravessam diversos tipos e gêneros do discurso.

2.3. Estereótipos sociais

Como visto durante os tópicos anteriores, o estudo do ethos possui um enlaçamento direto com a questão dos estereótipos sociais na medida em que, segundo Maingueneau (2006), para que o leitor de qualquer texto possa incorporar a personagem do fiador, é necessário que ele se apoie, mesmo que inconscientemente, em um mundo ético, do qual o fiador faz parte. Esse “mundo ético” é ativado por meio da leitura e consiste em estereótipos culturais que englobam variadas situações estereotípicas relacionadas a variados comportamentos (MAINGUENEAU, 2006, p. 62). Assim, para tratar dos estereótipos presentes no discurso dos intersexuais, este trabalho busca amparo especialmente nas reflexões desenvolvidas sobre o tema no âmbito da Psicologia Social, que é a área das chamadas Ciências Humanas no interior da qual o conceito foi formalizado.

Amossy e Pierrot (2022), em seu livro “Estereótipos e clichês”, propõem uma valiosa análise interdisciplinar da estereotipia, conectando o conceito a diversas perspectivas, inclusive à da Análise do Discurso, que pretende estabelecer essa interconexão para que se desenvolva uma abordagem “multidisciplinar frutífera” (AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 9). As autoras, ao tratarem do crescimento do interesse pela questão da estereotipia, relatam que, desde o início do século passado, a partir do desenvolvimento da imprensa, de outras formas de mídia e das sociedades democráticas modernas surgiu um grande interesse pela noção de estereótipos, descrita pelas autoras como o “pensar pronto, o já dito” (AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 12). Assim, por lidarem com o individualismo das opiniões e expressões, o tema acaba se tornando

interessante para análise em campos distintos das ciências humanas: as ciências sociais, os estudos de linguagem, os estudos literários etc.

De maneira geral, o termo “estereótipo” passa por uma variação em sua definição ao longo dos anos, que começa em Larousse (1875) no verbete “obra estereotipada”, definida como “impresso com placas cujos caracteres não são móveis, e que se conservam para novas tiragens” e passa por Balzac que, em *Le Père Goriot* (1834), utiliza o termo em um diálogo: “Essas bobagens estereotipadas que usam os principiantes parecem sempre encantadoras às mulheres e só são pobres quando lidas a frio” (*apud* AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 33). Entretanto, é só no século XX que o termo aparecerá com o sentido mais conhecido atualmente, a partir, principalmente, das obras de Lippman (1922), primeiro autor a formular a noção de estereótipos.

Lippman (1922) considera, então, os estereótipos como sendo “imagens cristalizadas” retiradas de “esquemas culturais preexistentes”, e é por meio desses esquemas que cada indivíduo filtra a realidade ao seu redor (AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 34). Sobre a conceitualização dos estereótipos pelo ponto de vista de Lippman, Amossy e Pierrot afirmam que

[...] essas imagens são indispensáveis para a vida em sociedade. Sem elas, o indivíduo ficaria submerso no fluxo e refluxo da sensação pura; ser-lhe-ia impossível compreender o real, categorizá-lo ou atuar sobre ele. Como examinar cada ser, cada objeto em sua especificidade própria e em detalhe sem vinculá-lo a um tipo ou a uma generalidade? [...] seria exaustivo no curso da existência e praticamente fora de questão (AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 34).

Conforme pode se observar a partir do excerto, para Lippman, os estereótipos são de extrema importância para o processamento das informações que nos cercam e para a concretização de relações sociais, relações essas que acontecem por meio da observação dos traços dos indivíduos ao nosso redor e da compleição desses traços com os estereótipos que já se conhecem sobre o lugar que ocupam. A título de exemplo, é por essa lógica que o empregado conduzirá seu relacionamento com seu empregador ou até que um eleitor votará em um candidato que não conhece pessoalmente.

Como os estereótipos resultam de um processo de generalização do real, que o simplificam e produzem uma visão esquemática e característica, podem favorecer a emergência de preconceitos. Jahoda (1964), sobre esse processo, afirma que “um estereótipo é uma crença que não é dada como uma hipótese confirmada por provas, mas é, antes, considerada, de maneira inteira ou parcialmente equivocada, como um fato dado” (JAHODA, 1964, p. 133 *apud* AMOSSY & PIERROT, 2022, p. 35). John Harding (1968), por sua vez, também apresenta algumas observações muito pertinentes a esse respeito. Mais especificamente, o autor afirma

que o estereótipo é, ao contrário do que se pensa, um conceito mais simples do que complexo e mais inexato do que exato. Além disso, o autor acrescenta que a noção é adquirida indiretamente, ou seja, a noção de estereótipos que se tem sobre qualquer classe de indivíduos, muitas vezes, é adquirida por meio de relatos, representações feitas por terceiros, ou seja, via cultura, e não a partir de uma experiência e contato direto com essa classe. Sendo assim, Harding (1968) constata não só que os estereótipos não constituem uma representação fiel da realidade, como também que eles resistem às mudanças que podem acontecer na sociedade.

Por outro lado, destaca-se que, conforme bem ressaltam Ashmore e Del Boca (1981), os estereótipos não devem ser compreendidos como sendo constitutivamente ruins, pois são estruturas cognitivas próprias ao funcionamento do cérebro humano, e como tal não comportam esse tipo de classificação. Assim, é um equívoco tomá-los como algo bizarro, anormal ou patológico. Segundo Fox (1992), os estereótipos não são uma doença da mente, mas parte de sua constituição básica; é por isso que o autor afirma que é preciso “aceitar a ideia de que o preconceito não é uma forma de pensar, mas que pensar é uma forma de preconceito” (FOX, 1992, p.151).

No âmbito da Análise do Discurso, pode-se reconhecer que os primeiros interesses da corrente pela noção se dão a partir da noção de “pré-construído”, mencionada, primeiramente, por Michel Pêcheux (1975). De acordo com Pêcheux (1975), o “pré-construído” pode ser definido como o que faz referência a uma construção já existente, em oposição ao que é construído pelo enunciado. Linguisticamente, a noção corresponde a algumas formas de encadeamento sintático, como, a título de exemplo, nominalizações ou construções epítéticas, que apresentam uma parte do discurso como se ela já existisse antes da enunciação. Nas palavras de Amossy & Pierrot:

o julgamento ‘pré-construído’ na relação sintática é um elemento precedente ao discurso, não estabelecido pelo sujeito enunciadador, não submetido à discussão, cuja origem discursiva foi esquecida (AMOSSY & PIERROT, 2022, p. 124).

De acordo com a citação, pode-se perceber que o pré-construído é uma noção que permite pensar na questão dos estereótipos. Essa conexão se dá na medida em que as construções que denominam a noção apresentam uma constatação de evidência infinita que diz respeito a um “sujeito universal” (AMOSSY e PIERROT, 2022, p. 125). Em outras palavras, o pré-construído tem sua origem em uma definição de sujeito que, longe do sujeito da pragmática linguística tomado como idealista, se assemelha a um sujeito de uma linguagem na qual o que é pré-afirmado se sobrepõe ao que é afirmado. No pré-construído, então, o estereótipo se forma de duas maneiras: a primeira diz respeito à designação de uma construção sintática que provoca

o desencadeamento do pré-afirmado, e a segunda diz respeito a como o pré-construído se dá entendido como o traço discursivo que tem como sua origem o resultado de um apagamento do saber.

Considerando-se, conseqüentemente, as pesquisas que os analistas dos discursos conduziam a partir das reflexões de Pêcheux, constata-se que eles se centravam, principalmente, no estudo das ideologias políticas. Além do mais, esses estudos aconteciam a partir da seleção de um *corpus* fechado oriundo de um recorte feito pelo pesquisador e, então, aplicavam-se procedimentos de análise provenientes da linguística. A título de exemplo, citam-se os trabalhos de Guilhaumou, Mالدیدیر, Prot e Robin (1973) lembrados por Amossy e Pierrot (2022), nos quais os autores analisaram o lexema *sans-culotte* (termo pejorativo utilizado durante a Revolução Francesa pelos nobres para descrever os mais pobres) em comparação com outros lexemas e, a partir disso, desenvolveram uma análise comparativa.

Posteriormente, os analistas passaram a julgar insatisfatória a consideração de *corpus* fechados nos quais se colocava em evidência conjuntos lexicais. A partir disso, então, passa a se fazer diferentes recortes que não descartam grande parte do *corpus* selecionado, o que leva ao desenvolvimento da forma de análise contemporânea do discurso em relação aos estereótipos, análise esta que supera a abordagem feita durante a primeira escola francesa da análise do discurso.

Considerando-se os estudos contemporâneos da AD, no interior dos quais há intercâmbio teórico entre teorias, destacam-se os trabalhos de Marie-Anne Paveau (2013), que promovem uma conexão inovadora entre a Análise do Discurso e os estudos sociocognitivos. Nesse quesito, Paveau desenvolve a noção de “pré-discurso”, que se assemelha à linha de trabalhos de Pêcheux sobre o “pré-construído”. Segundo Paveau, os pré-discursos são:

[...] um conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional para a produção e interpretação do sentido em discurso. Compreendo por pré-discurso **conteúdos semânticos (no sentido amplo de cultural, ideológico, enciclopédico), ou seja, saberes, crenças e práticas, e não unicamente formas** (PAVEAU, 2013, Prefácio, §2; grifos nossos).

De acordo com a citação, é possível perceber que se deixa de considerar os estereótipos como “objetos específicos” de uma análise e se passa a pensá-los como sinais dos pré-discursos (AMOSSY & PIERROT, 2022, p. 128). A noção de pré-discurso desenvolvida por Paveau implica, assim, que ela está conectada à constituição desses “quadros pré-discursivos”, ou seja, saberes que existem anteriormente à construção do discurso.

Ainda sobre a Análise do Discurso contemporânea, percebe-se que, nos estudos franceses desenvolvidos nos últimos anos, há uma preocupação em descrever os

funcionamentos discursivos entre duas áreas disjuntas: a social e a verbal. Para que essa descrição seja desenvolvida, os analistas focam na observação de “textos em situação de enunciação e seus quadros genéricos” (AMOSSY & PIERROT, 2022, p. 129) e, em consequência, voltam grande atenção ao interdiscurso, noção já citada durante este trabalho.

Um dos estudiosos do interdiscurso é justamente Maingueneau (1997) e, segundo ele, a enunciação discursiva é constantemente atravessada por “outros” – aqui, pensados como memórias de palavras e sentidos já utilizados e/ou ouvidos que podem ser reditos ou contrariados. Os estereótipos, ou cristalizações, são estudados a partir da noção de interdiscurso, na medida em que se examina a rede interdiscursiva para a qual eles contribuem na produção de sentido. De fato, Maingueneau promove outras maneiras de se analisar a estereotipia, na medida em que desenvolve as noções de cena genérica e de cenografia e, mais especificamente, é no desenvolvimento da noção de ethos que passa a se tratar dos estereótipos de forma mais explícita. Sobre a importância da estereotipia para a construção da análise do ethos, Amossy e Pierrot (2022) observam que:

os analistas do discurso estudam assim as modalidades discursivas de uma construção de ethos baseadas nos modelos pré-fabricados fornecidos pela cultura ambiente, o domínio profissional no qual o locutor age e interage, o grupo social do qual ele participa etc. Eles examinam também a maneira **como os locutores tentam desmanchar as representações sociais que lhes são desfavoráveis** e que arriscam atrapalhar seu projeto (AMOSSY & PIERROT, 2020, p. 130; grifos nossos).

Com a citação das autoras, confirmam-se algumas das considerações que já foram feitas neste trabalho, tal como a de que a construção da imagem que o locutor tem sobre si mesmo em seu discurso está baseada em representações sociais prévias, ou seja, já cristalizadas na sociedade, representações – estereótipos – que a enunciação ajuda a reforçar e/ou a transformar, conforme bem observa Maingueneau. É assim que, por exemplo, um político pode enunciar projetando de si uma figura paterna preocupada com seus “filhos”, aos quais corresponderiam indiretamente os cidadãos (do país/estado/cidade).

Ao comentarem sobre a análise atual do discurso midiático e político, Amossy e Pierrot (2022) retomam algumas metodologias utilizadas pelos analistas para tratarem do ethos e dos estereótipos. Segundo as autoras, destaca-se, tomando como base *corpora* compostos por um número significativo de exemplares, a formação de representações coletivas de acordo com o imaginário da época estudada, para que seja possível compreender a função dessas representações. Além disso, elas adicionam que, para examinar essas imagens e representações, os analistas recorrem às “frequências lexicais”, às “situações de enunciação”, às “ancoragens

linguísticas do discurso” e aos “mecanismos languageiros como tais” que exploram o que é construído e difundido por meio dos discursos (AMOSSY & PIERROT, 2020, p. 131).

Assim, tendo em vista o que foi exposto até então, pretende-se investigar de que modo os estereótipos que circulam sobre os intersexuais corroboram para a manutenção e/ou transformação da posição social de seu grupo. No próximo item, encerra-se a apresentação das teorias que dão sustentação à análise da identidade dos intersexuais em seu discurso com uma breve explanação dos Estudos de Gênero.

2.4. Estudos de Gênero

Originados a partir de uma tentativa de perspectiva multidisciplinar, à medida que as Ciências Sociais entraram em crise no fim dos anos 1960, os Estudos de Gênero objetivavam, inicialmente, integrar o arcabouço teórico-metodológico dos estudos feministas. Essa integração pretendia, até então, fortalecer as lutas tomadas na época no campo do empoderamento feminino, especialmente contra a opressão das sociedades baseadas no patriarcado. Entretanto, ao passar dos anos, com o próprio amadurecimento do campo de estudo, os Estudos de Gênero passaram a constituir uma área de pesquisa essencial para a observação e análise do que envolve o exercício do poder heteronormativo.

Mais especificamente, as reflexões sobre a heteronormatividade lidam com as formas de controle e de disciplinarização da sociedade, que resulta na exclusão e marginalização de grupos que destoam da norma padrão: as mulheres, os transexuais, os homossexuais, as lésbicas e, por consequência, também, os intersexuais. Uma das principais teóricas dos Estudos de Gênero é, de fato, a autora Judith Butler que, em livros como “Corpos que importam” (2019²) e “Problemas de gênero” (2019¹)¹⁴, apresenta questionamentos sobre as políticas do corpo e a quem elas se aplicam. Assim, toma-se a teoria desenvolvida pela autora, principalmente sobre a performatividade do gênero, para guiar esta pesquisa na análise sobre a identidade das pessoas intersexuais. Sobre a importância dos Estudos de Gênero em conexão com os estudos da linguagem, Nigro *et al* (2018) postula que:

Ao reivindicarmos papéis fora da heteronormatividade, lemos alguns **enunciados que retratam verbalmente problemas de gênero**. No entanto, não delineiam apenas realidades palpáveis. Os enunciados sobre gênero são **atos de fala** [...] e têm o propósito não de simplesmente contar em palavras o que se passa no Brasil e em outros países ou de reproduzir atitudes tradicionais, mas efetivamente **refletir o que há nessas atitudes**, a fim de afetar, **modificar e influenciar o mundo** (NIGRO *et al*, 2018, p. 7, grifos nossos).

¹⁴ 18ª edição.

Como propõe a autora, por meio dos enunciados ou atos de fala proferidos por aqueles que reivindicam papéis que não obedecem às regras da heteronormatividade, será possível entender pelo que esses indivíduos passam e, por fim, como “modificar” essas ditas “atitudes tradicionais”. Ao abordarem os “problemas de gênero”, as autoras apresentam uma contribuição importante para esta pesquisa: a conceitualização de gênero, especialmente porque, como será explicitado mais à frente, a partir da definição da noção de gênero, atribui-se a ela uma faceta discursiva. A esse respeito, Nigro *et al* (2018) observam que emerge daí uma interconexão entre os estudos de gênero de Butler e os estudos literários e discursivos, que acaba se tornando uma grande aliada dos estudos sobre a própria condição humana.

Até 1950, o conceito de gênero não passava de uma categorização biológica entre os dois sexos, considerados, até então, feminino e masculino. Tendo como base essa categorização, era fato que sexo e gênero eram tomados como sinônimos. A partir da irrupção dos estudos culturais, sociais, feministas etc. passa-se a problematizar a concepção biológica de gênero, até que se perceba sua conexão com a atmosfera cultural e social. Torna-se possível, a partir desse momento, atribuir ao termo “gênero” acepções ligadas à cultura, nas quais masculino e feminino são evidenciados como noções mais abstratas (NIGRO *et al.*, 2018).

A abstração atribuída às noções de masculino e feminino passa a ser entendida como algo que pode ser antecipado e produzido por meio de atos corporais em um “efeito alucinatório de gestos naturalizados” (NIGRO *et al.*, 2018, p. 16). Assim, a noção de gênero passa a ser conectada à cultura e ao *discurso*, assumindo um *caráter performativo* e um papel importante nos debates e na problematização do binarismo sexista e na discussão em torno das relações assimétricas de poder que dominam as relações entre os gêneros.

Judith Butler, em produções como “Variações sobre sexo e gênero” (1987) e “Problemas de gênero” (2019_b), apresenta uma nova perspectiva para a noção de gênero, atribuindo a ela um caráter performativo. A autora esquematiza o processo pelo qual as identidades sexuais padrão constituem um reflexo da sociedade heteronormativa. Desse modo, suas críticas residem no fato de que as relações identitárias predominantes nessas sociedades são as de binaridade e, tomando esse ponto de vista, Butler propõe que, antes de definir sua identidade sexual, o sujeito passa por um processo de identificação sexual que acontece por meio da performance de gênero.

Sobre o caráter performativo do gênero, a autora (2019_b) entende o conceito como artificial, não inato ao ser humano. Assim, os sujeitos, fazendo aqui uso da metáfora do teatro, ao passarem pelo processo de identificação sexual, vivenciam uma encenação, como se

estivessem em um palco representando o gênero atribuído ao seu sexo biológico por meio da interpretação dos papéis geralmente atribuídos a esse gênero. A identificação, ou “escolha”, de um gênero se dá, segundo a autora (1987), por meio de uma assimilação de regras pré-existentes sobre gênero em questão. Sobre a problemática da definição do gênero, Butler afirma que:

O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, a aparência de uma maneira natural de ser (BUTLER, 2019_b, p. 33).

Conforme visto, o gênero é, então, esse conjunto de “atos repetidos”, e é com base nesse fato que os sujeitos interpretam sua identidade sexual. Ainda sobre a questão da performance, pode se afirmar que o ser humano, durante sua experiência de vida, tem a possibilidade de assumir diferentes lugares atribuídos à feminilidade ou à masculinidade e, tendo em vista essa instabilidade dos corpos (da sexualidade e do gênero, também), Nigro *et al.* (2018) afirma que, a partir disso, é possível constatar o traço construído do gênero, alegando que ele é uma performatividade social e política, como também alega Judith Butler (2019_a, 2019_b).

Segundo Butler (2019_b), não existe qualquer identidade que seja dada ou natural, mas, sim, construída a partir da linguagem e do discurso¹⁵. Ainda segundo a autora, não há, além disso, nem mesmo uma identidade tomada como principal ou centralizadora, pelo contrário, existem identidades plurais, próprias de um sujeito fragmentado. Assim, o gênero passa a ser considerado como um dado discursivo, e não pré-discursivo, ou seja, ele não é inato ou natural aos seres humanos, ele é construído ao longo da enunciação.

Para Butler (2019_a), o fenômeno discursivo responsável pela naturalização e cristalização da identidade é, assim, a “reiteração”, retomada por Nigro *et al.* (2018) como uma “sequência de atos repetidos que estilizam o corpo, de acordo com normas rígidas” (NIGRO *et al.*, 2019, p. 17). Nas próprias palavras da autora: “não existe nenhum poder que age, mas apenas um agir reiterando, que é o poder em sua persistência e instabilidade” (BUTLER, 2019_a, p. 09). É possível concluir, então, que a identidade de gênero de um certo indivíduo pode transpassar por meio da grafia de seu texto, funcionando, então, como uma “tradução de memórias que desponta em termos de contraponto” (NIGRO *et al.*, 2019_a, p. 18).

Em “Corpos que importam” (2019_a), Butler desenvolve sua tese em volta dos limites discursivos do “sexo”, como ela mesma propõe. A tese construída pela autora se concentra, especialmente, na definição de sujeitos que reivindicam espaços ausentes, vazios na sociedade.

¹⁵ Butler se aproxima, nesse ponto de sua teoria, às reflexões de Foucault (2007), na medida em que propõe que não existe gênero que se anteceda à linguagem e, por isso, ele é formado discursivamente.

Esses sujeitos são designados pela autora como “abjetos”, ou seja, os sujeitos invisíveis, marginalizados. Mais especificamente, a abjeção para Butler pode ser designada como as zonas socialmente não habitáveis, ou, como pontua Nigro *et al.* (2018, p. 19) como “o excesso considerado lixo pelo sistema que se pauta pelo poder da norma, da forma padrão dos corpos e comportamentos”. O ser “abjeto” é ser um corpo do qual a vida é desconsiderada, da qual a materialidade, noção frequentemente abordada em “Corpos que importam” (2019_a), não importa.

Sobre essa situação de invisibilidade, Nigro *et al.* (2018) propõe que, para sair da abjeção, é necessário fazer uso do discurso, tendo em vista as afirmações de Butler (2019_a) sobre os atos de fala. Para a criadora do termo “abjeto”, como é tomado nesta pesquisa, os atos de fala são invariavelmente performativos e, ainda mais, evidenciam a performatividade do corpo na medida em que criam espaços de articulação. Sobre os atos de fala performativos, Butler (2019_a) afirma, ainda, que nós nos construímos por meio de vocábulos que, muitas vezes, não escolhemos e, frequentemente, é necessário que nos livremos deles, rejeitando-os, ou encontrando novos vocábulos para substituí-los.

Butler, em seu artigo “*Bodies that still matter*” (2018), apresenta uma importante consideração sobre vidas incorporadas¹⁶ e corpos que importam. Para a autora, a época em que se está é a de reconsiderar as demandas de todos os corpos e, além disso, de retornar à questão sobre a incorporação e representação, para que seja possível entender todas as demandas – feitas por sujeitos incorporados, ou feitas em seu nome quando sua própria voz e discurso não são levados em conta – para uma condição de vida digna.

Ainda para a autora (2018), essas demandas podem ser pensadas como discursos enunciados, declarações políticas, demandas articuladas etc. Normalmente, observam-se esses enunciados a partir de uma perspectiva de tomada de posição; trata-se, em sua maioria, de enunciados que iniciam com pronomes plurais que pressupõem um sujeito coletivo, e não individual. A título de exemplo, Butler cita enunciados como: “*we want affordable housing or education*” ou “*we want free passage*”. Contudo, além das demandas por uma condição digna de vida, a autora propõe que, nesta época, há uma demanda do corpo mais urgente. Nas palavras da autora, sobre a urgência de retratar os pedidos e vozes daqueles que não são ouvidos,

There is a prior claim that the body makes, a bodily claim, whether or not it speaks or writes, and whether or not it is heard [...] I mean only to suggest that feminist, queer, trans reflections on embodied life relate directly to the politics of the body emerging in our time (BUTLER, 2018, p. 21).

¹⁶ No original: *embodied life*.

A partir das observações da autora, nota-se a urgência da retratação do discurso das minorias. Daí, inclusive, a importância de trabalhos que versem sobre esses discursos, que lhes confirmem visibilidade. É justamente nessa linha de investigação que este trabalho se inscreve.

A seguir, apresenta-se a descrição do *corpus* selecionado para esta pesquisa.

2.5. O *corpus*

Levando em conta que o *corpus* definido para essa dissertação diz respeito a um conjunto de produções de mídias digitais agrupadas por critérios definidos em função dos próprios objetivos desta pesquisa (isto é, não se trata de um *corpus* que já se encontrava mais ou menos disponível, identificável por critérios exteriores à própria pesquisa), apresentam-se alguns esclarecimentos relativos a esse tipo de unidade discursiva, a partir das considerações feitas por Maingueneau (2015) sobre as unidades com as quais se lida na AD francesa.

Em “Discurso e análise do discurso” (2015), Maingueneau reflete sobre algumas das diversas formas pelas quais, atualmente, o universo do discurso é categorizado tanto pelos usuários comuns quanto pelos estudiosos da linguagem. Para o autor (2015, p. 65), a categorização do universo pelos indivíduos comuns acontece na medida em que eles identificam, a todo momento, as atividades verbais nas quais estão “inseridos e implicados”. A título de exemplo, o autor cita asserções como “preciso redigir meu relatório” ou “adoro mexericos”, nas quais se pode perceber como o usuário comum da língua define e identifica a atividade verbal de que participa. Já os analistas do discurso precisam lidar com três níveis complementares de categorização. Assim, Maingueneau (2015, p. 65) observa que os analistas devem “refletir sobre o sentido e os efeitos das categorizações efetuadas pelos diversos tipos de usuários”; eles também devem, segundo ao autor, repertoriar e classificar “as atividades discursivas, apoiando-se em critérios que pretendem rigorosos”; finalmente, devem categorizar “os tipos de unidades com as quais eles próprios trabalham, unidades construídas em função das restrições e dos objetivos da pesquisa sobre o discurso”.

A respeito desse último tipo de categorização, o autor observa que existe uma distinção que se impõe, inicialmente, entre as unidades com as quais os analistas lidam em suas pesquisas: a diferença entre as unidades *tópicas* e as *não tópicas*. De acordo com Maingueneau, as unidades *tópicas* são pré-recortadas pelas práticas sociais, o que implica que, por natureza, são definidas como uma extensão das categorizações feitas pelos próprios atores sociais e se articulam dentro da categoria dos gêneros dos discursos – o que, para o autor, é entendido como

“uma instituição de fala, um dispositivo de comunicação sócio-historicamente determinado: o jornal televisivo, a consulta médica etc.” (MAINGUENEAU, 2015, p. 66).

Por outro lado, as unidades não tópicas são construídas pelos pesquisadores tendo como base as unidades tópicas, visto que não é possível performar a análise do discurso sem que se apoie nelas de alguma forma, ainda que não sejam suficientes para apreender todo o funcionamento do discurso. Desse modo, como bem observa Maingueneau (2015), a AD é uma disciplina cindida por uma “fissura constitutiva”, pois é impossível fazer a síntese entre uma abordagem que se apoia sobre fronteiras e uma que se nutre dos limites pelos quais a primeira se institui. A essa dificuldade soma-se uma outra, relativa à própria natureza do discurso: ainda que tenha seu sentido construído no interior de certos limites, como se sabe, sempre mobiliza elementos de seu exterior. Recuperando o conceito de dialogismo desenvolvido por Bakhtin, Maingueneau expressa-se sobre o primado do interdiscurso sobre o discurso para apresentar justamente essas unidades que rompem fronteiras:

Toda enunciação é habitada por outros discursos, por meio dos quais ela se constrói. Os analistas do discurso, assim, são levados a desenvolver não somente abordagens que se apoiam nas fronteiras, mas também abordagens que as subvertem (MAINGUENEAU, 2015, p. 81).

Assim, como se pode concluir a partir da citação, os analistas do discurso devem se ater à constituição heterogênea do discurso, desenvolvendo abordagens que consigam lidar com essa questão. Pensando nas abordagens que subvertem as fronteiras entre os discursos, Maingueneau (2015) afirma que as *formações discursivas* (FDs) são as unidades não tópicas que logo se impõem, que se destacam.

Com uma dupla paternidade, isto é, M. Foucault e M. Pêcheux, as FDs são concebidas por ambos como um sistema de restrições invisíveis. Foucault, em *Arqueologia do Saber* (2008¹⁷), elabora o conceito de formação discursiva enquanto objetivava desconstruir categorias bem sedimentadas, tais como gênero, disciplina, obra, ou seja, unidades tópicas. Em outras palavras: o filósofo pretendia diferenciar conjuntos discursivos que não eram arbitrários, embora não fossem normalmente visíveis, e, desse modo, poderia explicar diversos fenômenos. Michel Pêcheux (1971), por sua vez, ao desenvolver suas teorias sobre as formações discursivas, se apoia nas primeiras ideias desenvolvidas por Foucault e, além disso, em filósofos marxistas que analisavam a sociedade por meio dos espectros da “formação social” e da “formação ideológica”. A respeito da relação entre as formações ideológicas e as formações

¹⁷ 7ª edição.

discursivas, Pêcheux afirma:

Falaremos de *formação ideológica* para caracterizar um elemento capaz de intervir – como uma força confrontada a outras forças – na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um momento dado. Cada formação ideológica constitui, desse modo, um conjunto complexo de atitudes e de representações nem “individuais” nem “universais”, mas que se relacionam mais ou menos diretamente com posições de classes em conflito umas em relação às outras. Avançaremos, apoiando-nos em grande número de observações contidas no que denominamos “os clássicos do marxismo”, que **as formações ideológicas assim definidas comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma alocução, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa etc.) a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada** (PÊCHEUX *et al.*, 1971; apud MAINGUENEAU, D. 2015, p. 82 grifo nosso).

Como pode se notar, a noção de FDs de Pêcheux considera o conflito entre as classes e, além disso, as diversas representações e “ideias” que emergem desse princípio constitutivo (a luta de classes) das próprias classes sociais.

Maingueneau (2015, p. 83) observa que, posteriormente, a noção de FD continuou a ser empregada sem referência clara a Foucault nem a Pêcheux. Segundo o autor, o interesse pela noção de formação discursiva reside justamente na “permissão de construir *corpora* heterogêneos, reunir livremente enunciados originários de diversos tipos de unidades tópicas”. Mais exatamente, trata-se de reunir um conjunto de textos em função de algum critério, independentemente das fronteiras pré-estabelecidas pelas práticas verbais. Assim, é o pesquisador, em função de suas questões de pesquisa, que deve estabelecer os limites dessa realidade heterogênea com a qual se propõe a trabalhar.

A esse respeito, Maingueneau (2006, p. 19, grifo do autor) destaca o caráter dinâmico e agentivo do termo “formação”, já que, nesse caso, não se trata de considerá-lo em uma perspectiva estática, recuperando alguma unidade já existente, pois é justamente o analista que “dá forma a uma configuração original”. Certamente, não se trata de uma atividade completamente autônoma, pois o analista deve partir de hipóteses bem argumentadas, associando produções diversas apesar de sua heterogeneidade. Desse modo, o analista pode associar produções de tipos e gêneros discursivos diversos, de diferentes campos e de aparelhos, de diferentes registros etc. Pode, ainda, misturar *corpus* de arquivos com *corpus* construídos pela pesquisa (testes, entrevistas, questionários etc.).

Como observa o autor, unidades como “o discurso racista”, “o discurso colonial”, “o discurso machista” são bons exemplos de formações discursivas, ou seja, de unidades que implicam a construção de *corpora* heterogêneos, que dizem respeito a discursos que ultrapassam fronteiras. Por outro lado, apesar dessa heterogeneidade, pesquisas assim pressupõem que os textos de gêneros diversos que o analista reúne sejam unificados em um nível superior por algum foco onipresente (seja ele o racismo, o machismo etc.) que os faça convergir. Nesses termos, haveria alguma “mentalidade” que, em graus diversos e segundo estratégias diferentes, estaria regendo, mais ou menos secretamente, as falas e os pensamentos dos grupos considerados. Maingueneau (2015) também observa que a natureza desse foco varia bastante conforme as entidades implicadas. Por exemplo: na análise do discurso de um grupo como o de uma classe de trabalhadores, as enfermeiras, por exemplo, o foco remete a interesses mais claros, próprios da categoria (interesses corporativistas), mas, no caso de discursos como o discurso racista ou o machista, o foco diz respeito a motivações claramente inconfessáveis e inconscientes.

É de acordo com essa última possibilidade que o presente trabalho fundamenta a construção de seu *corpus*, ou seja, esta pesquisa diz respeito a uma formação discursiva de identidade, na medida que trata do discurso de pessoas intersexuais, que é aqui representado a partir de um *corpus* construído com o agrupamento de textos de alguns tipos de gêneros. Apesar de Maingueneau (2015) considerar a possibilidade de o pesquisador constituir seu *corpus* de enunciados que ele ou ela mesmo suscitou (como de entrevistas ou questionários), esta pesquisa retira completamente seus enunciados de mídias já existentes; em linhas gerais, trata-se de textos em que pessoas intersexuais falam de sua condição nas redes sociais.

A esse respeito, observa-se que tomar as produções que são agrupadas aqui nos termos de uma FD talvez não seja a opção mais óbvia considerando os discursos que são tipicamente considerados como formações discursivas, tais como o discurso racista, que é justamente um discurso bastante disperso e que tem certamente outro tipo de circulação quando comparado com o discurso dos intersexuais. Por outro lado, conforme observa o próprio Maingueneau, “pode-se afinar bastante a caracterização dessas formações discursivas, que abrem outras possibilidades além daquelas que exemplificam entidades como ‘o discurso racista’ ” (MAINGUENEAU, 2006, p.17). Assim, pode-se dizer que a noção de formação discursiva “[...] não recobre uma realidade homogênea. Em função do critério em virtude do qual se reúnem textos que nela se integram, podemos distinguir diversos tipos de formação discursiva” (MAINGUENEAU, 2015, p.83). Desse modo, pode-se dizer que o conceito está sendo

empregado aqui de uma forma mais ampla, já que não se refere, conforme seria o esperado¹⁸, a um discurso disperso que atravessa fronteiras entre campos; trata-se apenas de acentuar o fato de que o *corpus* é constituído por um conjunto de produções agrupadas por um princípio definido para e pela pesquisa, e não anterior a ela. Mais exatamente, neste trabalho, o *corpus* diz respeito a um conjunto de produções digitais relativas a alguns gêneros discursivos diferentes, agrupadas especialmente em função do fato de serem produções recentes em que pessoas intersexuais falam de sua condição nas redes sociais.

Assim, a constituição do presente *corpus* leva em conta a relevância do discurso das mídias digitais para pesquisas científicas desenvolvidas atualmente. Sobre a importância das mídias digitais e, dentro delas, das redes sociais, constata-se que elas passaram a fazer parte da rotina de muitas pessoas desde que se tornaram populares, e que boa parte de sua popularidade está conectada a alguns fatores específicos. Entre eles, observa-se a ânsia por estar constantemente *online* combinada aos avanços da tecnologia da comunicação e, além disso, ao desejo e necessidade humana de manter e criar relacionamentos. Essa última é, de fato, sua função mais importante e popular: permitir que pessoas que partilham os mesmos interesses, lugares e contextos sociais troquem ideias, opiniões e conhecimento, isto é, a facilitação da comunicação. Além desses fatores, conforme pontua Lima (2012), as redes sociais desempenham grande papel em prol da sensação de pertencimento dos indivíduos, ou seja, a partir das diversas manifestações pessoais, políticas e ativistas publicadas em plataformas como Twitter, Facebook, Youtube e Instagram, os usuários dessas redes passam a se identificar com diferentes causas e, a partir disso, aderir ao discurso dessas causas.

Ainda sobre o importante papel desempenhado pelas redes sociais, Castells (2009) assinala que a maior motivação para que se use a internet se encontra na comunicação e que, além disso, essa motivação comunicativa possibilitada pela internet permite constatar o importante papel da troca de informação online em múltiplos eventos de mudança social presenciados nos mais diversos espaços geográficos e sociais ao longo dos últimos anos. Alguns exemplos desse fato são que a internet, seus blogs e redes sociais permitiram que diferentes pessoas entrassem em contato com novas perspectivas sobre acontecimentos populares ao redor

¹⁸ Uma alternativa que foi aventada durante a defesa desta dissertação seria a de considerar o discurso em análise como o discurso de uma comunidade discursiva em formação nas redes sociais; essa alternativa, embora evite a necessidade de se empregar o conceito de FD de uma forma mais ampla do que seria o desejável, implica, por outro lado, responder a questões que escapam aos propósitos do trabalho, como, por exemplo, definir o campo ao qual a comunidade estaria ligada etc.

do mundo, como as guerras que se passam no Oriente Médio, o anúncio da escolha de um candidato a vice-presidente dos EUA, a revolta popular de setembro de 2010 em Moçambique, que também foi organizada por meio de mensagens, e até mesmo as manifestações populares brasileiras de 2013, que foram organizadas via Facebook, Twitter e Instagram (CASTELLS, 2009). Sobre a impactante faceta das redes sociais em mudanças socioambientais, Armani afirma que

É crescente no mundo todo o uso da comunicação virtual para realizar campanhas e ações em prol de causas sociais e políticas. Seu apelo é enorme especialmente entre o público jovem. Esse é um caminho promissor, e até mesmo inevitável, para o fortalecimento das ONGs e dos movimentos sociais como sujeitos políticos e também sua sustentabilidade. (ARMANI, 2008; *apud* LIMA, 2012, p. 74).

A partir da citação acima, pode-se perceber que, apesar do processo de identificação com causas sociais e ativistas já acontecer na vida fora da internet, ele se intensifica a partir do momento em que passa a acontecer em vias *online*, justamente pela natureza da internet e redes sociais que, de acordo com Moraes (2007, p. 01) é um “ecossistema digital caracterizado por arquitetura descentralizada, multiplicação de fontes de emissão, disponibilização ininterrupta de dados, sons e imagens, utilização simultânea e interações singulares”.

A quebra de barreiras geográficas, já citada anteriormente, é outro fator importante quando se pensa na adesão às redes sociais. Não ter a distância física como um fator decisivo e limitante na realização da comunicação é, certamente, um dos fatores que torna a internet e suas redes sociais tão vantajosas para seus usuários. A troca de informações entre diferentes culturas, a possibilidade de ter acesso a diferentes pontos de vista sobre qualquer situação e a facilidade de interagir com outras pessoas que estejam passando pela mesma dificuldade que você: são esses os fatores que ajudam a compreender o fascínio dos usuários pelas suas redes sociais. Diretamente atrelada à quebra de barreiras entre sociedades, está a liberdade de expressão que essas redes promovem: o fato de o usuário não estar cara a cara com seu destinatário o torna um locutor mais confiante na exposição de seus sentimentos e opiniões, conforme observam Ciribelli e Paiva (2011).

Tendo em vista tudo o que foi exposto, elege-se como corpus de trabalho as declarações feitas por pessoas intersexuais sobre sua própria condição nas redes sociais, considerando-se que esse tipo de produção tem a vantagem de agregar as seguintes características: são produções marcadas pela exposição de sentimentos e opiniões, conforme observado por Ciribelli e Paiva (2011); são produções relativas ao contexto único de expressão que a internet e as redes sociais se converteram (CASTELLS, 2009); são produções relativas à capacidade que as redes sociais e a internet têm de acarretar mudanças na sociedade (CASTELLS, 2009); são produções de

minorias, que, conforme já dito, encontram na rede um espaço para fazer seu discurso ganhar visibilidade, reivindicando demandas específicas do grupo.

Desse modo, observa-se que o discurso analisado nesta dissertação é composto por publicações com caráter declarativo nas quais os intersexuais enunciam sobre sua própria condição. Outro critério de seleção do *corpus* é o recorte temporal; desse modo, as produções aqui analisadas dizem respeito a publicações recentes, isto é, postadas no período de 2016 a 2020 nas seguintes plataformas: Twitter, Youtube e Revistas Online. A esse respeito, observa-se que não há, atualmente, no Brasil uma grande quantidade de pessoas intersexuais que enunciem abertamente sobre sua condição. Sendo assim, as publicações selecionadas são, em sua maioria, dos mesmos enunciadores em diferentes plataformas sociais. Mais exatamente, trata-se de 10 textos¹⁹ que se referem a publicações (detalhadas mais à frente) relativas ao perfil de 10 pessoas intersexuais em diferentes plataformas^{20 21}. Além disso, ao longo do processo de seleção dos excertos a serem analisados, foi possível observar que uma das outras vias mais utilizadas para que os intersexuais falassem sobre sua causa é a de entrevistas para revistas e jornais online por isso também fazem parte do *corpus* algumas das entrevistas²² dadas pelas mesmas pessoas intersexuais dos perfis identificados nas plataformas citadas.

No que concerne à seleção dos 10 textos que compõem o *corpus*, além do caráter recente das publicações, como explicitado anteriormente, e de sua relevância, observa-se que há traços comuns a todas. Mais especificamente, em meio ao processo de leitura e observação de mais de 20 textos, selecionam-se, dentre todos com os quais se teve contato, textos declarativos com duas características em comum: a primeira delas é o mesmo padrão narrativo. Assim, todos os textos do *corpus* possuem uma mesma sequência de apresentação, ou seja, todos apresentam os fatos e narram a situação intersexual de uma maneira similar: primeiro, explicitam o que é a intersexualidade e o que é ser intersexo; posteriormente, o enunciadore relata momentos de sua infância e de sua adolescência e, principalmente, conta como foi se descobrir intersexual;

¹⁹ Todos os textos que compõem o *corpus* estão disponibilizados de forma integral no Anexo 1 deste trabalho.

²⁰ Em relação às publicações, elas são, mais especificamente, provenientes de redes sociais como Twitter e Youtube, de blogs pessoais, de entrevistas em revistas e de um relato retirado de um livro publicado a respeito de pessoas transgêneras.

²¹ Tendo em vista a constituição do *corpus* baseada no discurso digital, considera-se que, apesar das peculiaridades desse tipo de discurso, muitos dos aspectos desse discurso podem ser tratados nos moldes tradicionais como, por exemplo, a questão do ethos, conforme se pode constatar nas análises de Maingueneau sobre o ethos de sites de relacionamentos, cuja essência não difere da análise do ethos de discursos não-digitais.

²² Sobre o uso de entrevistas como objeto de estudo por analistas do discurso, Maingueneau (2020) propõe uma abordagem interessante previamente citada durante este texto. Recomenda-se, caso necessário, retomar o tópico sobre ethos e cenografia presente neste texto.

finalmente, os enunciadores relatam situações absurdas pelas quais passaram e, de algum modo, reclamam seus direitos de existência.

A segunda característica dos textos selecionados que foi tomada como critério para a montagem do *corpus* desta pesquisa diz respeito a sua relevância nas mídias digitais em termos de compartilhamento, curtidas e destaque em páginas de busca como Google. Outro fator que reforça essa relevância diz respeito aos perfis a que os textos estão vinculados: todos são perfis ativos na militância intersexual digital, ou seja, aqueles que mais publicam e, conseqüentemente, são mais visualizados e seguidos. Sendo assim, tendo em vista a baixa circulação de textos sobre a intersexualidade, tomam-se os dois critérios citados, o do padrão narrativo e o da relevância no meio digital, como fatores essenciais para a constituição de um *corpus* de pesquisa representativo do discurso intersexual.

Ainda sobre a representatividade do *corpus*, vale ressaltar que as publicações escolhidas podem ser consideradas evidências do ativismo digital performado pelas pessoas intersexuais sobre a intersexualidade. Dessa maneira, apresenta-se uma breve menção à importância do ativismo digital e de seu estudo. Sendo assim, embora a noção de ativismo digital seja relativamente nova no âmbito dos estudos da comunicação e informação e não possa ser associada a uma definição bem estabelecida, considera-se a relevância de abranger um *corpus* de pesquisa que se constitua de um ativismo performado somente em vias *online*.

Sobre a conceitualização de ativismo digital, Moraes (2012) pontua que é um fenômeno que emerge a partir das transformações que a tecnologia provoca nas áreas da informação e comunicação que, em consequência, tornam possível o diálogo entre cidadãos e tomam a forma de ferramentas que provêm algum auxílio na organização de todos os tipos de eventos e reuniões em prol de determinadas causas. Sobre o fenômeno, Coelho e Costa ressaltam que o ativismo da era digital

ganhou maior visibilidade, adesão e participação de um público que, a princípio, não se envolvia com o ideário do ativismo. Notamos esse crescimento com o número de tweets, retweets, likes, posts nas mais variadas redes sociais. Aparecem, a todo instante, agentes multiplicadores que com um clique podem informar, responder, reclamar, denunciar, etc. as ideias dos diversos movimentos sociais em desenvolvimento (COELHO E COSTA, 2013, p. 11).

Constata-se, desse modo, que, a partir das transformações tecnológicas que moldam a era digital, criam-se novas maneiras de interação e debate que tomam o espaço virtual como base e que, por causa das transformações, o ativismo sai de um espaço fechado e seletivo no qual se encontravam somente aqueles que possuíam contato privilegiado com tal causa e alcança as mídias sociais que permitem a amplificação do alcance e da visualização de

diferentes causas socioambientais. Assim sendo, o ativismo em espaço virtual permite: (i) a junção de necessidades e interesses, o que instiga a criação de ações formuladas em prol da cidadania de diversos indivíduos e, portanto, (ii) explicita sua relevância para o desenvolvimento social, já que, ao enunciar, amplia-se a percepção dos interlocutores (o que é ainda mais ressaltado em meios digitais) (COELHO E COSTA, 2013, p. 13). Consequente, entende-se que o ativismo digital permite a reverbalização das vozes intersexuais e faz com que se aumente a visibilidade da causa.

Esse fenômeno pode ser observado a partir de uma descrição um pouco mais detalhada de cada texto que compõe o *corpus*, conforme a apresentação feita a seguir.

2.5.1. Texto I

O primeiro texto²³ (mais à frente referido como TEXTO I) que compõe o *corpus* desta pesquisa é uma matéria publicada na BBC News Brasil. Mais especificamente, consiste em um relato de uma mulher intersexual, Suz Temko, sobre sua história, passando pelos primeiros momentos em que se descobriu intersexual até a fase atual de sua vida. A autora do texto declarativo conta que descobriu sua intersexualidade devido a um acidente, o que a levou a descobrir um câncer nos ovários em estágio 4 e, pelos exames que fez para saber mais sobre a origem de seu problema, acabou descobrindo sua intersexualidade. De acordo com a própria autora, seu primeiro contato com sua condição intersexual foi por meio de um médico que declarou que ela possuía cromossomos tipicamente masculinos, ou seja, cromossomos XY, mas que, fisicamente, ela era mulher. Ademais, no texto, a autora relata o tratamento médico recebido a partir do momento em que se sabe que ela é intersexual. Segundo ela, a maioria das consultas médicas se torna um pesadelo por conta dos abusos sofridos pelos profissionais da saúde, que insistiam em tentar apalpá-la ou ver seus órgãos íntimos. Por fim, ela retrata seus sentimentos e pensamentos quando descobre o que é ser intersexual e passa a ter dúvidas sobre sua própria identidade. Temko afirma que o objetivo de seu relato é promover mais visibilidade à causa, para que pessoas como ela comecem a sair da invisibilidade.

No que concerne as condições de seleção da declaração de Suz Temko para compor o *corpus* de análise, leva-se em conta que, ao fazer uma pesquisa pela palavra “intersexual” na ferramenta de busca *Google*, o link para acessá-la é o primeiro a aparecer como resultado

²³ TEMKO, SUZ. **Intersexual:** “agora sei por que não menstruo”, diz jovem sobre descoberta e aceitação. BBC News Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47250834>. Acesso em: 12 dezembro 2019.

(quando se iniciou o estágio de constituição do *corpus* desta pesquisa). Além disso, a autora do texto é ativa em suas redes sociais, acumulando mais de 2 mil seguidores em plataformas como Instagram e tendo performado palestras pela *TedTalk* (canal no Youtube com mais de 20 milhões de seguidores) divulgando a causa intersexual. Convém ressaltar que a declaração divulgada pela BBC se trata de uma tradução do original, que está em inglês, mas, considerando-se fatores como (i) a materialidade linguística do texto; (ii) a relevância do texto e de sua autora nas mídias digitais e (iii) sua importante contribuição para a análise performada nesta pesquisa; opta-se por o consolidar como parte do *corpus*.

2.5.2. Texto II

O segundo texto²⁴ (TEXTO II no capítulo de análise) selecionado é um depoimento em vídeo com mais de 100 mil visualizações disponível na plataforma Youtube, postado pelo BuzzFeed Brasil (canal do Youtube com mais 600 mil inscritos). O depoimento possui como autor Carlos Henrique de Oliveira, um homem intersexual que, no momento de gravação do vídeo, havia descoberto sua intersexualidade há somente dois anos. O autor do vídeo retrata, primeiramente, algumas memórias referentes a sua infância e a uma “doença” que teve quando pequeno. Logo em seguida, relata o que é ser intersexual e como foi, para ele, descobrir sua condição já na idade adulta. Do mesmo modo, Oliveira relata o desconhecimento da intersexualidade pela sociedade, inclusive pela sua mãe, uma enfermeira e, além disso, ressalta o questionamento que a intersexualidade traz sobre você mesmo.

2.5.3. Texto III

O terceiro texto²⁵ (mais à frente referido como TEXTO III) que compõe o *corpus* de análise desta pesquisa foi, também, gravado e disponibilizado pela plataforma Youtube, mas, desta vez, pela ONU Brasil em seu canal de Youtube com mais de 100 mil inscritos. No vídeo analisado, que possui 12 mil visualizações até o momento de redação desta dissertação, encontram-se 05 ativistas intersexuais, como intitulados no vídeo, que retratam como é ser intersexual e explicam a intersexualidade. Os intersexuais que lideram o vídeo expõem seu ponto de vista em relação ao descobrimento da intersexualidade e ao tratamento da intersexualidade em relação à sociedade.

²⁴ OLIVEIRA, C. H., 2019. 1 vídeo (5 min 26 seg). Publicado pelo canal BuzzFeed Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qJK5hy7R7kg>. Acesso em: 29 julho 2019.

²⁵ ONU BRASIL, 2018. 1 vídeo (5 min 26 s). Publicado pelo canal ONU Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TUGv8axyhzY>. Acesso em: 25 fevereiro 2020.

2.5.4. Texto IV

O quarto texto²⁶ selecionado para análise foi retirado, mais uma vez, da plataforma Youtube, publicado no canal pessoa da intersexual em questão. Entretanto, até o momento da redação desta dissertação, o mesmo vídeo já não se encontra no canal da autora. Atualmente, encontram-se partes do vídeo original em uma reportagem disponível no canal do Youtube intitulado “Cenas da Cidade” que possui 5 mil inscritos e toma como objetivo documentar vozes e histórias diferentes. Vale ressaltar que o vídeo da reportagem acumula 21 mil visualizações. A autora do vídeo analisado, Ivy Crazy, oferece um relato detalhado sobre sua história com a intersexualidade e retrata acontecimentos que passam pela sua infância e vão até sua fase atual, a da adolescência. A autora possui um canal pessoal intitulado “Ivy Crazy” com mais de 1 mil inscritos, no qual conta sobre diversas facetas da sua intersexualidade e transição sexual.

2.5.5. Texto V

O texto de número cinco (referido como TEXTO V, doravante)²⁷, foi disponibilizado por seu próprio autor em seu canal pessoal do Youtube intitulado Amiel Vieira. Apesar de ter poucos inscritos (135) e poucas visualizações (462) quando comparado aos textos previamente apresentados, opta-se por incluir declarações do homem intersexual Amiel Vieira em razão de fatores como: (i) sua constância de publicações sobre a causa intersexual: ele publica diariamente em suas redes sociais pessoais sobre a intersexualidade e, especialmente, sobre seu ponto de vista de intersexualidade e possui mais de 3 mil seguidores no Twitter e mais de 4 mil no Instagram; (ii) o padrão narrativo de seus textos, se encaixando no padrão previamente descrito anteriormente. No que se relaciona ao conteúdo do vídeo, Amiel Vieira, o enunciador em questão, se propõe a fazer uma série de vídeos nos quais debate sobre sua própria identidade. Desse modo, no vídeo analisado, intitulado “Quem sou EU?” (com destaque ao “eu” marcado em letras maiúsculas), o autor retrata como o seu “eu” ainda está em construção. Além disso, ele relata conquistas recentes relacionadas a sua intersexualidade e transexualidade.

²⁶ IVY CRAZY, I, 2016. 1 vídeo (5 min 29 seg). Publicado pelo canal Cenas da Cidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oL0-oj3XNqY>. Acesso em: 15 março 2020.

²⁷ VIEIRA, A., 2017. 1 vídeo (8 min 46 s). Publicado pelo canal Amiel Vieira. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Gmx6sAH_NA. Acesso em: 4 maio 2021.

2.5.6. Texto VI

O sexto texto²⁸ (mais à frente referido como TEXTO VI) que compõe o *corpus* é integrado por alguns posts disponíveis na plataforma de rede social Twitter que foram agrupados nesta pesquisa dada à similaridade de sua produção. Dessa maneira, os textos selecionados foram: (i) produzidos pelo mesmo autor do TEXTO V anteriormente apresentado, Amiel Vieira, (ii) se tratam de comentários sobre a intersexualidade; (iii) tiveram grande circulação com um grande número de curtidas e compartilhamentos (especialmente devido ao seu caráter polêmico e denunciante); (iv) foram encontrados por meio da plataforma *Google* ao se buscar por mais informações sobre o ativista intersexual Amiel Vieira que, como já citado, é engajado na militância digital e possui constância principalmente em redes como o Twitter e o Instagram. Vale ressaltar que, apesar de ter um perfil aberto na época em que esta pesquisa foi iniciada, observou-se que o perfil se tornou fechado ao público durante o desenvolvimento desta dissertação. Apesar disso, as publicações originais foram salvas, mas o número exato de curtidas e compartilhamentos não foi originalmente registrado.

2.5.7. Texto VII

O sétimo texto²⁹ (TEXTO VII, doravante) é composto por uma série de declarações que um grupo de intersexuais faz sobre a causa, disponibilizada pelo site *BuzzFeed* em uma sessão intitulada *BuzzQueer*, que se destina a divulgar todo tipo de conteúdo sobre a comunidade LGBTQI+. Mais especificamente, na publicação selecionada, um grupo de vozes intersexuais se une para enunciar “10 coisas que as pessoas intersexuais querem te dizer”. Dessa maneira, a publicação contém uma série de afirmações (e negações) sobre como a sociedade deve tratar os intersexuais. O objetivo da reunião de tais dados é dar mais visibilidade para a causa, principalmente no que concerne ao modo adequado de se fazer referência aos intersexuais, como o cuidado de não se empregar o termo “hermafrodita” para descrevê-los. No que concerne à escolha da publicação para composição do *corpus* de análise desta pesquisa, considera-se fatores como: (i) a relevância digital do site na qual foi divulgada, o *BuzzFeed*, que acumula milhares de seguidores nas plataformas nas quais essa publicação foi compartilhada (mais especificamente, 426 mil seguidores no Twitter, 200 mil no Instagram e 2 milhões no Facebook) e (ii) a presença do padrão narrativo anteriormente explicitado que, apesar de não apresentar

²⁸ VIEIRA, A. Twitter: @eusouamiel. Disponível em: <https://twitter.com/eusouamiel>. Acesso em: 19 julho 2019.

²⁹ RICCARDI, S. **10 coisas que as pessoas intersexuais querem te dizer**. *BuzzFeed* Brasil. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/10-coisas-que-pessoas-intersexuais-querem-te-dizer>. Acesso em: 20 janeiro 2020.

um texto longo e corrido sobre as experiências dos intersexuais, apresenta enunciados curtos e pontuais que, ainda assim, seguem o padrão de assuntos abordados como a explicação do que é a intersexualidade, a abordagem de temas que concernem a vivência das pessoas intersexuais etc.

2.5.8. Texto VIII

O oitavo texto³⁰ (TEXTO VIII) que compõe o *corpus* desta pesquisa é formado por uma declaração escrita com objetivo semelhante ao TEXTO I e foi publicado em uma revista online intitulada Subjetiva que se propõe a enunciar causas diversas a partir de diferentes pontos de vista. Dessa maneira, a mulher intersexual autora do texto, Camila Gadelha, retrata todo o processo de descoberta da intersexualidade por ela e sua família e uma série de memórias referentes ao período de sua infância e sua adolescência. Além disso, como a própria autora relata, o objetivo maior de sua declaração é oferecer uma oportunidade de visibilidade para a causa intersexual. Em relação aos fatores de seleção do texto de Camila Gadelha para compor o *corpus* de pesquisa leva-se em consideração que: (i) a materialidade linguística do texto segue o padrão narrativo previamente citados; (ii) a declaração é constituída de uma riqueza de elementos textuais e não textuais e, com isso, provê dados importantes para a pesquisa (principalmente em relação à noção de iconotexto trazida por Maingueneau (2020)); (iii) a relevância do texto em ferramentas de busca online como o *Google*, já que, no período de seleção do *corpus* desta pesquisa, ao se buscar por “intersexo” ou “mulher intersexo”, é ele o primeiro resultado a ser revelado.

2.5.9. Texto IX

O nono texto³¹ (TEXTO IX, doravante) selecionado para análise também é constituído por um relato da história de uma mulher intersexual, Dionne Freitas. Em consonância com os outros textos, o relato de Freitas foi divulgado originalmente de forma digital pela revista “Pergunte a uma mulher”, comandada por Luiza Freitas, na qual se propõe a entrevistar diferentes mulheres para que expliquem e defendam sua causa. Apesar disso, a entrevista original, publicada em meio online, não está mais disponível e, atualmente, pode-se encontrá-

³⁰ GADELHA, C. **Eu sou uma mulher intersexuais. E daí?** Revista Subjetiva, 2017. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/eu-sou-uma-mulher-intersexuais-e-da%C3%AD-8289c707f038>. Acesso em: 03 maio 2019.

³¹ FREITAS, D. A experiência da intersexual transexual Dionne Freitas. In: MOREIRA, A. **Transexualidades sob a ótica do espírito imortal**. Editora AME, 2017, p. 47-68.

la no livro “Transexualidades sob a ótica do espírito imortal” (2017), do autor Andrei Moreira, que a disponibilizou em prol da discussão que leva em sua narrativa. O texto de Moreira (2017) se caracteriza por tratar da questão da intersexualidade e da transexualidade por meio de dois pontos de vista distintos, a saber, o biológico e o religioso. A esse respeito, observa-se que Dionne Freitas possui uma conexão especial com o espiritismo, a religião que, segundo ela, mais a acolheu e entendeu ao longo de sua jornada. Durante a entrevista, Dionne Freitas conta suas memórias mais antigas relacionadas à intersexualidade e segue a linha do tempo até o momento presente, em referência à época da escrita. O relato que apresenta sobre a condição intersexual é minucioso e aborda questões que vão do preconceito que sofreu na escola até seu refúgio na religião. Em relação aos critérios que levaram à escolha do texto acima detalhado para composição do *corpus* desta pesquisa, leva-se em consideração traços discursivos e sociais como: (i) a materialidade linguística do texto, que segue o padrão narrativo em comum aos textos previamente apresentados e está repleta de uma discursividade que se mostra interessante para a discussão do funcionamento do discurso dos intersexuais; (ii) a relevância, não da Revista Subjetiva (que tem baixo alcance em mídias digitais), mas, sim, da autora do texto, Dionne Freitas, militante ativa na causa intersexual e com grande visibilidade em mídias digitais, já que possui 30 mil seguidores no Instagram e 9 mil em seu canal de Youtube. Além disso, Dionne Freitas participa ativamente na divulgação da causa intersexual participando de inúmeros vídeos, entrevistas e declarações que explicam o que é a intersexualidade.

2.5.10. Texto X

O décimo texto³² (TEXTO X, durante o capítulo de análise) consiste em uma entrevista publicada em um jornal online intitulado Nexo. Durante essa entrevista, o intersexual Amiel Vieira conta como foi descobrir a intersexualidade na fase adulta e, principalmente, como é a atuação médica em relação à intersexualidade. O jornal Nexo, conforme proposto durante a entrevista, pretende que a conversa com Amiel se torne parte de uma série de reportagens sobre a intersexualidade, com o objetivo de promover visibilidade para a causa. Assim, Amiel, ao contar sua história, também objetiva uma maior divulgação e conhecimento de sua condição. Dessa maneira, os fatores que levam à inclusão da entrevista de Amiel para a Nexo são: (i) a relevância digital do jornal divulgador da entrevista que possui milhares de seguidores nas

³² VIEIRA, A. O que é a intersexualidade. E como é se descobrir intersexual? [Entrevista cedida a: André Cabette Fábio]. **Nexo Jornal**, 2018. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2018/02/03/O-que-%C3%A9-intersexualidade.-E-como-%C3%A9-se-descobrir-intersexual>. Acesso em: 20 março 2020.

plataformas nas quais divulgaram o questionário feito à Amiel Vieira (mais especificamente: 300 mil seguidores no Instagram, 400 mil inscritos em seu canal de Youtube e 500 mil seguidores em seu perfil no Twitter); (ii) o padrão narrativo que a entrevista leva, já que, apesar de não ser um texto declarativo semelhante aos anteriores, apresenta, nas respostas de Amiel, as mesmas questões abordadas em todos os textos anteriores.

Tendo apresentado todos os textos que compõem o *corpus* de análise desta pesquisa, a seguir, apresenta-se a análise performada em relação ao ethos do discurso dos intersexuais.

CAPÍTULO 2 - ETHOS MOSTRADO E QUESTÕES DE REGISTROS E CENOGRAFIAS

Neste capítulo, apresenta-se a análise do *ethos* do discurso das pessoas intersexuais quando tomam a condição intersexual como tema de sua enunciação. Considerando o *corpus* constituído de 10 sequências discursivas, representativas de 3 gêneros, conforme já apresentado no capítulo anterior deste trabalho, selecionam-se, para a análise, 103 excertos em que os intersexuais tratam de sua própria condição. A seguir, apresenta-se o resultado dessa análise, que se encontra organizada em torno dos três principais registros a partir dos quais o discurso em questão se configura, a saber: o didático, o polêmico e o emotivo. Conforme já dito, a identificação dos registros está ancorada, especialmente, nas reflexões de Orlandi (1987) sobre os tipos de discurso. Mais exatamente, a partir de regularidades de ordem linguístico-enunciativa e funcional do discurso dos intersexuais, identificam-se os registros a partir dos quais o discurso dos intersexuais se configura e, posteriormente, procura-se verificar a imagem do sujeito enunciador e a cenografia a qual eles se vinculam. A esse respeito, vale observar que, neste trabalho, não se consideram essas regularidades como aspectos exclusivos dos registros identificados; na verdade, entende-se que a sua combinação permite constatar os registros de que se vale o discurso dos intersexuais, o que não significa tomá-las como características exclusivas dessas unidades.

3.1. Registro didático

Em relação à caracterização do registro didático no discurso dos intersexuais, toma-se como base, conforme já dito, as considerações de Orlandi (1987) sobre os tipos de discurso; nesse caso específico, consideram-se as reflexões da autora sobre o discurso pedagógico, que, no trabalho em questão, afirma objetivar mais do que o ensino e a explicação, mas também a *inculcação* de um saber que pode acontecer, segundo ela, a partir de três traços principais: (i) a quebra das leis do discurso de interesse, de utilidade e de informatividade, (ii) o emprego de recursos do “é porque é” e (iii) o emprego de recursos relativos à cientificidade (ORLANDI, 1987, p. 19). Quanto ao primeiro fator, Orlandi observa que, na pedagogia, quebram-se as leis do discurso, tais como as elencadas por Ducrot (1987), pois o que há, na verdade, é um mascaramento dessas leis, que se dá pela autoridade que o professor desempenha em sala de aula. Entretanto, essa primeira observação de Orlandi não se aplica exatamente ao discurso aqui

analisado, já que, no *corpus* selecionado para análise, não se enuncia em uma sala de aula dentro do aparelho ideológico que é a escola, ou seja, as condições de produção são outras.

No que se relaciona a esta pesquisa, as duas últimas considerações de Orlandi sobre o discurso pedagógico parecem mais produtivas para a análise do registro didático no discurso dos intersexuais. Segundo a autora, no discurso pedagógico, a apresentação das razões que cercam o referente se baseia na resposta do “é porque é” e, a nível linguístico, essa explicação acontece por meio do uso de dêiticos, objetalizações, repetições, perífrases e, também, no nível da metalinguagem, por meio de definições rígidas, cortes polissêmicos e encadeamentos automatizados que direcionam a conclusões “exclusivas e dirigidas” (ORLANDI, 1987, p. 19).

Além disso, Orlandi considera que outra característica do discurso pedagógico é a cientificidade, já que ele objetiva a transmissão e a inculcação de informações que têm como natureza a ciência (natureza científica). A cientificidade se estabelece a partir de dois recursos: a metalinguagem – pois o conhecimento é colocado em segundo plano em relação à metalinguagem e o procedimento e a linguagem específica são mais importantes do que a linguagem própria do aluno – e a apropriação do cientista pelo professor – pois o professor se apropria da voz e conhecimento do cientista e, então, as duas vozes se confundem, provocando o apagamento desse processo: o professor se apropria e toma como seu o conhecimento científico e, nesse contexto, “saber” se torna sinônimo de “dizer”.

Desse modo, o registro didático do discurso pode ser percebido graças à presença de certos traços linguísticos relativos ao didatismo e ao cientificismo que se deixam “mostrar” em variados graus na superfície do texto. Assim, entende-se, com o auxílio de Orlandi (1987) e também de Zamboni (2001), por traços de didatismo o emprego de recursos linguísticos que procuram facilitar o entendimento do destinatário do discurso como *definições, exemplificações, analogias e recursos coesivos*. Além disso, entende-se como traços inerentes ao didatismo – conforme considera Orlandi (1987) – o emprego de certos recursos linguísticos como o *uso de vocabulário técnico da área* (médica e biológica, no caso dos intersexuais) e o *apagamento do sujeito das enunciações*.

Em relação a esse tipo de registro, observa-se que se trata de uma das características mais marcantes do discurso dos intersexuais. Observa-se, inclusive, que se trata do registro que costuma abrir seus depoimentos. Assim, todos os excertos analisados e classificados como didáticos são encontrados, principalmente, no início da enunciação das pessoas intersexuais, bem quando iniciam seus depoimentos em vídeo ou nos textos escritos. A esse respeito, pode-se dizer que há uma preocupação imediata do sujeito enunciador do discurso em esclarecer qual

é a sua própria condição, de esclarecer o que é ser intersexual – muitas vezes, antes mesmo de se identificar (apresentar nome, idade, profissão, residência etc.).

A seguir, apresenta-se a análise dos recursos de expressão por meio dos quais se nota a presença do registro didático no discurso dos intersexuais. Posteriormente, identificam-se não só a imagem do sujeito enunciador que emerge com esse tipo de registro, como também a cenografia que esse registro ajuda a delinear.

3.1.1. Procedimentos explicativos

Conforme já dito, o discurso analisado nesta pesquisa se constitui em boa parte do registro didático, que se vale especialmente de recursos de natureza explicativa. A esse respeito, nota-se, por parte dos enunciadores, a tentativa recorrente de esclarecer a condição intersexual ao destinatário de seu discurso. A título de exemplo, apresenta-se o seguinte excerto:

(01) Eu sou intersexual, isto é, uma pessoa que nasceu com uma variação nas características sexuais que identificam cada sexo. As diferenças podem ser encontradas nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios, que não coincidem com o entendimento binário padrão dos corpos – nem masculino, tampouco feminino (TEXTO I) ^{33 34}.

Nesse excerto, nota-se o uso de características comumente relacionadas ao registro didático, conforme o denomina Zamboni (2001). Segundo a autora, expressões explicativas – que, neste trecho, dizem respeito ao emprego da expressão “isto é”, comumente utilizada “para introduzir um esclarecimento sobre algo que se disse ou para uma retificação” (Michaelis, 2022)³⁵ – se portam como o ponto de partida dos segmentos de natureza explicativa em um texto. De acordo com Zamboni (2001), esses segmentos (explicativos) são como uma ação didática que objetiva compartilhar saberes.

Para além das explicações, outros recursos regularmente utilizados, e que também estão presentes no excerto (01), são a exemplificação e a definição. Quanto a isso, Zamboni (2001, p. 96) afirma que o didatismo se encontra também em “formas relacionadas aos procedimentos de denominação, exemplificação, explicação, classificação”. Assim, para a autora, elementos

³³ Os excertos estão, nesta dissertação, enumerados de acordo com sua ordem de apresentação. Além disso, nota-se que, ao longo do capítulo de análise, alguns dos excertos são reapresentados quando for necessário tratar de aspectos ainda não explorados; nesses casos, retoma-se a numeração correspondente à ordem de apresentação.

³⁴ Nesta pesquisa, para a análise do discurso das pessoas intersexuais, os textos que compõem o *corpus* não são apresentados na íntegra; como de praxe, apresentam-se apenas alguns excertos selecionados para ilustrar os aspectos abordados.

³⁵ ISTO É. In: Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/isto/>. Acesso em 15 Janeiro 2022.

como paráfrase, comparação, analogias etc. podem ser diretamente ligados ao didatismo de um discurso. No excerto (01), os recursos citados se encontram na exemplificação, dada a partir de “nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios” e, logo em seguida, na definição de “entendimento binário padrão dos corpos” por meio de um travessão (–). Ainda neste capítulo, verifica-se que o recurso de definição também pode ser introduzido por parênteses, além do travessão, e que ele comumente aparece em forma apositiva.

Ainda sobre o recurso de definição, Rowell (2010), ao investigar seu papel no didatismo entre professores e alunos, toma a noção como

a exteriorização da representação mental de uma entidade conceitual, via discurso, que expressa com precisão sua natureza, sua essência (o que ela é). Essa exteriorização se traduz em uma **proposição afirmativa**, que classifica tal entidade em uma determinada **categoria (gênero)** e a distingue, pelo **apontamento de suas particularidades** (diferenças), dos demais objetos cognoscíveis pertencentes a essa mesma categoria (ROWELL, 2010, p. 05, **grifos nosso**).

Assim, para título de ilustração da presença dos fenômenos explicados acima no discurso em análise e considerando-se a observação de Rowell sobre as definições, apresentam-se mais excertos que seguem os fenômenos de exemplificação, definição e explicação:

(02) Uma pessoa intersexual é a pessoa que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade: homem e mulher. Isso tem vários níveis, são 48 tipos de intersexualidade. Isso pode ser desde o hermafroditismo pleno, da pessoa nascer com duas genitálias, da criança crescer... ser homem socialmente e de repente tá crescendo seios... sem que ela esteja fazendo tratamento para isso (TEXTO II).

(03) Eu sou portador de insensibilidade parcial androgênica que seria quando a testosterona funciona mal no corpo... é... e gera uma questão de uma formação de uma genitália que eles chamam de ambígua (TEXTO III).

(04) Eu nasci com uma genital lida socialmente como masculina, né? Mas por ter um estado intersexual no qual o meu genótipo, né, que aquele que muitas vezes as pessoas conservadoras gostam de falar de X e Y, não coincidir nisso, né? Eu sou uma mosaico... O meu cariótipo, ele é 46 XY, né, mas também é 47 XXY e 46XX (TEXTO III).

(05) Ser intersexual significa que ao invés de ser um ser masculino ou feminino eu sou uma terceira forma de vida que normalmente não existe como opção em formulários que perguntam o "sexo" de um bebê ou de um adulto se matriculando em uma academia (TEXTO VIII).

(06) São pelo menos 41 variações de intersexuais, mas a que eu tenho é a “insensibilidade androgênica”. O meu corpo não aceita muito bem a testosterona, que seria o primeiro hormônio secretado durante a gestação. Eu nasci com todo o aparelho reprodutor masculino, mas meu pênis não se desenvolveu muito bem por causa desse estado de intersexualidade. Nasci com uma genitália ambígua e um pênis que não tinha o tamanho esperado (TEXTO X).

Nos excertos de (02) a (06), nota-se a presença do fenômeno de definição de conceito, conforme observado por Rowell (2010). Emprega-se frases curtas e afirmativas – por exemplo, “uma pessoa intersexual é a pessoa que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade”, “...que seria quando a testosterona funciona mal no corpo”, “um estado intersexual no qual o meu genótipo [...] não coincidir nisso, né? (X e Y), “ser intersexual significa que ao invés de ser um ser masculino ou feminino eu sou uma terceira forma de vida” – que inserem o conceito definido em uma categoria (pessoa, sexo biológico, genitália, forma de vida). Ademais, nota-se a diferenciação do conceito em relação a outras categorias por meio de exemplificações como “isso pode ser desde o hermafroditismo pleno” e “da criança crescer... ser homem socialmente e de repente tá crescendo seios... sem que ela esteja fazendo tratamento para isso”. No caso do emprego da exemplificação do excerto (02), pode-se dizer que, por meio desse recurso, são explicitadas as condições dentre os “48 tipos de intersexualidade”, o que permite distinguir os intersexuais dos não-intersexuais.

Apresentando uma descrição mais detalhada dos trechos, pode-se dizer que, em (02), há uma explicação geral sobre o que é ser intersexual e como isso pode se desenvolver. A partir disso, percebe-se a sua tentativa de didatismo através da utilização de conectivos como “digamos assim”, o que pode ser tomado como uma manobra para que o destinatário saiba qual rumo seu discurso está tomando. Nessa mesma frase, há um efeito de objetividade desencadeado pelo emprego da aposição “homem e mulher”, empregada depois do sintagma nominal “...(d)os dois sexos que são reconhecidos na sociedade”. Por outro lado, a aposição presente no excerto (04), isto é, “aquele que muitas vezes as pessoas conservadoras gostam de falar X e Y”, que se presta a tratar do substantivo “genótipo”, cumpre o papel de realizar um esclarecimento a partir de um registro que também é polêmico, na medida em que se refere ao discurso do outro (“as pessoas conservadoras”), levando a inferência de que o genótipo é algo distinto do que propõe o discurso conservador. Nesses termos, pode-se dizer que o esclarecimento se faz por uma correção, isto é, por meio do afastamento do discurso do outro.

Já no trecho (03), o enunciador se descreve como “portador”; trata-se de um emprego lexical que merece ser comentado, já que ele não “é” e nem “tem” uma condição específica, ele

a "porta", o que, segundo o IFMG (2017), não é uma forma adequada para se referir a pessoas com deficiência³⁶, o que poderia, por sua vez, ser um indício da heterogeneidade do discurso dos intersexuais que, desse ponto de vista, estaria deslizando para um outro discurso, isto é, o conservador. Logo após, faz questão de explicar em termos mais corriqueiros a sua condição: "quando a testosterona funciona mal no corpo", o que é feito, novamente, por meio da estratégia de aposição.

Ademais, no que se refere à estratégia de explicação e definição, o esclarecimento da condição intersexual (insensibilidade parcial androgênica) é introduzido com o uso do verbo "ser", marcado por sua conjugação no futuro do pretérito que, apesar de não ser regular a todos os textos declarativos que compõem o *corpus*, consiste em uma marca interessante para a análise do excerto em questão. Sousa, sobre os usos do futuro do pretérito, afirma que ele

indica um processo posterior a algo passado, mas pode indicar também hipótese, probabilidade, **incerteza**, ou **não comprometimento do falante com o que está sendo dito**, além de valor de presente, exprimindo **modéstia ou cerimônia** (SOUSA, 2019, p. 07, **grifos nossos**).

Assim, constata-se que, para além da incerteza, o futuro do pretérito pode indicar, também, modéstia ou cerimônia por parte do sujeito enunciador. Ainda sobre os valores relativos ao futuro do pretérito, Longo e Campos (2002) também observam que esse tempo pode ser usado a partir de seu valor modal, exprimindo *hipótese ou polidez*³⁷. Vale ressaltar que, de acordo com Koch (1995), a modalidade traduz a atitude do falante ligada ao que está enunciando.³⁸

Por fim, no excerto (05), percebe-se que o registro didático se liga ao recurso da exemplificação, isto é, a exemplificação do que é ser intersexual por meio de uma conexão com o cotidiano, o que pode ser caracterizado, aqui, como uma analogia que, de acordo com Raviolo et al (2004), são as comparações que professores fazem entre campos com diferentes conhecimentos. As analogias são usadas, então, para que se entenda conceitos abstratos e novos,

³⁶ Segundo o Instituto Federal de Minas Gerais (2017), "o termo usado atualmente é 'pessoa com deficiência'. As pessoas não portam uma deficiência porque não é algo que possa ser portado ou carregado ocasionalmente, como um documento de identidade ou um guarda-chuva. A deficiência é uma condição própria da pessoa [...] por volta da metade da década de 1990, entrou em uso a expressão "pessoas com deficiência", que é utilizada até hoje" (IFMG. **Qual o termo correto**: portador de deficiência, pessoa com deficiência ou portador de necessidades especiais? 2017. Disponível em: <http://www2.ouropreto.ifmg.edu.br/news/qual-o-termo-correto-portador-de-deficiencia-pessoa-com-deficiencia-ou-portador-de-necessidades-especiais>. Acesso em: 12 outubro 2021.

³⁷ Recomenda-se Fiorin (1996) sobre o emprego do futuro pretérito para expressar polidez e modéstia.

³⁸ Além disso, pode se dizer que o emprego do verbo "ser" conjugado no futuro do pretérito corrobora para a construção de uma certa cenografia no discurso dos intersexuais na medida em que diz respeito a uma tentativa de diminuição da hierarquia que está tipicamente associada ao registro didático, conforme análise apresentada mais adiante.

na medida em que elas possibilitam conectar duas ou mais áreas de conhecimento³⁹, o que se aplica claramente ao contexto didático e à relação professor-aluno. No caso em questão, o sujeito enunciador define um conceito novo (“intersexual”), relacionando-o a campos cotidianos (“formulários” e “academia”). Nota-se, nesse excerto, que se empregam aspas no vocábulo “sexo” – o que pode indicar um conhecimento em relação à problemática “sexo x gênero”⁴⁰, o que, por sua vez, pode ser tomado como um indício do posicionamento a partir do qual o sujeito enunciador enuncia, isto é, o posicionamento do ativista, ao qual se vincula a imagem do ativista (ethos categorial).

Continuando a análise dos trechos selecionados, nos excertos (07) e (08), notam-se os fenômenos de definição e de exemplificação. No primeiro excerto, o enunciador trata de enunciar sua condição e, logo em seguida, trata de conceituá-la por meio de uma afirmação e da categorização do conceito “intersexual” (“um desequilíbrio hormonal”): “durante a gravidez da minha mãe ela teve um desequilíbrio hormonal, então eu nasci...”. No outro excerto, isto é, o de número (08), o enunciador explica sua condição dando inúmeros exemplos tomando seu próprio corpo como referência: assim, ele faz comentários sobre sua voz, sobre o formato do seu corpo, sobre o tamanho da sua mão, sua altura e até mesmo seus órgãos. A partir das exemplificações, ele diferencia o estado intersexual dos outros tipos de estados sexuais. Vejamos, a seguir, os dois excertos em questão:

(07) Eu sou intersexual... é... durante a gravidez da minha mãe ela teve um desequilíbrio hormonal, então eu nasci com um clitóris mais evoluído que mais parecia um pênis (TEXTO IV).

(08) Por exemplo, a minha voz... é... ela chega a ser muito grossa (Ivy engrossa a voz) e outras características que me... que me adequam... que me faz parecer um menino é esse pomo de adão que ele fica muito explícito no meu pescoço... e outra coisa é que meu corpo... ele não tem nada de feminino além do meu sistema reprodutor. Ele não tem aquela... aquela cintura assim (desenha um violão no ar) que as mulheres têm. E outra coisa é que a minha mão chega ser muito grande e eu não entendo isso porque eu sempre me coloquei numa coisa que meninas deveriam ser pequenas e delicadas, mas não é bem isso porque eu sou a prova de que mulheres podem ser altas e muito fortes (TEXTO IV).

³⁹ Cf. Duit (1991)

⁴⁰ Neste trabalho, essa questão está contemplada no capítulo 2, mais exatamente no subitem “2.3. Estudos de gênero”.

Nos próximos excertos (09 a 12), nota-se que conceitos relativos ao tema da intersexualidade (“sexo”, “gênero”) e outras questões que gravitam em torno do tema são apresentados por meio de frases afirmativas e curtas, parênteses e diferenciações:

(09) Sexo (feminino, masculino e intersexual) é diferente de gênero (homem, mulher, agênero, transgênero, etc.), mas o gênero costuma ser construído socialmente a partir de uma observação do sexo, então como a minha aparência exterior sempre foi de uma pessoa do sexo feminino, fui criada e socializada como mulher (TEXTO VIII).

(10) Foi quando fui levada ao médico e ele fez exames nos quais foi detectado um déficit de testosterona (níveis masculinos). Daí no hospital fiz exames que detectaram minha falta de produção de testosterona pelos testículos. Muito provavelmente, o mínimo de T (testosterona) que eu tinha era produzido pelas adrenais, glândulas que ficam acima dos rins e que, em homens e mulheres, também produzem T, e estes eram estéreis (não funcionavam). Daí, nesse momento o médico disse que o tratamento era fácil, que só precisaria fazer uma intervenção cirúrgica para adequar meu pênis (que os médicos entendiam como normal) e o restante seria tratado com testosterona (que teria que tomar para vida toda), pois assim, segundo ele, teria um pênis normal (TEXTO IX).

(11) Eu já estava com 14 anos e isso poderia me dar muitos problemas de saúde (desequilíbrio do eixo hormonal dos outros hormônios produzidos pelo corpo, osteoporose, problemas articulares, o não fechamento das epífises/crescimento ósseo das extremidades, mãos e pés, e relacionados às células do sangue) (TEXTO IX).

(12) Um dos idealizadores da ideia de que gênero pode ser “resolvido” [cirurgicamente] no caso da questão intersexual é o psicólogo e psiquiatra John Money [que nasceu em 1921 na Nova Zelândia e morreu em 2006 nos Estados Unidos] (TEXTO X).

Podem-se notar, nesses excertos, os esforços do enunciador para deixar seu destinatário a par de todos os conceitos que está utilizando para explicar sua condição. Mais exatamente, nota-se o recurso a procedimentos de ordem lexical, como o emprego de vocabulário técnico específico (“testosterona”, “adrenais”, “sexo”, “gênero”), e a procedimentos de natureza discursiva (acréscimo de comentários paralelos ou de exemplificações feitas entre parênteses) que, conjuntamente, colaboram para tornar as informações passadas mais precisas.

3.1.2. Recursos coesivos

Neste item, analisam-se alguns dos recursos coesivos que estão vinculados ao registro didático presente no discurso das pessoas intersexuais. Para tanto, retoma-se alguns postulados da Linguística Textual que são importantes para a compreensão dos efeitos desencadeados por esses recursos.

Assim, a partir de leituras como Marcuschi (2008) e Koch (2015), sabe-se que a coesão diz respeito ao fenômeno linguístico em que há algum tipo de ligação entre partes de um texto. Desse modo, considera-se que a coesão tem por função conectar sintagmas, frases, parágrafos e, até mesmo, segmentos maiores do texto, colaborando para a construção da coerência textual. Essa conexão é feita tomando como base o sistema da língua, o que acontece por meio do léxico ou do emprego de um recurso gramatical (apesar de ser um fenômeno semântico). A respeito desse fator de textualidade, Marcuschi afirma:

A rigor, pode-se dizer que o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa ‘costura’ ou tessitura das sequências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infraestrutural do texto (MARCUSCHI, 2005, p. 27).

Conclui-se, a partir da citação, que a coesão corrobora para a progressão sistemática do texto e, conseqüentemente, para que a compreensão das “sequências tipológicas” seja mais precisa por parte do destinatário. No discurso em questão, nota-se que esses recursos são muito comuns, o que, do ponto de vista aqui adotado, está ligado ao registro didático presente no discurso dos intersexuais, na medida em que esses recursos facilitam o trabalho de compreensão do discurso por parte de seus destinatários. Ou seja, entende-se que, embora esses recursos sejam comuns a vários tipos de registro, eles estão particularmente presentes no registro didático.

No discurso em análise, percebe-se que a coesão desempenha um papel de destaque na configuração do registro didático, especialmente no que diz respeito à coesão referencial ou referenciação. A coesão por referência, retomando Koch e Travaglia (2015), é a que se dá ao estabelecer dois ou mais componentes linguísticos que remetem ao mesmo referente, tomado como um objeto de discurso, e é utilizada em textos para mencionar termos já citados anteriormente sem que se faça perder a linearidade da leitura pelo destinatário. Ainda segundo Koch (1988), a referenciação pode acontecer por duas vias, sendo elas a anafórica e a catafórica, na qual a primeira faz referência a um signo já citado na superfície textual e, a segunda, a um signo que ainda não foi citado. Além disso, Koch (1988) postula que a referenciação pode ser feita por meio de vários mecanismos (reiteração, substituição ou associação de termos etc.) e,

especialmente, por meio de pronomes (pessoais, possessivos, demonstrativos). Apresentam-se, a seguir, excertos nos quais há emprego da referenciação no discurso dos intersexuais:

(13) Eu sou **intersexual**, isto é, **uma pessoa** que nasceu com uma **variação nas características sexuais que identificam cada sexo**. As **diferenças** podem ser encontradas nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios, que não coincidem com o entendimento binário padrão dos corpos – nem masculino, tampouco feminino (TEXTO I; grifos nossos).

(14) Uma **pessoa intersexual** é a **pessoa** que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade: homem e mulher (TEXTO II; grifos nossos).

(15) A Biologia ela não coloca essas **divisões** claras... A natureza em si, né? Quem coloca essas divisões somos nós, né? A gente que constrói essas **ideias do que é um corpo masculino e o que é um corpo feminino**. Na Biologia... lá **do masculino... do feminino**. A gente tá no espectro entre os **dois**, né? (TEXTO III; grifos nossos).

(16) Um dos idealizadores da **ideia** de que gênero pode ser “resolvido” [cirurgicamente] no caso da questão intersexual é o psicólogo e psiquiatra John Money [que nasceu em 1921 na Nova Zelândia e morreu em 2006 nos Estados Unidos]. A **ideia** é de que, se há um caso de intersexo, pode-se mudar o gênero da criança tranquilamente e ensiná-la a viver com o gênero que ela recebeu. Se fizer certinho a criança não percebe, e seremos todos felizes (TEXTO X; grifos nossos).

Nos excertos (13) e (14), observa-se a coesão é obtida a partir da repetição de itens lexicais idênticos ou que façam referência ao mesmo item (Fávero, 2003). Essa repetição pode acontecer por meio de sinônimos, pronomes, heterônimos ou hipônimos, por exemplo. Dessa maneira, a referenciação acontece por meio do uso de palavras (ou expressões) análogas para que termos já empregados no texto sejam substituídos e reativados. Nos trechos apresentados acima, o sintagma nominal “uma pessoa” é empregado para referenciar o objeto do discurso “intersexual”; em que “diferenças” referencia “variação nas características sexuais”; em que “pessoa” referencia “pessoa”; em que “ideias do que é um corpo masculino e o que é um corpo feminino” referencia “divisões”; em que “dois” é empregado para referenciar “do masculino, do feminino”; em que “ideia” referencia o mesmo signo. Consequentemente, com o emprego desses itens lexicais, constrói-se uma teia de sentidos na qual diferentes signos reativam os mesmos objetos de discurso, o que corrobora para uma maior facilidade de compreensão do

texto e para o estabelecimento do registro analisado, o didático. Nos excertos a seguir, apresentam-se outros casos de referência, que foram agrupados a partir de um traço em comum: a utilização de pronomes, especialmente os sujeitos e os demonstrativos.

(17) Uma pessoa intersexual é a pessoa que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade: homem e mulher. **Isso** tem vários níveis, são 48 tipos de **intersexualidade**. **Isso** pode ser desde o hermafroditismo pleno, da pessoa nascer com duas genitálias, da criança crescer... ser homem socialmente e de repente tá crescendo seios... sem que ela esteja fazendo tratamento para isso (TEXTO III; grifos nossos).

(18) Nas plantas e nos animais **isso** não é um problema. Hoje, para mim, a **intersexualidade** é um acontecimento durante o encontro dos DNAs humanos que se insere na evolução. O **corpo intersexual** é parte da humanidade, mas como temos a prática cultural de padronizar corpos e criar estereótipos, **ele** é visto como anômalo (TEXTO X; grifos nossos).

(19) No meu caso, **os médicos** investigaram por nove meses para decidir o que iriam fazer, se deixariam meu corpo com a genitália daquele tamanho ou se iam modificá-la. **Eles** resolveram retirar o aparelho reprodutor masculino, pênis, testículos, saco escrotal, tudo, e depois criar o aparelho genital feminino (TEXTO X; grifos nossos).

Observa-se, nos três excertos, que se recorre à anáfora para que se estabeleça a referência, ou seja, reativa-se um SN (sintagma nominal) já apresentado por meio de um pronome. A via anafórica da coesão por referência é percebida a partir do uso do pronome demonstrativo “isso” para referenciar “intersexual” e “intersexualidade”, o pronome pessoal “ele” para referenciar “corpo intersexual” e “eles” para “médicos”. Além disso, no segundo excerto, o (18), também se nota a coesão referencial catafórica, na qual “isso” é usado para fazer referência ao SN “intersexualidade”, apresentado logo a seguir.

De modo geral, como se sabe, os recursos de coesão configuram uma questão essencialmente textual. Entretanto, conforme bem observa Possenti (1993), a utilização de um ou de outro recurso coesivo não deixa de ser também uma questão discursiva (o que não contradiz nem anula sua natureza textual), na medida em que esses recursos desencadeiam efeitos distintos, ligados às condições de produção do discurso, isto é, às imagens do enunciador e do destinatário. Assim, considerando que a referência é uma das formas mais simples e básicas de reativar objetos de discurso já apresentados, pode-se dizer que seu emprego não só facilita a interpretação, como também projeta a imagem de um enunciador do tipo “facilitador”, isto é, que se empenha em facilitar o processo de compreensão de seu discurso. Dessa maneira,

pode-se dizer que, embora o emprego dos mais diversos recursos relativos aos mecanismos referencialização seja esperado em todo e qualquer tipo de discurso, o emprego frequente de recursos coesivos que facilitam a compreensão dos textos não deixa de ser um fator que corrobora para a identificação do registro didático no discurso das pessoas intersexuais.

A respeito do emprego desses elementos coesivos que facilitam o processo de compreensão dos textos, Costa Val (1994) afirma:

Além de tornar a superfície textual estável e econômica, na medida em que fornecem possibilidades variadas de se promover a continuidade e a progressão do texto, também permitem a explicitação de relações que, implícitas, **poderiam ser de difícil interpretação**, sobretudo na escrita. [...] Nesses casos, se a relação pretendida não vier expressa, o receptor poderá atribuir ao enunciado sentido diferente do que o autor queria [...] (COSTA VAL, 1994, p. 8-9; grifos nossos).

Por fim, observa-se que, com o recurso frequente aos diferentes tipos de coesão que foram citados, o discurso intersexual também conecta expressões linguísticas conhecidas pelos seus interlocutores com as que não compõem o senso comum (como “intersexualidade”, “corpo intersexual”, “testosterona”, “estrogênio” etc.). Assim, o emprego dos coesivos, combinado aos procedimentos explicativos anteriormente analisados, contribui para a formação de um texto mais claro, o que, conforme já dito, diz respeito ao registro didático, que é um dos principais tipos de registro a partir dos quais o discurso dos intersexuais se configura.

3.1.3. Recursos lexicais

No que se relaciona ao léxico empregado pelos enunciadores do discurso analisado, pode-se observar o emprego de termos técnicos especialmente ligados às áreas médica e biológica, o que caracteriza uma linguagem apoiada em traços de cientificidade. Ademais, observa-se que, apesar de empregarem termos técnicos, uma das consequências do aparecimento de vocábulos provavelmente desconhecidos pelos destinatários do discurso é a definição, de maneira mais corriqueira, do que foi introduzido no discurso⁴¹. Esses recursos, como os já tratados até aqui, permitem notar a presença do registro didático no discurso dos intersexuais, que, em suma, se assemelha ao discurso empregado por professores em sala de aula e, até mesmo, por divulgadores científicos em revistas ou apresentações, conforme observa Cataldi (2009). A seguir, apresentam-se alguns excertos com essas ocorrências:

⁴¹ Como já tratado nos subitens “2.1.1” e “2.1.2”, nos quais se explicitam as estratégias aplicadas para melhor compreensão do discurso empregado pelos locutores.

(20) As diferenças podem ser encontradas nos **genitais**, **cromossomos**, **gônadas** ou **hormônios** [...] (TEXTO I; grifos nossos).

(21) Isso pode ser desde o **hermafroditismo pleno**, da pessoa nascer com duas **genitálias** [...] (TEXTO II; grifos nossos).

(22) Ou por uma questão **cromossômica**, né, de não se encaixar no que é esperado pro **macho** e pra **fêmea** do **XX** e do **XY** ou pelas questões **gonadais**, **testículo** e **ovário** ou **hormônio** ou mesmo **genital interna e externa** (TEXTO III; grifos nossos).

(23) Eu sou portador de **insensibilidade parcial androgênica** que seria quando a **testosterona** funciona mal no corpo... é... e gera uma questão de uma formação de uma **genitália** que eles chamam de ambígua (TEXTO III; grifos nossos).

(24) Eu nasci com uma **genital** lida socialmente como **masculina**, né? Mas por ter um **estado intersexual** no qual o meu **genótipo**, né, que aquele que muitas vezes as pessoas conservadoras gostam de falar de **X** e **Y** não coincidir nisso, né? Eu sou uma **mosaico** o meu **cariótipo**, ele é **46 XY**, né, mas também é **47 XXY** e **46 XX** (TEXTO III; grifos nossos).

(25) Foi quando fui levada ao médico e ele fez exames nos quais foi detectado um **déficit de testosterona (níveis masculinos)**. Daí no hospital fiz exames que detectaram minha falta de produção de **testosterona** pelos **testículos**. Muito provavelmente, o mínimo de **T (testosterona)** que eu tinha era produzido pelas **adrenais**, **glândulas** que ficam acima dos rins e que, em homens e mulheres, também produzem **T**, e estes eram **estéreis** (não funcionavam). Daí, nesse momento o médico disse que o tratamento era fácil, que só precisaria fazer uma **intervenção cirúrgica** para adequar meu **pênis** (que os médicos entendiam como normal) e o restante seria tratado com **testosterona** (que teria que tomar para vida toda), pois assim, segundo ele, teria um **pênis** normal (TEXTO IX; grifos nossos).

Observa-se que, no último excerto, estão sendo feitas, entre parênteses, as explicações para os termos técnicos por meio de expressões mais cotidianas como “estéreis (não funcionavam)”. Em outras palavras, percebe-se, mais uma vez, o efeito de sentido que se tem pelo modo como se constrói o discurso dos intersexuais: o de se fazerem entendidos, explicando, de forma clara, a sua condição como intersexuais. Além disso, o emprego recorrente do léxico das áreas médica e biológica pode ser interpretado como uma constante busca por credibilidade e respaldo das informações que são citadas ao longo da enunciação. Assim, nota-se a heterogeneidade do discurso em questão: ao mesmo tempo em que denuncia

o discurso médico (os intersexuais relatam terem sofrido com intervenções cirúrgicas não solicitadas, assédio e desconsideração por parte de profissionais da medicina), conforme se pode notar nos últimos excertos apresentados até agora, o discurso dos intersexuais também se apoia no discurso da medicina, um discurso que se vale de um discurso constituinte⁴², isto é o discurso científico, conforme Maingueneau (2006), para que ganhe credibilidade.

Os recursos lexicais são tomados, neste trabalho, como aspectos do registro didático em consonância ao trabalho de Orlandi (1987), no qual a autora aponta a presença de traços de cientificismo inatos ao didatismo como, por exemplo, o recurso à termos técnicos da área em questão que, neste caso, é a área médica e biológica. Sendo assim, pode-se dizer que o didatismo está relacionado ao emprego de certos termos e, ademais, em suas explicações.

No próximo subitem, apresenta-se outro procedimento relativo à presença do registro didático no discurso dos intersexuais, isto é, o apagamento do sujeito da enunciação.

3.1.4. Apagamento do sujeito da enunciação

Ainda em relação ao didatismo e ao cientificismo encontrados nas enunciações intersexuais, nota-se o emprego de mais um recurso que corrobora para a concretização desses efeitos. Conforme observam Alferes e Augustini (2008), constata-se com frequência o apagamento do “eu” em discursos que pretendem divulgar dados científicos. O enunciador, então, se coloca em um lugar secundário do discurso, de modo que aparente que sua autoria se torne mais apagada e menos significativa. Esse apagamento do sujeito é encontrado no discurso dos intersexuais quando enunciam informações específicas sobre sua condição, como pode ser observado nos excertos a seguir:

(26) Uma pessoa intersexual **é** a pessoa que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade: homem e mulher [...] (TEXTO II; grifos nossos).

(27) Sexo (feminino, masculino e intersexual) **é** diferente de gênero (homem, mulher, agênero, transgênero, etc.), mas o gênero costuma ser construído socialmente a partir de uma observação do sexo [...] (TEXTO VIII; grifos nossos).

⁴² Os discursos constituintes são aqueles que pretendem “não reconhecer outra autoridade que não a sua própria” e “não admitir qualquer discurso acima deles”. Assim, discursos como o religioso, o científico, o filosófico e, neste caso, o médico, são constituintes na medida em que: (i) associam “o trabalho de *fundação* no e pelo discurso ao lugar associado a um *corpo de enunciadoreis consagrados* e a uma gestão de *memória*”; (ii) são discursos que se constituem ao tematizarem a sua própria constituição; (iii) são discursos de origem, ou seja, são validados por uma cena de enunciação que autoriza a si mesmo (MAINGUENEAU, 2006, p. 33).

(28) Interessante aqui ressaltar que, nessa época (apesar de ainda termos poucos avanços), a hormonioterapia para transexuais só **era** permitida depois dos 18 anos, e para isso precisariam de um respaldo legal (TEXTO IX; grifos nossos).

(29) As definições médicas vão falar que a intersexualidade **é** uma anomalia genética, mas você enxerga na natureza casos prevalentes de intersexualidade. Nas plantas e nos animais isso não é um problema. [...] O corpo intersexual é parte da humanidade, mas como temos a prática cultural de padronizar corpos e criar estereótipos, ele é visto como anômalo (TEXTO X; grifos nossos).

(30) Um dos idealizadores da ideia de que gênero pode ser “resolvido” [cirurgicamente] no caso da questão intersexual é o psicólogo e psiquiatra John Money [que nasceu em 1921 na Nova Zelândia e morreu em 2006 nos Estados Unidos]. A ideia **é** de que, se há um caso de intersexual, pode-se mudar o gênero da criança tranquilamente e ensiná-la a viver com o gênero que ela recebeu (TEXTO X; grifos nossos).

Nota-se, então, a neutralização do sujeito nesses excertos, na medida que as orações estão na terceira pessoa, sem marcas de pessoalidade. Nesses casos, percebe-se que o discurso dos intersexuais se constrói a partir de outros dizeres, que convoca ora para reforçar, ora para combater, como é o caso do excerto (30). Seja como for, há, em todos esses casos, a anulação do “eu” e de outras marcas de pessoalidade (por exemplo: nós, nossos, etc.). Além disso, percebe-se que o apagamento do sujeito acontece frequentemente quando são apresentadas informações que objetivam, principalmente, a definição de um conceito. Emerge daí, como efeito de sentido, a impressão de que quem “fala”, isto é, quem define a intersexualidade dessa maneira, não são os intersexuais, mas a própria esfera médica. Desse modo, nota-se novamente o recurso ao discurso médico, que se torna indispensável quando os intersexuais estão explicando sua condição.

A seguir, apresentam-se algumas considerações sobre ethos e a cenografia vinculados ao registro didático presente no discurso dos intersexuais.

3.1.5. Considerações sobre o ethos e sobre a cenografia a partir do registro didático

Com base nas análises desenvolvidas até então, é possível iniciar a caracterização do ethos e da cenografia do discurso das pessoas intersexuais, considerando os efeitos de sentido relativos aos recursos que sustentam o registro didático, um dos registros a partir dos quais esse discurso se configura. Desse modo, constata-se que, diante da falta de conhecimento por parte

do público em geral sobre a condição intersexual, o discurso dos intersexuais se vale do registro didático para informar aos seus destinatários quem são os intersexuais e quais as condições negativas a que foram e a que ainda estão submetidos. Assim, seu discurso é repleto de informações técnicas que se respaldam na área médica e que procuram garantir a fidedignidade do que é dito para que seus destinatários entendam a origem biológica da causa intersexual.

Considerando-se algumas das ideias trazidas por Foucault em *Os Anormais* (1974-75), livro em que o autor relata o início da relação entre a sociedade e os intersexuais, ou hermafroditas na época, observa-se que esses últimos tinham sua imagem ligada ao imaginário das aberrações, monstros humanos e endemoniados. Além disso, Foucault relata que a ambiguidade dos sexos biológicos era vista como sendo fruto do coito com o próprio diabo, o que causaria, então, a “deformação” na genitália. Tendo em vista essa imagem negativa já fortemente propagada, que parece ser tomada no discurso dos intersexuais como uma memória a ser combatida, observa-se que a enunciação do grupo intersexual transpassa uma pretensão de se desvencilhar dessa visão. Em outras palavras, ao tomarem a iniciativa de não somente explicar, mas *inculcar* o que é ser e o que causa a intersexualidade por meio da conexão com suas causas biológicas, os intersexuais transpassam a quebra da conexão do grupo com a monstruosidade e com a anomalia, associação que vem sendo construída há séculos.

Em relação à tentativa de rompimento, nota-se que suas estratégias são consolidadas por meio dos fenômenos linguísticos citados nos subitens anteriores. Com o apagamento do sujeito, o enunciador respalda seu discurso em informações científicas que reforçam essa ligação com a cientificidade por meio do emprego de um léxico técnico que diz respeito às áreas biológicas. Nesse contexto, nota-se que o discurso intersexual se apropria da enunciação científica, o que leva, como observa Orlandi (1987), ao apagamento da figura que se apresenta como responsável pelo que se diz, em favor da emergência de uma voz anônima e impessoal, aquela que tipicamente caracteriza o discurso científico. Assim, o enunciador se transforma no redentor do conhecimento verdadeiro, adotando, em sua fala, um registro mais assertivo, próprio do “discurso da verdade”.

Além disso, a recorrência a recursos como os elementos coesivos e procedimentos explicativos que facilitam a compreensão ajudam a criar uma cenografia de divulgação científica, em que o enunciador se apresenta como o redentor de um conhecimento que precisa ser compartilhado, divulgado. Uma das consequências da adoção das estratégias linguísticas relativas ao registro didático é o estabelecimento de uma hierarquia, a mesma que é estabelecida na relação especialista-pessoa leiga.

Por outro lado, ainda no registro didático, nota-se a presença de marcadores discursivos de checagem, que levam os enunciadores a se aproximarem de seus destinatários, o que acaba por tornar a cena enunciativa na qual estão inseridos mais amigável e acolhedora. A esse respeito, vejamos os seguintes excertos:

(31) A Biologia ela não coloca essas divisões claras... A natureza em si, **né**? Quem coloca essas divisões somos nós, **né**? A gente que constrói essas ideias do que é um corpo masculino e o que é um corpo feminino. Na Biologia... lá do masculino... do feminino. A gente tá no espectro entre os dois, **né**? Ou por uma questão cromossômica, né, de não se encaixar no que é esperado pro macho e pra fêmea do XX e do XY ou pelas questões gonadais, testículo e ovário ou hormônio ou mesmo genital interna e externa. Entre o macho e a fêmea a gente tem atualmente conhecidos pelo menos 40 estados intersexuais. 40! (TEXTO III; grifos nossos).

(32) Eu nasci com uma genital lida socialmente como masculina, **né**? Mas por ter um estado intersexual no qual o meu genótipo, **né**, que aquele que muitas vezes as pessoas conservadoras gostam de falar de x e y não coincidir nisso, **né**? Eu sou uma mosaico o meu cariótipo, ele é 46 XY, né, mas também é 47 XXY e 46 XX (TEXTO III; grifos nossos).⁴³

Para compreender os efeitos dos marcadores discursivos destacados nos excertos acima, recorre-se às reflexões desenvolvidas por Guerra (2007) sobre tipos de marcadores discursivos (MD, doravante). Segundo a autora, de maneira geral, os MDs são uma combinação de traços linguísticos que se referem a um conjunto de parâmetros de análise, que podem ser descritos como aqueles que dizem respeito à função que expressões linguísticas performam dentro dos enunciados ao considerar o processo de *interação verbal*.

No caso específico do discurso em análise, destaca-se o uso de um tipo específico de MD, isto é, o de *checagem*, cujo emprego permite ao sujeito enunciator, por meio de uma pergunta tomada como retórica, checar se seu destinatário está efetivamente o compreendendo. Assim, conforme as reflexões desenvolvidas por Guerra (2007) sobre os MDs, o MD de checagem mais frequente do *corpus*, isto é, o marcador “né”, tem como objetivo a busca por aprovação do destinatário no que concerne aos tópicos discutidos na interação, conforme se pode notar nos excertos acima apresentados. Percebe-se, por meio do emprego dos MDs interacionais, que o discurso dos intersexuais atenua a hierarquia que é própria do registro didático, aproximando o enunciator dos seus interlocutores. Desse modo, no discurso

⁴³ Apesar de ambos excertos analisados pertencerem ao terceiro texto (TEXTO III), eles foram proferidos por diferentes enunciadores.

analisado, embora haja o emprego de noções e léxico provavelmente desconhecidos pelos interlocutores, observa-se o recurso a diversas expressões linguísticas, como é o caso dos MDs em questão, que têm como efeito a atenuação da distância que o discurso científico pode criar entre o enunciador e os destinatários. Essa maneira de dizer evidencia “a maneira de ser dos enunciadores”, já que, ao considerar o modo como seu discurso se constrói, percebe-se a presença de recursos que os aproximam de seus destinatários, criando vínculos entre eles.

De certa maneira, os resultados encontrados nesta análise ficam próximos dos de Sousa e Rocha (2017) ao analisarem a presença do registro didático no ensino de Biologia. Nesse trabalho, os autores observam que o registro didático, que, em certos momentos, pode até se valer de uma linguagem mais cotidiana, aproxima o discurso em questão da realidade dos alunos. Além disso, os autores também relatam que, no discurso de ensino da Biologia, o emprego de uma linguagem mais científica vem sempre acompanhado de algum tipo de recurso que favorece a apropriação de seu cientificismo por parte do aluno, mesmo que essa seja uma característica discursiva menos frequente (SOUSA e ROCHA, 2017, p. 19), o que também é observado no discurso dos intersexuais.

Desse modo, pode-se dizer que o ethos do discurso intersexual, a partir das considerações apresentadas até o momento, diz respeito a um fiador que pode ser caracterizado como uma figura instruída cientificamente que enuncia a partir de um registro didático. Além disso, nota-se que essa imagem, às vezes, ganha os contornos de uma imagem mais amigável (dada pela presença de uma linguagem simples, própria dos discursos cotidianos) que diminui a distância entre o enunciador e seus destinatários.

Em síntese: nota-se que, ao registro didático presente no discurso dos intersexuais, se vincula a imagem de um fiador cientificamente instruído (dimensão categorial do ethos) ao qual estão associados certos traços de caráter, tais como conhecimento, autoridade, assertividade, objetividade e, eventualmente, uma certa amigabilidade (dimensão experiencial do ethos). Esses aspectos combinados delineiam uma cenografia de divulgação científica e, ao mesmo tempo, amigável, capaz não só de instruir o destinatário a respeito de certos conteúdos, como também de permitir que ele simpatize com o enunciador, compreendendo melhor e, eventualmente, até apoiando sua causa.

3.2. Registro polêmico

No discurso das pessoas intersexuais, nota-se, também, a presença do registro polêmico, por meio do qual o enunciador se posiciona contra outros discursos, enunciando de forma mais

assertiva, fazendo apelos, críticas e denúncias. Para compreender melhor a natureza desse registro, recupera-se sucintamente algumas das considerações feitas por Orlandi (1987).

Orlandi (1987), ao refletir sobre a questão da variação no domínio do discurso, apresenta uma proposta de classificação dos funcionamentos discursivos em que distingue três tipos, isto é, o discurso lúdico, o discurso polêmico e o discurso autoritário. Entretanto, a autora deixa claro que, em geral, esses tipos não existem de forma pura, pois pode haver não só mistura de tipos, como também dominância entre eles, fatos que devem ser observados em cada prática discursiva particular. A esse respeito, Orlandi (1987) afirma:

Isso significa que é preciso analisar o funcionamento discursivo para se determinar a dinâmica desses tipos: às vezes todo o texto é de um tipo, às vezes sequências se alternam em diferentes tipos, outras vezes um tipo é usado em função de outro, outras vezes eles se combinam, etc. A noção de tipo não funciona como um porto-seguro, isto é não creio que se deve – como usualmente tem ocorrido – uma vez estabelecida uma noção, endurecê-la categoricamente, estagná-la metodologicamente, perdendo assim a sua plasticidade, a sua provisoriidade, enquanto matéria de conhecimento (ORLANDI, 1987, p. 156).

Com essa ressalva, entende-se que as unidades identificadas sejam registros que atravessam diversos tipos e gêneros de discurso, diferenciando-as a partir dos seguintes critérios: (i) o modo como os interlocutores se consideram (o locutor leva em conta ou não o interlocutor de acordo com uma certa perspectiva?); (ii) o grau de reversibilidade entre os interlocutores (há troca de papéis entre locutor e ouvinte no discurso?); (iii) o tipo de relação dos interlocutores com o objeto do discurso (o objeto é mantido como tal e os interlocutores se expõem a ele? Ou o objeto está encoberto pelo dizer e o falante o domina? Ou, ainda, o objeto se constitui na disputa entre os interlocutores que o procuram dominar?), do qual deriva a carga de polissemia em torno dele.

Tendo em vista esses critérios, a autora considera o discurso polêmico (registro polêmico, doravante) como aquele que apresenta as seguintes características de funcionamento: há, sob certas condições, alguma reversibilidade entre os interlocutores; o objeto do discurso está presente, mas sob perspectivas particularizantes dadas pelos participantes, que procuram lhe dar uma direção, o que favorece a emergência de uma polissemia controlada em torno do objeto do discurso. Mais exatamente, a respeito desse último aspecto, a autora observa que, no registro polêmico, é a disputa pela verdade em torno do objeto do discurso por parte dos interlocutores que favorece a emergência de um certo equilíbrio entre os processos parafrásticos (permanência do sentido único, ainda que em diferentes formas) e os polissêmicos (multiplicidade de sentidos), que Orlandi (1987) toma como os fundamentos de qualquer linguagem.

Considerando-se as características do registro polêmico pontuadas no trabalho de Orlandi (1987), pode-se dizer que esse é um tipo de discurso dialógico em seus extremos. Sua função é responder a palavra do outro, mesmo que esse outro não seja devidamente citado, destacando-se o fato de que essa resposta é, mais do que tudo, uma tentativa de desqualificação do discurso alheio. Para tanto, conforme observa Amossy (2017), o registro polêmico lança mão de inúmeras estratégias linguísticas (por exemplo, a negação, os jogos sistemáticos de oposição, a marcação axiológica, a reformulação, o manejo direcionado do discurso relatado, a ironia, a hipérbole, as interpelações etc.) a fim de lançar descrédito sobre o outro.

Tendo essas questões em vista, nota-se que o discurso das pessoas intersexuais, de forma a combater os discursos preconceituosos que são direcionados ao grupo, procura desqualificar esses discursos, o que se concretiza a partir do emprego de diversas estratégias discursivas, entre as quais se destacam: o recurso da negação nas asserções, as implicaturas e implicações conversacionais e as interpelações.

Nos próximos subitens, passa-se a observar como o registro polêmico presente no discurso das pessoas intersexuais está articulado a cada uma dessas estratégias.

3.2.1. A negação nos atos ilocutórios assertivos

Para compreender os efeitos de sentidos relativos às negações que se efetivam nas asserções recorre-se a Lima (2006), trabalho em que o autor se debruça sobre o uso da língua e aprofunda as reflexões sobre as práticas linguísticas dos falantes e sobre a comunicação a partir do ponto de vista da Pragmática. Entre outros temas abordados, o autor investiga o valor ilocutório⁴⁴ dos enunciados, evidenciando os mais diversos tipos de atos que se podem realizar nesse domínio. Mais exatamente, a partir de um conjunto de 4 critérios, Lima (2006) propõe que os inúmeros atos ilocutórios existentes sejam agrupados em 5 grandes classes de atos, a saber: os assertivos, os diretivos, os compromissivos, os expressivos e as declarações/os declarativos. Os critérios que o autor considera para essa taxonomia são: o do objetivo

⁴⁴ Como se sabe, a noção de ato ilocutório emerge no interior da teoria dos Atos de Fala, inicialmente proposta pelo filósofo da linguagem J. L. Austin (1962) e depois reformulada e expandida, inclusive por outros autores, como J. R. Searle (1969), no âmbito dos estudos da pragmática. Trata-se de uma reflexão que se desenvolve tomando o discurso como uma forma de ação sobre o outro, para além da questão da representação do mundo. Desse modo, toda enunciação constitui um ato (uma afirmação, uma pergunta, uma promessa, uma ordem) com potencial para modificar a relação entre os interlocutores. Observa-se que o ato ilocutório, que é justamente o ato que o enunciado realiza pela sua ocorrência, isto é, pela sua enunciação, vem combinado com outros dois atos: ato de produzir sons, de combinar palavras seguindo as regras da gramática de uma língua natural, que é o chamado “ato locutório”, e o ato que se realiza como efeito da enunciação, o ato perlocutório, relativo aos “resultados” que a enunciação desencadeia sobre os sentimentos, ou os pensamentos ou as ações do auditório (induzir a erro, persuadir, surpreender, alarmar, inquietar, reconfortar etc.).

illocutório, o da direção de ajuste entre palavras e mundo, o do estado psicológico expresso e o do conteúdo proposicional.

O primeiro critério, o do objetivo illocutório, diz respeito ao fato de que um ato illocutório pode ser classificado a partir do propósito ou objetivo do falante ao praticá-lo. Dessa maneira, o objetivo de uma afirmação (ou de um relato) é ser uma representação de um estado de coisas que pode ser avaliada como verdadeira ou falsa. Do mesmo modo, uma promessa objetiva ser a explicitação de uma obrigação e, um lamento, a expressão de um estado psicológico. Além disso, por ser, na maioria das vezes, o que define o ato, o objetivo illocutório é considerado uma condição essencial⁴⁵ para a sua prática. Em relação ao segundo critério, o da direção de ajuste, assume-se que, quando se afirma/se descreve/se relata, existe a pretensão de que as palavras enunciadas representem, de alguma forma, a realidade. Portanto, considerando esses atos específicos, a direção de ajuste é das-palavras-ao-mundo. Por outro lado, ao pedir ou prometer algo, o enunciado exprime um estado de coisas futuro que, em determinado momento, pode-se constatar como verdadeiro e, dessa maneira, a direção de ajuste é do-mundo-às-palavras.

No que se relaciona ao terceiro critério, constata-se que se refere ao estado psicológico expresso que pode ser classificado como as intenções, vontades ou crenças expressas em um enunciado. Sem essas intenções, vontades ou crenças, os atos illocutórios não seriam sinceros. Sendo assim, quem enuncia uma promessa exprime a intenção de que, em algum momento no futuro, irá cumprir o que foi prometido, e quem ordena ou pede exprime a vontade de que seu pedido ou ordem se tornem realidade. Por fim, no último critério, o do conteúdo proposicional, analisa-se a proposição (<p>) que está presente (ou não) em um determinado enunciado. Por instância, ao afirmar algo, assume-se que a proposição <p> é o “algo” que foi afirmado. Da mesma maneira, ao prometer, promete-se sempre algo, e esse “algo” é a proposição <p> do ato. Importante ressaltar que, quando se faz um pedido, a proposição diz respeito a um ato futuro do destinatário, quando se faz uma promessa, ela diz respeito a um ato futuro do enunciador e, quando se faz uma afirmação, a proposição expressa diz respeito a uma proposição <p> qualquer, sem nenhuma restrição. Em contrapartida aos atos que sempre exprimem uma proposição, existem aqueles que não se exprime qualquer proposição. Por exemplo, quando

⁴⁵ Lima (2006) expõe algumas condições para a prática de um ato illocutório, uma delas é a condição essencial. Segundo o autor, é essa condição que define cada ato. A título de exemplo, considera-se que um pedido pode ser definido como uma “tentativa de levar o interlocutor a fazer uma ação” (LIMA, 2006, p. 41) e, sendo assim, não é possível que um enunciador faça um pedido e não saiba que realiza essa tentativa. Por essa razão, a condição essencial para que se faça um pedido é a de que o enunciador saiba que, ao fazê-lo, enunciará uma tentativa de que seu destinatário faça a ação que consta na frase.

alguém se despede ou cumprimenta outro alguém, não exprime e nem pode exprimir qualquer proposição <p>.

Considerando-se a classificação de Lima (2006), observa-se que há no discurso das pessoas intersexuais enunciados que performam atos ilocutórios assertivos. Apresentam-se, a seguir, alguns excertos em que há ocorrências desse tipo de ato:

(33) Ser intersexual não é difícil. O difícil é ver como a sociedade te trata (TEXTO I).

(34) A identidade de uma pessoa não é algo simples. Não sou apenas intersexual. Tampouco só uma sobrevivente de câncer. Nenhum de nós é uma coisa só (TEXTO I).

(35) Ser intersexual não é raro. Entre 1,7% e 2% das pessoas no mundo são intersexuais. É uma questão estatística (TEXTO I).

(36) Não somos unicórnios, somos simplesmente invisíveis (TEXTO I).

(37) Vocês não são anomalia e nem aberração. Vocês são espectro da biologia, da diversidade biológica do tanto que a natureza é bonita. E se existe um Deus – que eu acredito que exista –, que ele criou a natureza como ela é. E ela é diversa, ela não é binária (TEXTO III).

(38) Vocês não estão sozinhos. Vocês não estão sós. Tem mais gente como vocês. A gente existe, a gente entende. E sintam-se abraçados. E abraçadas e abraçades (TEXTO III).

(39) Eu sou intersexual, sou feliz (TEXTO IV).

(40) "Hermafrodita" não é mais uma palavra legal de se usar para pessoas (TEXTO VII).

(41) Pessoas intersexuais não são doentes (TEXTO VII).

(42) Intersexualidade não é gênero (TEXTO VII).

(43) A Natureza não é binária (TEXTO VII).

Conforme pode ser observado, os excertos acima dizem respeito aos atos ilocutórios assertivos, que apelam para o caráter verdadeiro do que é afirmado, como no excerto (39), ou para o caráter falso do conteúdo negado, como nos demais excertos. A título de exemplo, pode-se dizer que, no excerto (43), o conteúdo da proposição (“o caráter binário da natureza”) é apresentado como falso, enquanto que, em (39), o conteúdo das proposições (“eu sou intersexual”, “eu sou feliz”) é dado como verdade. Ademais, a direção de ajuste dos enunciados é das-palavras-ao-mundo, pois, conforme observa Lima (2006) nos atos assertivos, pretende-se que as palavras representem a realidade, o mundo como ele é. Desse modo, pode-se dizer que,

nessas asserções, sejam afirmativas ou negativas, o discurso dos intersexuais está tratando de apresentar *as verdades* relativas à questão da intersexualidade.

Nota-se, nessas asserções, que não há itens lexicais epistêmicos. Essa ausência de marcas não deve ser tomada como uma falta completa de modalidade, uma vez que, como diversos estudos pragmáticos apontam, todas as frases, até as menos modais, comportam algum tipo de modalidade. A esse respeito, Neves (1999-2000) afirma que “é improvável que um conteúdo asseverado em um ato de fala seja portador de uma verdade não filtrada pelo conhecimento e pelo julgamento do falante” (NEVES, 1999-2000, p. 101). Desse modo, pode-se dizer que, nessas asserções, a modalidade está implícita, o que confere mais credibilidade ao modo como o discurso em questão representa o mundo, uma vez que essa representação se apresenta como independente da avaliação de quem os enuncia, ou seja, nesses casos, os conteúdos asseverados apresentam-se como verdades ou como falsidades irrefutáveis.

Para além do apresentado, nota-se, na maior parte dessas ocorrências, a presença de um discurso que está refutado por meio do advérbio de negação “não”. Seguindo a teoria polifônica de Ducrot (1987), percebe-se, então, a ocorrência de uma série de negações polêmicas por meio das quais o discurso dos intersexuais rejeita um certo ponto de vista que é recuperado no interior da própria enunciação que o contesta. Mais exatamente, segundo Ducrot, na negação polêmica, há um locutor de um enunciado negativo que se opõe a um enunciador presente no próprio enunciado, assim, “a atitude positiva à qual o locutor se opõe é interna ao discurso na qual é contestada” (DUCROT, 1987, p. 204).

Nesses termos, no excerto (41), por exemplo, notam-se dois atos ilocutórios: o primeiro ato, A_1 , que pode ser categorizado como uma asserção positiva sobre a classificação da intersexualidade como uma doença, e o segundo, A_2 , uma forma de recusar o que é dito em A_1 . Esses dois atos, A_1 e A_2 , não podem ser atribuídos à mesma perspectiva – isto é, ao mesmo enunciador, nos termos da teoria de Ducrot – que pode ser tomada nos termos de uma FD, conforme o entendimento do aparato teórico que rege este trabalho, isto é, a AD francesa. Assim, considerando-se a enunciação dos dois atos, toma-se o enunciador de A_2 como o próprio discurso dos intersexuais, e o de A_1 como um outro discurso, aquele contra o qual os intersexuais se manifestam e que pode ser considerado como uma espécie de voz anônima (uma vez que não lhe é atribuída nenhuma identidade), que desconhece as verdades relativas à questão da intersexualidade, daí a necessidade não só de combatê-la ao refutá-la, como também de corrigi-la, conforme se pode notar em vários dos excertos apresentados.

Nesses casos, observa-se que há, logo após a apresentação do conteúdo refutado e dado como falso, a apresentação do conteúdo dado como verdadeiro, que, nesses termos, corrige o discurso que está sendo combatido. Ressalta-se que, ao refutar o discurso do outro, o discurso dos intersexuais o rebaixa, na medida em que o considera como um discurso falso, favorecendo a asserção posterior do conteúdo que é dado como verdadeiro e que corrige a falsidade/inadequação desse outro discurso. Diante do exposto, pode-se dizer que o registro polêmico no discurso dos intersexuais emerge da articulação de todas essas operações realizadas em torno das negações polêmicas associadas a atos ilocutórios assertivos: assim, o discurso dos intersexuais combate um outro discurso não só ao refutá-lo, considerando-o como algo falso, como também quando o corrige, apresentando a verdade. Mais exatamente, trata-se, conforme já dito, de verdades e de falsidades que se apresentam como irrefutáveis, dada a “ausência” de modalidade, o que também reforça o caráter polêmico, que é próprio do registro polêmico.

No próximo subitem, continua-se apresentando outros aspectos do registro polêmico presente no discurso dos intersexuais.

3.2.2. As implicaturas e implicações conversacionais

Para analisar os casos de implicaturas conversacionais, este trabalho se ancora novamente em Lima (2006). Como afirma o autor, ao recuperar as reflexões de Grice (1982) sobre as leis que regem o intercâmbio verbal, as implicaturas são sentidos transmitidos de forma implícita. Mais exatamente, são sentidos derivados de enunciados cujos significados mais óbvios provocam um estranhamento por parte do leitor/ouvinte que, diante disso, desenvolve um breve cálculo mental para descobrir o verdadeiro sentido do enunciado, com base em seu conhecimento de mundo e nas leis da conversação, dentre as quais estão o princípio da cooperação e as máximas a eles ligadas. Ao longo da leitura do *corpus*, encontra-se uma série de ocorrências desse tipo que, em sua maior parte, correspondem a casos de ironia. Apresentam-se, a seguir, alguns excertos com esses tipos de ocorrência:

(44) As pessoas intersexuais têm seus problemas “resolvidos” na sala de cirurgia, com uma estrutura de segredo e silêncio que se estabelece com um aporte teórico (TEXTO X).

(45) A ideia é de que, se há um caso de intersexo, pode-se mudar o gênero da criança tranquilamente e ensiná-la a viver com o gênero que ela recebeu. Se fizer certinho a criança não percebe, e seremos todos felizes (TEXTO X).

Observa-se que, no primeiro excerto, (44), o enunciado, se tomado de modo literal, tem como efeito a quebra da máxima da qualidade (“não diga o que crê ser falso”), que se dá quando se assevera que os problemas dos intersexuais são resolvidos em sala de cirurgia. Nota-se que há o emprego de aspas no signo “resolvido”, o que pode ser tomado como um indício de que, para o discurso em questão, a palavra não coincide à realidade a que se reporta, o que, como se sabe, é relativamente comum nos casos de ironia, em que se apresenta um discurso absurdo e inadequado do qual o enunciador se distancia, daí, inclusive, o emprego das aspas, que sinalizam essa distância. Assim, conclui-se que o discurso dos intersexuais está implicando o contrário do que diz literalmente, ou seja, que, na verdade, os problemas dos intersexuais começam, ou são até levados a piorar, dentro das salas de cirurgia. Diz-se o mesmo a respeito da ironia presente no excerto (45), em que a quebra da máxima da qualidade está vinculada às várias ideias “absurdas”: (i) a de que é possível redesignar o gênero de uma criança sem ela perceber; (ii) a de que é possível ensinar a uma criança a conviver com o gênero que lhe foi atribuído; (iii) a de que isso pode levar à felicidade de todos.

Seguindo a linha das implicaturas, também se observam outros tipos de implicações conversacionais no discurso das pessoas intersexuais. Nota-se que, para além do dito sobre quem são e pelo que passam, um dos outros efeitos de sentido que os enunciados dos intersexuais frequentemente implicam é o de fazer uma denúncia. Assim, considerando-se o postulado da máxima da relevância (diga o que importa) de todos os enunciados (LIMA, 2006), e considerando-se que um falante, ao se comunicar, nem sempre o realiza diretamente e/ou literalmente, apresentam-se, em seguida, alguns dos excertos que foram caracterizados como relevantes na análise das implicações conversacionais:

(46) Todas as batalhas psicológicas que travei foram realmente por causa de como a sociedade reage a pessoas como eu (TEXTO I).

(47) Por causa desse binarismo imposto em relação a genitais, né, que desconstrói as pessoas intersexuais, que exclui as pessoas intersexuais que não tem genital ambígua eles acabam empurrando a gente para fazer hormonioterapia sem consentimento, ou seja, queriam me dar testosterona, né. Mesmo eu não querendo tomar, mesmo que eu trazendo que a minha identidade de gênero, a minha mente era feminina e eu queria que o meu corpo correspondesse a isso (TEXTO III).

(48) A sensação de solidão da pessoa intersexual é muito real e vai além de não existir em formulários ou certidões de nascimento. A maioria dos médicos não conhecem, a maioria dos

terapeutas não conhece a condição, a maioria das pessoas ignora a existência de um corpo que não esteja encaixado no binarismo do masculino e feminino (TEXTO VIII).

No excerto (46), levando-se em conta as distinções entre **dizer** e **implicar**, entende-se que se **dizem** duas coisas: (a) que a enunciadora travou batalhas psicológicas e (b) que a sociedade reage de certa maneira a pessoas como a enunciadora. Entretanto, para além daquilo que se diz, pode-se observar outro efeito de sentido provocado em sua enunciação a partir do uso da conjunção “por causa de”. Ao recorrer a uma conjunção que expressa motivo, liga-se as duas proposições feitas no enunciado, o que leva a entender que (a) ocorre como consequência de (b), isto é, a enunciadora somente travou batalhas psicológicas em razão da maneira como as pessoas a tratam por ser intersexual, o que serve, nesse caso, como uma denúncia do preconceito que sofre e, produzindo um efeito de reforçamento, emprega-se um advérbio modal epistêmico (“realmente”). Essa mesma interrelação entre o dito e o implicado se dá nos demais excertos. Em (47), por exemplo, também existem duas proposições – (a) que existe um binarismo imposto aos genitais e (b) que eles (os médicos) obrigam os pacientes a fazerem hormonioterapia – e, por meio do emprego do “por causa de”, expressa-se a relação de causa e consequência entre as duas proposições, ou seja, que os médicos somente obrigam os intersexuais a fazerem a aplicação de testosterona/estrogênio devido ao binarismo imposto nas relações de gênero (incluindo os genitais).

Tendo em vista as análises explicitadas acima, pode-se perceber como as implicaturas conversacionais integram o registro polêmico no discurso intersexual. Conforme a leitura realizada, um dos efeitos de sentido desencadeados no discurso em questão é a expressão, nas entrelinhas do discurso, de uma denúncia do preconceito sofrido por parte do sujeito enunciador, principalmente no que diz respeito ao tipo de tratamento que a sociedade, de modo geral, tem lhe dispensado.

A seguir, analisa-se mais um tópico linguístico que se vincula ao registro polêmico no discurso dos intersexuais.

3.2.3. As interpelações

No que concerne às interpelações, observa-se que, nesta pesquisa, adota-se o ponto de vista da AD pecheutiana, de acordo com a qual a interpelação é um ato de convocar um indivíduo a se apropriar de uma determinada posição de sujeito em um determinado discurso. Assim, durante a análise do *corpus* selecionado, percebe-se que, no discurso dos intersexuais, é frequente que se recorra às interpelações como uma maneira de designar os agentes das ações

relativas ao próprio grupo intersexual. Dentre as interpelações encontradas, nota-se um padrão de convocações de diferentes grupos: há as que convocam os intersexuais, que são interpelados diretamente por meio do emprego do pronome de tratamento “você”, ou indiretamente, por meio do emprego de “a gente” ou de “nós”; as que convocam a sociedade; e as que convocam a instituição médica. Apresentam-se, logo abaixo, alguns excertos em que se interpelam as próprias pessoas intersexuais:

(49) A **sua** vida vale muito. **Você** é importante, **você** é perfeito, **você** é belo. E seja forte... o mundo pode ser muito cruel, mas **a gente** tem valor, sabe? (TEXTO III; grifos nossos).

(50) **Vocês** não estão sozinhos. **Vocês** não estão sós. Tem mais gente como **vocês**. **A gente** existe, **a gente** entende. E sintam-se abraçados. E abraçadas e abraçades (TEXTO III; grifos nossos).

(51) Não **admitam** que as pessoas subjuguem **vocês**, **chamem vocês** de anomalias, de aberração. **Vocês** não são anomalia e nem aberração. **Vocês** são espectro da biologia, da diversidade biológica do tanto que a natureza é bonita. E se existe um Deus – que eu acredito que exista –, que ele criou a natureza como ela é. E ela é diversa, ela não é binária (TEXTO III; grifos nossos).

(52) Conseguir esse espaço e ter visibilidade é fundamental na construção de um futuro mais justo e confortável, que acolha crianças intersexuais sem tabus ou preconceitos, para que cresçam sem as sensações de isolamento que me assombraram. **Somos** 1% da população. Parece pouco, mas **somos** mais de 70 milhões e **temos** direito a uma vida plena (TEXTO VIII; grifos nossos).

Nos excertos apresentados, a interpelação recai sobre os próprios intersexuais e se concretiza com o uso de pronomes pessoais (*você* e *vocês*, *a gente*, *nós*, *nos*) e de verbos conjugados no imperativo, como no excerto (51). Como se pode notar, todos esses recursos linguísticos que são empregados promovem a ideia de que as pessoas intersexuais formam um coletivo, uma comunidade que pode ser identificada no interior da sociedade (*1% da população, mais de 70 milhões*).

Apresentam-se, a seguir, outros excertos nos quais foram encontradas interpelações à sociedade como um todo:

(53) Até quando **nós** vamos pegar bebês e cortar os seus pênis? Até quando **nós** vamos abrir vaginas em bebês? Sem que eles saibam sem que as famílias saibam. As pessoas precisam viver.

Todas as vidas precisam importar. Elas precisam exercer suas humanidades (TEXTO II; grifos nossos).

(54) A tentativa de simplificar a diversidade humana faz com que **a gente** aprenda umas coisas bem erradas e passe a acreditar que elas são certas (TEXTO VIII; grifos nossos).

Nesses outros excertos, nota-se que a sociedade está sendo interpelada como um todo (*nós, a gente*) pelo discurso dos intersexuais. Como há recurso ao emprego de formas de primeira pessoa, que incluem o sujeito enunciador, entende-se que se trata de uma coletividade da qual participam pessoas não-intersexuais e também os próprios intersexuais, o que reforça a ideia de uma única coletividade. Assim sendo, as interpelações, recorrentes no discurso dos intersexuais, contribuem para a consolidação do registro polêmico na medida em que, retomando as afirmações de Orlandi (1987), a partir delas, designa-se os agentes das ações relativas ao próprio grupo intersexual, como dito anteriormente, e, então, convocam-se os indivíduos interpelados a tomarem seu lugar na narrativa, seja ele o de passar a se sentir belo e importante, seja ele o de passar a se importar com as vidas intersexuais.

No próximo subitem, apresentam-se novas considerações sobre o ethos e sobre a cenografia do discurso das pessoas intersexuais, considerando-se os resultados da análise do registro polêmico.

3.2.4. Considerações a respeito do ethos e da cenografia a partir do registro polêmico

Tendo em vista as considerações tecidas a respeito do registro polêmico no discurso dos intersexuais, pode-se aprofundar a análise do ethos e da cena de enunciação. Na medida em que o discurso das pessoas intersexuais se apropria de um discurso já existente na sociedade (“de que eles são doentes e aberrações”) para refutá-lo, rebaixá-lo ao estatuto de inverdade, projeta-se a imagem de um enunciador ativista, que luta pela causa dos intersexuais, denunciando inverdades e injustiças. Ao mesmo tempo, como esse é também um enunciador que afirma verdades irrefutáveis e que revela ter o conhecimento necessário para corrigir o “discurso falso”, ele também se apresenta como um enunciador de saber, o que vai ao encontro da imagem que projeta de si quando enuncia de um modo mais didático. Isso contribui para a emergência de uma cenografia que ora ganha os contornos de uma luta, o que se verifica quando se trata de rebaixar e denunciar o que diz o outro, ora os dá um ensinamento, quando se trata de divulgar a verdade sobre a condição dos intersexuais.

Observa-se que a figura do ativista contrasta um pouco com a imagem da pessoa cientificamente instruída do fiador que emerge quando seu discurso se vale do registro didático, especialmente quando essa imagem está associada a um caráter mais amigável, nos termos já apresentados anteriormente. Por outro lado, é possível dizer que o registro polêmico complementa, de uma certa forma, as lições passadas por meio do registro didático, na medida em que, nas práticas pedagógicas, é comum que as falsidades sejam apontadas, que se corrijam as distorções etc. Ou seja, não se trata apenas de dizer verdades, mas de fazê-lo situando-as em relação a outros conteúdos, que são, então, combatidos, corrigidos, rebaixados etc. Pode-se dizer, então, que emerge daí a imagem de um fiador ativista “poderoso”, na medida em que combina conhecimento com disposição para luta.

Pode-se notar a representação desse fiador poderoso na imagem (01), que diz respeito a uma fotografia que acompanha uma das declarações presentes no *corpus* (TEXTO VIII).

Imagem 1: Eu sou uma Mulher intersexo. E daí?

Eu sou uma Mulher Intersexo. E daí?



Intersex Inside ❤️

Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/eu-sou-uma-mulher-intersexuais-e-da%C3%AD-8289c707f038>

A imagem acima é uma fotografia de uma mulher intersexual. Percebe-se que ela porta roupas que fazem alusão a uma super-heroína, a Mulher-Maravilha. Além disso, ela posa para a foto flexionando seus braços em sinal de força e, de certa maneira, rememora uma das imagens

símbolo da luta feminista, isto é, a de “Rosie the Riveter”, o que se pode inferir quando se considera a semelhança das poses adotadas nas imagens.

Imagem 2: We can do it!

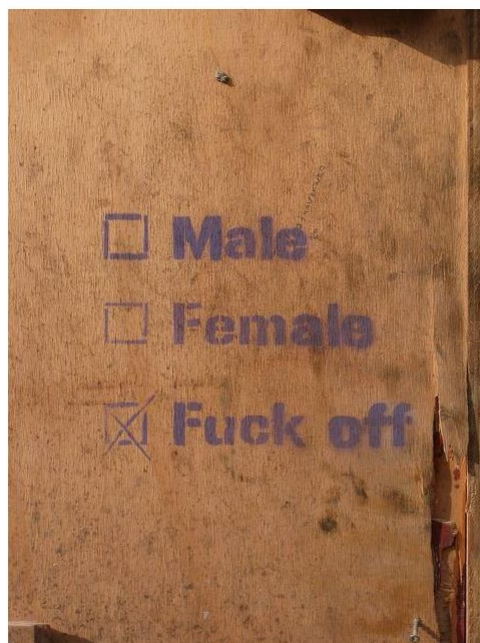


Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Rosie-the-Riveter>

Desse modo, nota-se que o fiador do discurso dos intersexuais é alguém que é forte, como uma super-heroína, e que não foge à luta à qual está convocado(a) a participar, tal como as mulheres trabalhadoras e feministas. A referência à figura da super heroína e o sorriso que a mulher intersexual exhibe podem ser tomados como indício de uma certa irreverência, hipótese que ganha reforço com o emprego da interjeição “e daí”, que pode ser tomada como uma espécie de provocação a todos aqueles que assumem os pontos de vista que o discurso em questão combate.

A esse respeito, vale observar que, no *corpus*, encontram-se outros indícios que permitem associar irreverência à imagem do fiador, conforme se pode verificar na imagem 3 (apresentada logo a seguir), na medida em que se associa, ao discurso analisado, uma cenografia do formulário padrão relacionado ao sexo que, neste contexto, é contestado a partir do acréscimo de uma terceira alternativa. Além desse fator, percebe-se a faceta irreverente do fiador e da cenografia do discurso dos intersexuais quando se observa, na imagem, o formulário situado em frente a um fundo velho, desgastado, quebrado, sujo. Essa posição dos referentes observados pode ser interpretada como uma forma de dizer que o discurso binário de gênero representado no formulário é algo ultrapassado, que precisa ser substituído.

Imagem 3: Feminino / Masculino / Foda-se



Feminino / Masculino / Foda-se

Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/eu-sou-uma-mulher-intersexuais-e-da%C3%AD-8289c707f038>

Para a análise desse texto, que combina imagens a textos escritos, retomam-se as reflexões de Maingueneau (2020) sobre os iconotextos. Dessa maneira, considerando-se que, em casos assim, as imagens possuem uma íntima relação com os textos aos quais estão atreladas, pode-se dizer que corroboram para a consolidação do fiador e da cenografia do discurso intersexual no que se refere ao registro polêmico. Mais especificamente, ao considerar-se o fiador, entende-se que a pose que revela força física (01) ajuda na criação do efeito de sentido que confere ao fiador uma imagem combativa, já que, nela, a enunciadora demonstra que não é frágil por ser intersexual, que não é doente, que está pronta para combater os preconceitos em torno da causa intersexual.

Quanto à cenografia, nota-se que a imagem (02) também colabora para reforçar os efeitos de sentido referentes ao registro polêmico, na medida em que se vale de um registro um pouco mais agressivo, que pode ser identificado pelo emprego de uma palavra de baixo calão, isto é, o “foda-se” (*fuck off* em inglês), instaurando uma cenografia de combate e de irreverência referente ao discurso dos intersexuais, na qual seus participantes, já caracterizados como ativistas e combatentes, defendem seus direitos, questionando, com sua irreverência, todos aqueles que eventualmente se oponham a eles. Assim, pode-se dizer que a irreverência emerge

justamente pelo emprego do léxico de baixo calão, que quebra uma expectativa relativa às leis do discurso. Quanto a isso, vale lembrar que todo discurso é uma relação social, portanto, também está submetido às chamadas regras de polidez; nesses termos, empregar uma palavra de baixo calão não deixa de ser uma ameaça à face social do destinatário.

A seguir, apresenta-se o terceiro tipo de registro mais comum no discurso dos intersexuais, a saber: o registro emotivo.

3.3. O registro emotivo

No que se relaciona ao registro emotivo presente no discurso dos intersexuais, constata-se que, ao tratar de sua condição, o grupo aborda, em certos momentos, conteúdos de natureza íntima, com relatos sobre o período da infância e da adolescência, principalmente, o que leva o seu discurso a se apresentar como uma espécie de contação de história que se dá no interior do que seria um suposto diálogo com o destinatário do discurso – mesmo que os últimos não possam interagir nesse diálogo. É justamente nesses enunciados que dizem respeito a uma cena de enunciação mais íntima entre enunciador e destinatário que se pode notar a presença de um registro emotivo no discurso das pessoas intersexuais, por meio do qual os sujeitos enunciadores relatam fatos marcantes de sua vida, associando-os a emoções e a sentimentos específicos.

Para a caracterização desse tipo de registro, retorna-se novamente a Orlandi (1987) e à distinção entre os tipos de discurso feita pela autora, focando-se, especialmente, no discurso lúdico citado por ela, que propõe que o discurso lúdico pode ser caracterizado por grande reversibilidade entre os interlocutores e pelo fato de que o seu objeto se mantém como tal, apresentando-se enquanto coisa, resultando disso tudo a polissemia aberta. Assim, considera-se o lúdico como o tipo de discurso mais aberto e democrático em razão de seu menor grau de persuasão, dos raros usos de imperativo e das poucas vezes em que se fala de uma verdade única (CITELLI, 2002). Tendo essas características em vista, passa-se, então, a observar os recursos que, combinados, caracterizam o registro emotivo, dentre os quais se destacam: os atos ilocutórios expressivos, os itens lexicais epistêmicos e o emprego de um certo tipo de léxico. A seguir, apresenta-se esses recursos linguísticos que, no discurso dos intersexuais, configuram o registro emotivo.

3.3.1. Atos ilocutórios expressivos

Considerando-se as reflexões apresentadas por Lima (2006) sobre os atos ilocutórios, constata-se que, para um ato ser considerado expressivo, deve seguir algumas condições sobre

os quatro critérios que o formam: o do objetivo ilocutório, o da direção ajuste, o do estado psicológico e o do conteúdo proposicional, como já dito anteriormente. No que se relaciona ao objetivo ilocutório, o ato expressivo se baseia na expressão de um estado psicológico sobre um estado de coisas proposto no conteúdo proposicional. Na direção ajuste, os atos expressivos são caracterizados por não possuírem quaisquer indicações de direção, já que, ao exprimir um estado psicológico, o falante não pretende que suas palavras representem a realidade, mas, sim, exprimir sua reação diante de um acontecimento. Em relação ao estado psicológico, os atos expressivos se destacam por serem voláteis, já que o estado psicológico varia conforme a ação expressa. Por exemplo, se se parabeniza, o estado é o de satisfação. Por fim, no conteúdo proposicional, constata-se que, nos atos expressivos, eles se caracterizam por dizerem respeito a uma propriedade ou ação referente ao interlocutor ou ao locutor. Mais resumidamente, os atos expressivos são aqueles que, ao expressar o estado psicológico do falante, demonstram emoções, sentimentos, juízos e valores. Observa-se, a seguir, alguns dos excertos que foram caracterizados a partir de sua expressividade:

(55) [...] Eu tentei explicar, mas ele não quis ouvir: “Não sei o que te disseram, mas você é um menino”, afirmou. Eu estava muito doente, em uma posição vulnerável e apesar de estar chorando, ele continuou: “Como você se parece? Como são seus peitos?”. Foi um pesadelo. Parecia que ele não ia me deixar terminar a ligação até admitir que era homem (TEXTO I).

(56) Se ia ao médico por causa de um resfriado, eles inventavam qualquer desculpa para poder examinar “lá embaixo”. Entrei em depressão severa. Cheguei a ter pensamentos suicidas. Comecei a sentir que não estava bem do jeito que eu era. Achei que precisava ficar super magra e tentei até fazer uma voz mais fina. Fiz questão de ter cabelo loiro e comprido e segui uma dieta rígida para emagrecer. Achava que deveria ser uma modelo da Victoria’s Secret com doutorado. Naquela época, eu tinha um namorado encantador, mas não me atrevi a contar a verdade a ele com medo que terminasse comigo (TEXTO I).

(57) Era horrível menstruar e ter barba na adolescência... Era uma coisa assim muito estranha para mim e eu não tinha a quem perguntar muito menos é... a quem falar e aí eu tive as minhas aulas de ciências e foi aí que descobri que... é... eu nunca fui um menino e que eu era uma menina (TEXTO IV).

(58) Eu descobri quando tinha uns 15 anos e a menstruação não veio. Antes disso ficava ansiosa esperando e contando os dias pra virar mocinha e poder sair por aí comprando absorventes toda orgulhosa de ser uma mulher adulta. Nunca aconteceu (TEXTO VIII).

(59) O interessante foi quando meu pai, sem perceber, começou a me deixar mais próxima dele para que a referência masculina dele fosse o único referencial para mim, pois isso me ajudaria no “desenvolvimento correto”⁴⁶. Por isso, comecei a acompanhar meu pai em vários momentos, até nas viagens e mudanças de cidade frequentes que ele fazia devido ao trabalho (hahahaha), eu me sentia uma cigana, já morei em SC, PR e SP (TEXTO IX).

(60) [...] Essa foi uma fase em que desmaiava muito no colégio, na igreja, na rua, enfim, em diversos lugares, parecia uma barata tonta, sabe? (rsrs) [...] (TEXTO IX).

Nos excertos anteriores, nota-se o emprego dos atos expressivos a partir de algumas características. A primeira delas é que, ao analisar o objetivo ilocutório dos enunciados, percebe-se que os enunciadores estão se expressando sobre como se sentiram em determinada situação, ou seja, eles expressam seus estados psicológicos relativos a um estado de coisas. Por exemplo, em (59), a enunciativa informa que, quando acompanhava seu pai no passado, seu estado psicológico era tal, isto é, “uma cigana”. A segunda das características que descrevem os atos expressivos do discurso analisado é a direção ajuste. A título de exemplo, em (57), com o emprego do verbo “ser” no pretérito imperfeito e “horrível”, não há qualquer direcionamento das palavras, apenas o relato sobre o estado psicológico por parte da enunciativa naquele momento.

Continuando a análise no que se relaciona à terceira característica dos atos expressivos – a do estado psicológico –, percebe-se que os estados, apesar de mudarem conforme as enunciações, estão relatando, em sua maioria, sentimentos negativos, tais como estranheza, desconforto, incerteza, instabilidade emocional, medo e depressão, conforme se pode notar pelo léxico empregado (“horrível”, “estranha”, “medo”, “ansiosa”, “depressão”, “pensamento suicida”, “estar doente”, “chorar”, “desmaiar”, “posição vulnerável”).

Por fim, sobre o conteúdo proposicional, a última característica dos atos expressivos, percebe-se que os enunciados se referem sempre a uma propriedade ou a ações associadas aos locutores. Assim, as proposições que relatam “parecer uma barata tonta”, “sentir-se uma cigana”, “ficar ansiosa”, “sentir que não estava bem” etc. se referem a propriedades dos enunciadores. Ao expressarem seus sentimentos e atribuírem propriedades a si em diversas situações, os enunciadores do discurso acabam por criar uma atmosfera de confissão e, até mesmo, de confiança para com seu interlocutor por enunciarem informações tão particulares, o

⁴⁶ Em alguns excertos, recorre-se ao uso de aspas, marcações de risadas entre parênteses etc. somente porque o enunciador, em seu texto escrito, também recorreu. Quando se trata de textos transcritos de vídeos, as aspas ou risadas não foram transcritas.

que, do ponto de vista aqui adotado, diz respeito ao registro emotivo presente no discurso intersexual.

No próximo subitem, analisam-se os efeitos desencadeados por outro aspecto desse registro, isto é, os itens lexicais epistêmicos.

3.3.2. A modalidade epistêmica

Além dos atos expressivos, pode-se dizer que o emprego de itens lexicais epistêmicos que exprimem incerteza está relacionado ao registro emotivo no discurso dos intersexuais. Em relação à modalidade, considera-se que possui um laço próximo aos atos ilocutórios expressivos, na medida em que gramaticaliza a localização de um conteúdo proposicional em relação a um enunciador e, assim, evidencia as diferentes atitudes que o enunciador toma em relação ao conteúdo proposicional. Desse modo, a modalidade epistêmica é aquela que constata, de forma positiva ou negativa, a existência de um estado de coisas e, conseqüentemente, o enunciador atribui um sentido (positivo ou negativo) a um conteúdo proposicional em questão (CAMPOS, 2004). Segundo Dall’Aglio-Hattner (1995), por meio da modalidade epistêmica, o falante avalia como certa ou possível a realidade de um estado-de-coisas ou a veracidade de uma proposição. Assim, nos enunciados epistemicamente modalizados, o enunciador expressa um juízo de valor que valida, ou não, o conteúdo proposicional, construindo, ou não, uma distância com relação a esse conteúdo, o que pode levá-lo a não se responsabilizar por ele, como é o caso dos enunciados em que há marcas de incerteza não assumidas pelo enunciador. A seguir, apresentam-se alguns excertos em que há enunciados epistemicamente modalizados:

(61) [...] Eu tentei explicar, mas ele não quis ouvir: “Não sei o que te disseram, mas você é um menino”, afirmou. Eu estava muito doente, em uma posição vulnerável e apesar de estar chorando, ele continuou: “Como você se parece? Como são seus peitos?”. Foi um pesadelo. **Parecia** que ele não ia me deixar terminar a ligação até admitir que era homem (TEXTO I; grifos nossos).

(62) Se ia ao médico por causa de um resfriado, eles inventavam qualquer desculpa para poder examinar “lá embaixo”. Entrei em depressão severa. **Ceguei** a ter pensamentos suicidas. **Comecei** a sentir que não estava bem do jeito que eu era. **Achei** que precisava ficar super magra e tentei até fazer uma voz mais fina. Fiz questão de ter cabelo loiro e comprido e segui uma dieta rígida para emagrecer. **Achava** que deveria ser uma modelo da Victoria’s Secret com

doutorado. Naquela época, eu tinha um namorado encantador, mas não me atrevi a contar a verdade a ele com medo que terminasse comigo (TEXTO I; grifos nossos).

(63) Eu pensei “nossa por que o YouTube não pode ter intersexuais?... já tem essa grande diversidade e eu ficaria honrada se tivesse intersexuais no YouTube...” e aí eu mesma resolvi fazer... é... porque eu **achei** que o mundo devia ver isso e ser uma coisa mais visível (TEXTO IV; grifos nossos).

(64) Só **sei** que eu sempre me identificava com o universo feminino e suas representações na época (TEXTO IX; grifos nossos).

(65) O problema era que isso não se restringia somente aos meninos, as meninas também implicavam comigo, principalmente pelo cabelo, o qual despertava inveja (**creio** eu, pela forma como se comportavam) [...] (TEXTO IX; grifos nossos).

Nos excertos anteriores, percebe-se que, a partir do emprego dos modais epistêmicos, os enunciadores constatarem estados de coisas que **são** ou **não são**. Em sua maioria, o emprego dos modais diz respeito à validação do conteúdo proposicional do enunciado. Por exemplo, em (65), o emprego de “creio eu” indica o valor de juízo que a enunciadora tem sobre a proposição de que *as meninas tinham inveja de seu cabelo*, validando-a e, como observado, o emprego valida a proposição feita. Ademais, com o emprego de *achar que*, *chegar a* e *saber que*, observa-se um maior comprometimento por parte do falante com o conteúdo proposicional dos enunciados na medida em que os enunciadores se consolidam como fonte de conhecimento das proposições; apesar desse comprometimento, o emprego dessas expressões imprime um grau de *incerteza* aos enunciados, já que indicam que a informação veiculada depende da confiabilidade respaldada aos enunciadores, que se apresentam como fontes dessas informações veiculadas. A esse respeito, vale lembrar que, no extremo da certeza, estão os enunciados com modalidade implícita, nos quais não há marcas de modais epistêmicos⁴⁷; por outro lado, enunciados em que há incerteza assumida pelo enunciador (como nos casos em que se emprega, na primeira pessoa do singular, verbos como “achar”, “pensar”, “parecer”) são aqueles que estão no extremo da incerteza⁴⁸. Assim, em relação ao emprego dos modais epistêmicos, evidencia-se que o recurso a esses elementos linguísticos provoca um abrandamento da assertividade dos enunciados, diferente do que se constatou na análise do registro polêmico, por exemplo. O abrandamento citado, que indicia a *incerteza* do enunciador, acaba tornando o

⁴⁷ Cf. Neves (1996)

⁴⁸ Cf. Dall’Aglio-Hattner (1995).

discurso mais pessoal e menos autoritário e, além disso, reforça o caráter pessoal do discurso ao sinalizar um grau relativo de proximidade entre o enunciador e seu destinatário.

No próximo subitem, analisa-se o léxico dos excertos emotivos.

3.3.3. Recursos lexicais

No que concerne ao léxico relativo ao registro emotivo presente no discurso intersexual, percebe-se que, em grande parte, o emprego de um léxico mais descontraído e menos formal, o que se diferencia do emprego lexical do registro didático, por exemplo. Dessa maneira, quando tratam de questões mais íntimas em seu discurso, os sujeitos enunciadorees passam a fazer uso de um léxico facilmente encontrado em uma conversa entre amigos e familiares.

Apresentam-se, a seguir, alguns dos excertos nos quais foram encontrados o tipo de léxico em questão:

(66) Minha mãe ela me criou assim como garoto... Me deu carrinhos... Me criou como um **moleque** [...] (TEXTO IV; grifos nossos).

(67) Lembro de uma amiga de infância que me viu pelada uma vez e começou a gritar pelo prédio: “Camila não tem **pentelho**! Camila não tem **pentelho**!”. Chorei por dias e tentei fazer uma peruca (é sério) (TEXTO VIII; grifos nossos).

(68) Então, eu fui socializada como uma pessoa pertencente ao gênero masculino, visto que tinha um pênis (apesar de ser um **minipipizinho, rsrsrs**) (TEXTO IX; grifos nossos).

(69) **Genteeeeee**, nunca conheci uma cidade tão transfóbica e interfóbica como aquela! (TEXTO IX; grifos nossos).

(70) Os meninos da escola me xingavam, cuspiam em mim e me assediavam sexualmente (passando a mão no meu corpo) para ver se eu tinha “**pepeca ou pipi**” (TEXTO IX; grifos nossos).

(71) Nessa fase, a maioria das pessoas, sejam meninos ou meninas, estão vivenciando as transformações da puberdade, que para as pessoas TRANS é um tormento, né?! Porém, comigo aconteceu diferente e digo que foi minha salvação! Por que comecei a ter desequilíbrio hormonal e nessa idade não tinha desenvolvido os caracteres secundários (meu físico não parecia nem de menino, nem de menina, além dos **peitinhos de azeitona kkkkk**). E devido a isso, comecei a passar muito mal. Essa foi uma fase em que desmaiava muito no colégio, na igreja, na rua, enfim, em diversos lugares, parecia uma **barata tonta**, sabe? (**rsrs**). Estava tendo

hipertireoidismo, hipoglicemia e emagrecimento (a igreja começou a associar tudo isso com possessão demoníaca, imaginem o **bafo** que deu!!! **Kkkk**) (TEXTO IX; grifos nossos).

(72) Eu com todo esse sofrimento interno e não querendo aquele **pipi** ia tomar ou fazer algo para ficar com um **pipi** grande, bem capaz, né?! (**kkk**) (TEXTO IX; grifos nossos).

Tendo em vista os excertos anteriores, percebe-se o uso de um léxico mais cotidiano, principalmente no que se concerne à referência aos órgãos genitais, como, por instância, em *pipi*, *pepeca* e *peitinhos*; o uso de gírias também pode ser observado, como em *bafo*; e, até mesmo, o de expressões informais como *barata tonta*. O recurso a esse tipo de vocabulário pode ser tomado como uma característica do registro emotivo presente no discurso dos intersexuais, na medida em que denota a construção de um discurso mais pessoal e informal e para a insinuação da proximidade na relação enunciador-destinatário. Além disso, lançando um olhar mais crítico ao léxico usado para se referir aos órgãos genitais, percebe-se uma tentativa de atenuação das palavras “pênis”, “vagina” e “seios” pela utilização de variações nos diminutivos e o emprego de palavras normalmente associadas ao vocabulário infantil, o que pode ser relacionado a uma certa *vergonha* ao se referir ao sexo, fato que não se observa quando o discurso se vale dos outros registros (didático e o polêmico), como se, ao se desvencilharem da imagem do detentor do conhecimento científico, ativista e/ou irreverente, adotassem os mesmos tabus que o resto da sociedade adota, especialmente no que diz respeito ao sexo.

A seguir, apresentam-se as considerações gerais sobre o registro emotivo no discurso intersexual.

3.3.4. Considerações sobre o ethos e a cenografia a partir do registro emotivo

Em relação à análise do registro emotivo, percebe-se que o discurso dos intersexuais, que antes tomava caminhos assertivos e dogmáticos, agora manifesta características que configuram uma fala mais íntima, delicada e pessoal, a partir das quais se evidencia a manifestação de um conjunto variado de sentimentos, que vão desde sentimentos claramente ruins (estranheza, desconforto, instabilidade emocional, medo e depressão), até outros um pouco menos negativos, como incerteza e dúvida, passando também por situações de descontração.

A partir dessas constatações, podem-se tecer mais algumas considerações a respeito do ethos e da cenografia do discurso. Mais especificamente, entende-se que, nos excertos em que domina o registro emotivo, os enunciadores do discurso projetam de si a imagem de uma pessoa

sofredora que tem problemas e passou por situações traumatizantes. Desse modo, o fiador, que, conforme já constatado, se apresenta ora como um professor, ora como um ativista, agora é tomado como um indivíduo que sente vergonha e que não tem certeza de todas as informações que enuncia. Trata-se, essencialmente, de um indivíduo que tem dúvidas sobre as coisas pelas quais passou e que, em função de seus problemas, decide compartilhar sua história. Pode se dizer, a partir disso, que a imagem do fiador que emerge no registro emotivo é a de um indivíduo traumatizado. Do ponto de vista aqui adotado, toda essa exposição de traumas e de sofrimentos vivenciados corroboram para que os destinatários do discurso possam compreender melhor a causa intersexual, e, eventualmente, se solidarizem com ela.

De modo a apreender melhor a imagem em questão, apresenta-se uma captura⁴⁹ de um dos depoimentos adotados na análise, mais especificamente, uma captura do TEXTO V, mostrada, a seguir, como a imagem (03).

Imagem 3: Amiel Vieira em “Fala Amiel”



Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0Gmx6sAH_NA.

Retomando-se, novamente, a noção de iconotexto de Maingueneau (2020), analisa-se a relação da imagem ao texto. Dessa maneira, percebe-se que, durante todo o depoimento feito

⁴⁹ Refere-se à imagem (03) como captura pois ela não é uma imagem estática apresentada em conjunto ao texto, mas, sim, uma seleção feita a partir do vídeo que compõe o texto com fins analíticos para a presente pesquisa.

pelo enunciador do TEXTO V, o vídeo é filmado em posição frontal e com um ângulo mais baixo e, além disso, percebe-se que o enunciador se apresenta trajado de roupas escuras, com os lábios caídos e com seu rosto envolto por sombras. Essa posição em que se vê a pessoa que fala no vídeo durante todo seu depoimento corrobora para que a imagem do fiador e a cenografia do discurso sejam consolidados na medida em que se percebe um efeito de sentido relativo ao sofrimento e à tristeza pelas quais o intimismo dos relatos se constrói. Assim, o enunciador, ao se posicionar dessa maneira, cria a impressão de que performa um diálogo com seu destinatário. Mas não se trata de um diálogo qualquer: trata-se de um diálogo repleto de desabafos (como se constata a partir da análise já apresentada do texto em questão) e que é enunciado com um registro de voz baixo e neutro, corroborando para a projeção da imagem do fiador como uma pessoa traumatizada e sofredora.

CAPÍTULO 3 - ETHOS DITO E QUESTÕES DE ESTEREOTIPIA

Tendo analisado o ethos mostrado do discurso dos intersexuais, ou melhor, as imagens que o sujeito enunciator projeta de si nos três principais tipos de registros por meio dos quais esse discurso se configura (imagem do professor, imagem do ativista e imagem da pessoa traumatizada), pretende-se continuar investigando as imagens associadas aos intersexuais em seu discurso em casos de ethos dito, ou seja, em fragmentos textuais em que o enunciator toma a si ou a sua enunciação como tópico de seu discurso, tanto de forma direta (por exemplo, “eu falo na qualidade de uma pessoa experiente”) quanto indireta, “por meio de metáforas ou alusões a outras cenas de fala” (MAINGUENEAU, 2006, p. 68-9). O foco dessa análise é a observação do modo como o discurso dos intersexuais colabora para transformar certas imagens negativas associadas ao grupo. Para tanto, recupera-se o estereótipo negativo que é combatido no/pelo discurso dos intersexuais; em seguida, analisa-se a imagem que os intersexuais associam a si mesmos, procurando verificar em que medida essas imagens dialogam entre si. Observa-se que a identificação dessas imagens é feita, neste capítulo, considerando-se certas metáforas conceituais que são recorrentes no discurso em análise em fragmentos de ethos dito.

4.1. O estereótipo combatido no discurso dos intersexuais: a questão da monstruosidade

Com a análise do *corpus* deste trabalho, pode-se observar que há um estereótipo bastante recorrente no discurso dos intersexuais, que é o da monstruosidade. Nota-se que esse estereótipo aparece, especialmente, nos momentos em que os enunciadores, em seus relatos, mencionam o modo como a sociedade, de modo geral, reage à intersexualidade. Levando em conta essa reação, que é na grande maioria das vezes negativa, percebe-se que ela envolve uma noção de repulsa baseada justamente na ideia de que os intersexuais são monstruosidades e aberrações, o que, por sua vez, ecoa as considerações de Foucault (1974-75) ao relatar os primeiros contatos entre a sociedade e a intersexualidade.

Para compreender melhor a presença desse estereótipo no funcionamento do discurso em análise, investiga-se a metáfora conceitual a partir da qual ela emerge, seguindo os postulados de Johnson e Lakoff (1980) sobre o conceito de metáfora. Segundo os autores, a metáfora é um conceito cognitivo, já que é uma representação mental e, assim, tem sua existência na mente e sua concretização no pensamento. Desse modo, as metáforas são conceituais por serem parte integrante da compreensão do mundo pelo indivíduo e, no que concerne à interpretação das representações metafóricas por esse indivíduo, os autores consideram que são facilmente reconhecíveis e entendíveis por serem facilmente associáveis.

Em outras palavras, a utilização de uma expressão metafórica em um enunciado não prejudica a compreensão do sentido porque o indivíduo a conecta automaticamente a algum conceito já existente em sua mente.

Em contraste à definição tradicional das metáforas em que se interpreta o conceito como uma figura de linguagem, a metáfora de Lakoff e Johnson (1980) é um recurso comum das linguagens cotidianas. De acordo com essa visão, as metáforas conceituais refletem a maneira de pensar de uma comunidade linguística, ou seja, refletem as ideologias por meio das quais uma sociedade interpreta o mundo. Assim, elas deixam de ser um simples recurso linguístico ornamental e passam a ser consideradas como uma ferramenta conceitual para a estruturação, a reestruturação e, até mesmo, a criação de uma realidade.

Partindo para uma conceitualização mais concreta, Kövecses (2017) propõe que a metáfora conceitual seja definida como o ato de entender um domínio de experiência (mais abstrato) a partir de outro (mais concreto). Além disso, segundo o autor, o processo conceitual do aspecto metafórico é o de entender um domínio ao mesmo tempo em que o padrão conceitual encontrado se torna um aspecto do produto.

Em relação ao comportamento linguístico das metáforas, considera-se⁵⁰ que elas se concretizam por expressões linguísticas, e que essa concretização acontece em consonância a um mapeamento, que é compreendido nos termos de uma transferência de conhecimento de um domínio-fonte para um domínio-alvo. Dessa maneira, a metáfora conceitual se concretiza a partir de um conjunto de correspondências entre os dois domínios. O domínio-fonte é entendido como conceitos assimilados com base em experiências mais concretas em relação à percepção da realidade. Por outro lado, o domínio-alvo é entendido de maneira mais abstrata, pois expressa a tentativa de definir conceitos (abstratos) tendo como base o domínio-alvo. Desse modo, o mapeamento que se dá entre os dois domínios explicitados acontece pelo estabelecimento de uma relação analógica possível.

Feitos esses esclarecimentos, pode-se dizer que, na associação dos intersexuais a uma *monstruosidade*, a metáfora conceitual que se emprega pode ser representada como: o *intersexual é monstro*.

A metáfora, como já mencionado, é produto de uma maneira específica de pensar e, por isso, um indivíduo pode reconhecer alguém intersexual a partir das referências que tem disponíveis na memória. Em outras palavras, ao identificar alguém que possui uma natureza

⁵⁰ Toma-se como base para a análise metafórica as considerações de Lakoff e Johnson (1980) e a de Kövecses (2017) tendo em vista que os novos estudos da metáfora conceitual não estão totalmente conectados às ideias originais dos dois primeiros autores.

biológica e anatômica suficientemente diferente da sua, o sujeito pode interpretá-lo como um monstro, na medida em que sua cultura lhe ensinou a pensar assim, conforme postula a teoria dos estereótipos. Desse modo, na metáfora em questão, o domínio-fonte é o de “ser diferente biologicamente”, aspecto mais concreto do conceito, e o domínio-alvo é “ser um monstro”, noção mais abstrata. Assim, os indivíduos buscam concretizar o conceito transmitido pela metáfora por meio da transferência de suas experiências para o domínio-alvo.

A seguir, observam-se alguns dos excertos em que se nota a presença da metáfora conceitual “o intersexual é um monstro”:

(73) E cada vez mais médicos me fizeram sentir que eu não era uma pessoa normal (TEXTO I).

(74) E... na verdade a visão que eu tinha é a visão mais comum, assim... que eu tinha nascido com defeito, que eu era uma aberração... (TEXTO III).

(75) Eu lembro de me sentir um ET por não encontrar na sociedade alguém assumidamente intersexual (TEXTO VI).

(76) Isso fez com que eu me sentisse uma grande e redonda farsa (TEXTO VIII).

(77) Daí começou a sessão humilhação (o que não falta na vida de uma pessoa trans e intersexual), ganhei o apelido de Bernadete, em referência a uma personagem de uma novela que ia ao ar naquela época (Chocolate com pimenta). Daí fizeram bandeiras escrito BERNADETE, construíram uma câmara e quando eu chegava na escola, começavam a ir atrás de mim, como se fossem entrevistar a Bernadete da escola (TEXTO IX).

(78) Teve até uma situação em que a menina tentou me humilhar e eu tentei me defender, depois ela foi atrás de mim, me chamando de aberração da natureza, que eu nunca seria mulher, que não passava de um traveco (TEXTO IX).

(79) Já bem feminina, a violência só aumentou no meu bairro. Na rua, as pessoas me perseguiam, jogavam pedras quando eu passava, recebia olhares de reprovação na rua, no ônibus, no posto de saúde recebia cusparadas de muitas senhoras, senhores e jovens. Além dos altos xingamentos de traveco e aberração (TEXTO IX).

A partir da observação dos trechos anteriores, percebe-se que termos como *aberração* e *aberração da natureza*, *ET*, *pessoa anormal* e, por último, *traveco* e *Bernadete* são adotados para fazer referência aos intersexuais. A partir da reiteração de termos como esses, pode-se

identificar o estereótipo predominantemente relacionado aos intersexuais, de acordo com o qual são os intersexuais vistos como aberrações pela sociedade, consolidando a metáfora conceitual de monstruosidade.

Por outro lado, ao longo dos depoimentos analisados, nota-se a tentativa de se opor a essa visão, sempre que possível, por meio de uma construção que combate diretamente essa ideia, isto é, a de que a *ser intersexual é normal*, na qual o domínio-fonte é *ser normal*, de um modo mais concreto, e o domínio-alvo é *intersexual*, de modo mais abstrato. Dessa maneira, o discurso intersexual associa a intersexualidade com a normalidade, quebrando e combatendo a visão da monstruosidade.

A seguir, alguns excertos em que se encontram as ocorrências dessa outra metáfora conceitual:

(80) Vocês não estão sozinhos. Vocês não estão sós. Tem mais gente como vocês (TEXTO III).

(81) A sua vida vale muito. Você é importante, você é perfeito, você é belo. E seja forte... o mundo pode ser muito cruel, mas a gente tem valor, sabe? (TEXTO III).

(82) Eu sou intersexual, sou feliz (TEXTO IV).

(83) Pessoas intersexuais não são doentes (TEXTO VII).

(84) Não somos unicórnios, somos simplesmente invisíveis (TEXTO I).

(85) Ser intersexual não é raro (TEXTO I).

(86) Ser intersexual não é difícil (TEXTO I).

Nos excertos acima, de (80) a (86), nota-se que o discurso dos intersexuais procura conectá-los a valores positivos, de normalidade (“não é raro”, “não é difícil”). A normalização da intersexualidade é consequência do efeito de sentido causado pelo recurso à metáfora conceitual, e se dá pelo uso de expressões linguísticas como *ser feliz*, *ter valor*, *ser belo*, *perfeito* e *importante* ao mesmo tempo em que se dá pela negação de algumas das características atribuídas ao grupo – que negam a metáfora do monstro – como *não ser doente*, *não ser um unicórnio*, *não ser raro* e *nem difícil*.

Diante do exposto, pode-se dizer que, com o recurso à metáfora conceitual em questão, o discurso dos intersexuais oferece uma resposta à visão negativa da sociedade sobre a intersexualidade, ou melhor, apresenta-lhe uma ferramenta para reestruturar o que a sociedade,

de modo geral, entende por intersexualidade, o que deve colaborar para que os intersexuais não sejam discriminados por sua natureza.

No próximo item, continua-se analisando os estereótipos presentes no funcionamento do discurso dos intersexuais a partir da análise de outra metáfora conceitual bastante presente nesse discurso, isto é, a de que *o intersexual é construção*. A esse respeito, observa-se que um tópico⁵¹ bastante recorrente no discurso dos intersexuais é, justamente, o da construção da identidade da pessoa intersexual. Desse modo, pode-se dizer que o enunciador, quando aborda esse tópico, projeta de si a imagem de uma pessoa em construção, não só no que diz respeito aos aspectos de seu corpo, afinal, conforme relata, vai sendo construído, transformado, mutilado etc., como também no que diz respeito ao seu mundo interior, ao modo como a pessoa se “enxerga/entende”, o que diz respeito à dificuldade que a pessoa relata de saber o gênero com o qual se identifica, o que se apresenta em termos de um processo que tem fases diferentes.

Diante dessa constatação, com o auxílio da teoria de Butler sobre a identidade de gênero⁵², desenvolve-se uma análise sobre o modo como se dá a construção da identidade intersexual pela linguagem por meio da metáfora conceitual de construção e observam-se os recursos linguísticos que entram nesse processo, com destaque para o léxico e para o emprego de verbos com *valor aspectual*.

4.2. A metáfora conceitual da identidade em construção

No discurso dos intersexuais, conforme dito, é comum haver menção à ideia de que *o intersexual é construção*. Inicialmente, os intersexuais relatam não se conectarem com seu próprio corpo, não o reconhecerem como seu. Desse modo, identificando o domínio-fonte dessa perspectiva, entende-se que ele está relacionado às experiências relacionadas à desconexão com seu corpo de um ponto de vista mais abstrato (não conexão de seu corpo com sua mente). Consequentemente, identificando o domínio-alvo, entende-se que, de um ponto de vista mais concreto, ele está relacionado à falta de vivência de experiências tidas como definidoras ao longo do crescimento de um ser humano, como a puberdade, a possibilidade de se portar de acordo com o gênero que se identifica (por exemplo, se se identifica como pertencente ao gênero feminino, trajar roupas femininas, se maquiar, pintar as unhas etc.), a possibilidade de poder se reproduzir etc.

⁵¹ Trata-se do tópico discursivo, nos termos da Linguística Textual, de acordo com a qual o tópico é o tema abordado no discurso, portanto, pode ser tanto o tópico frasal quanto o tópico do parágrafo, ou mesmo o textual.

⁵² Recomenda-se retomar o tópico 1.3. sobre os Estudos de Gênero, no qual se apresenta, de modo sucinto, a teoria de Butler sobre a identidade.

Retornando ao conceito do mapeamento, o indivíduo busca concretizar o conceito transmitido pela metáfora utilizada a partir da transferência de sua experiência para o domínio-alvo (o mais concreto – *construção*), que busca conceituar algo que é mais abstrato (o *intersexual* ou o *corpo do intersexual*). A seguir, observa-se alguns dos excertos construídos a partir dessa metáfora da construção do corpo/identidade:

(87) [...] Porque você vai renascendo várias vezes porque você enfim... você vai descobrindo que o seu corpo é algo que é mutável, é construído, é manipulável, e de que ele é corpo. As questões relacionadas ao corpo elas precisam se desapegar de noções do que é puro e do que é impuro... do que é certo e do que é errado... Corpo não é isso (TEXTO II).

(88) Eu sou o Carlos Henrique de Oliveira, tenho 27 anos. Sou sociólogo e mestrando em Ciências Sociais pela FBC. Mas não sou o homem que nasceu... que não precisou fazer nada para ser legitimado enquanto homem. Eu fui construído em mesa de cirurgia. Muito além da cultura (TEXTO II).

(89) Eu não me sinto muito conectado a este corpo. Eu sempre entendi que esse é um corpo construído pela medicina, um corpo sem forma, que não é meu (TEXTO II).

(90) O Amiel antigamente era uma ideia meio distante... uma ideia meio sei lá... produzida com as minhas próprias mãos... tava muito no campo do abstrato e depois... eu fui materializando aquilo que eu entendo como eu sou (TEXTO V).

(91) Materializar o Amiel tem sido um trabalho de construção de tijolinhos, sabe? Sabe, cê vai pondo um, dois, três... vai passando um pouquinho de massa... um pouquinho de cimento... vai fazendo aquele barulho com a espátula, né? Aconchegando um tijolo do outro... um... na realidade, um tijolo do outro, né? (...) (TEXTO V).

(92) Tenho 34 anos. Sou intersexual. Trans masculino. Não binário. E, também, doutorando. Mas mais do que tudo... sou uma pessoa em construção (TEXTO V).

Nos excertos apresentados acima, encontram-se recursos da superfície discursiva que corroboram na construção da metáfora conceitual de que *corpo intersexual é construção*. Os recursos denotados são todos aqueles que empregam conceitos que associam “ser intersexual” e “ter um corpo intersexual” a uma construção, que acontece por meio de expressões como *seu corpo é construído*, *ser uma pessoa em construção*, *ser construído pela medicina* ou *em mesa de cirurgia*, *se produzir*, *se materializar* e, principalmente, *ser uma construção de tijolinhos*, *passar massa e cimento*, *passar a espátula* e *aconchegar tijolos*. Tendo em vista que as

metáforas conceituais de Johnson e Lakoff (1980) se consolidam a partir de expressões linguísticas, conclui-se que, na medida em que se recorre ao léxico conectado à construção, evidencia-se o processo pelo qual os intersexuais passam de montagem de sua própria identidade, pois, como eles mesmos relatam, suas características biológicas foram construídas pela área médica a partir de cirurgias performadas enquanto ainda eram crianças e, como consequência, eles passaram (ou ainda passam) pelo processo de se descobrir, de se afirmar como pertencente a um grupo ou a outro.

4.3. Considerações sobre o ethos dito e os estereótipos no funcionamento do discurso dos intersexuais

De acordo com as observações apresentadas ao longo deste capítulo, pode-se dizer que o discurso dos intersexuais é composto por fragmentos de um ethos dito composto especialmente de memórias de palavras e sentidos de outros discursos e de percepções que as próprias pessoas intersexuais têm de si mesmas. Ao lançar foco sobre o primeiro ponto de análise, o da estereotipia, percebe-se que o discurso dos intersexuais é atravessado por discursos de Outros de acordo com os quais os intersexuais são *monstros*, *aberrações* ou *ets.*, mas da mesma forma que relatam as palavras dos outros, os enunciadores as refutam, o que cria, como efeito de sentido, a negação da monstruosidade referente à intersexualidade e a adoção de uma nova visão, mais positiva e inclusiva sobre a causa. Assim sendo, conclui-se que o discurso dos intersexuais possui como resultado a refutação dos estereótipos sobre o grupo ainda vigentes na sociedade.

Ademais, ao observar-se o segundo ponto de análise, nota-se que o ethos dito que envolve o discurso analisado é o de que os intersexuais *estão em construção*, *foram construídos pela medicina* etc. Entretanto, desta vez, não se refuta a metáfora recorrente, mas, sim, contribui-se para que ela se perpetue. Dessa maneira, constata-se que o discurso dos intersexuais adota uma nova imagem: a da pessoa com a identidade em construção. Essa nova imagem caracteriza um fiador fragmentado e em busca de descobrir quem realmente é. Outro fator que corrobora para a consolidação da nova imagem é a frequente recorrência à verbos caracterizados a partir de seu valor aspectual.

No que se relaciona aos verbos aspectuais, considera-se que são aqueles que agem sobre o intervalo de tempo marcado por um predicado e, como resultado da ação, constrói outro predicado que, por sua vez, marca uma das partes da estrutura temporal da eventualidade marcada no primeiro predicado (BERTUCCI, 2011). Desse modo, os verbos aspectuais

corroboram na descrição temporal do enunciado em que são empregados. Ainda sobre a definição dos verbos aspectuais, Freed (1979; *apud* BERTUCCI, 2011) propõe que eles formam um “índice temporal” que indicia a iniciação, a continuação, a duração, a cessação e a repetição ou a compleição de estágios. A seguir, apresentam-se alguns excertos em que há verbos com valor aspectual:

(93) Porque você vai renascendo várias vezes porque você enfim... você vai descobrindo que o seu corpo é algo que é mutável, é construído, é manipulável, e de que ele é corpo (TEXTO II).

(94) Então a família foi descobrindo junto comigo também a intersexualidade (TEXTO II).

(95) Eu fui materializando aquilo que eu entendo como eu sou (TEXTO V).

(96) Materializar o Amiel tem sido um trabalho de construção de tijolinhos, sabe? Sabe, cê vai pondo um, dois, três... vai passando um pouquinho de massa... um pouquinho de cimento... vai fazendo aquele barulho com a espátula, né? (TEXTO V).

(97) Nessas coisas que o Amiel vai se construindo... (TEXTO V).

(98) Fui percebendo que nunca conseguiria me ajustar a essa realidade que não me pertence (TEXTO VIII).

Nos excertos acima, a construção aspectual em questão diz respeito ao emprego do verbo *ir* seguido de gerúndio (*ir* + gerúndio). Em todos os excertos, percebe-se a marcação da temporalidade da ação, principalmente no que concerne à continuação e duração dos estágios. A seguir, nos excertos de (99) a (103), notam-se outras formas de expressão da aspectualidade do verbo, tais como: *estar* + *gerúndio*, *estar em busca de*, *fazer com que*, *procurar* + *infinitivo* e *começar* + *infinitivo*. Sobre a temporalidade das ações, percebe-se a marcação dos aspectos de continuação e duração dos estágios e, além desses, de iniciação (como em “começaram a florescer” e “fez com que me sentisse”):

(99) Eu fiquei pensando nisso... fiquei pensando nisso... e pensando na minha história... e aí que eu percebi... eu percebi o seguinte... eu percebi que... eu tô construindo ainda o Amiel (TEXTO V).

(100) Eu sou um carinha... como você tá vendo aí... um carinha que está em busca de se encontrar... um carinha que tá em busca de entender quem ele é... (TEXTO V).

(101) Isso fez com que eu me sentisse uma grande e redonda farsa, já que não vivi uma boa parte das experiências de mulheres que nascem com o sexo feminino (TEXTO VIII).

(102) Então, procurava deixar meu cabelo mais comprido (até onde dava, né? Hahaha) e usava roupas largas e andróginas para não sofrer tanto com as roupas masculinas que me deixavam com uma sensação imensa de calvário (TEXTO IX).

(103) Eu me envolvi concomitantemente com o movimento LGBT, e as questões de sexualidade começaram a florescer em mim (TEXTO X).

Conforme observa-se, nos excertos apresentados, o emprego de verbos com valor aspectual marca a temporalidade das ações representadas nas orações, mais especificamente, constata-se que essa temporalidade das ações se refere, principalmente, aos estágios de início, continuação e duração dessas ações, ou seja, nunca de terminalidade. Desse modo, pode-se dizer que o uso dos verbos aspectuais corrobora para a consolidação da imagem de que as pessoas intersexuais estão construindo sua identidade, pois, a partir da temporalidade empregada nas orações, entende-se que, apesar de já terem dado início ao processo, ainda não atingiram seu fim.

Consequentemente, observa-se a concretização de duas novas imagens do fiador a partir da análise do ethos dito do discurso analisado, uma que é refutada e outra que é continuada. A refutada, caracterizada pela imagem da monstruosidade, retrata a descontinuação do estereótipo relacionado ao grupo intersexual. A continuada, relacionada a imagem da pessoa com a identidade em construção, se encontra viva e presente no discurso intersexual e representa um estado característico do grupo.

5. CONCLUSÕES

Neste trabalho, analisa-se o ethos mostrado do discurso intersexual considerando-se os registros a partir dos quais esse discurso se configura. Além disso, investigam-se as imagens e/ou os estereótipos que estão associados ao grupo em passagens relativas ao ethos dito. A análise do ethos confirma a hipótese inicial de que o ethos dos intersexuais varia em função do tipo de registro de que o discurso se vale. Mais exatamente, a análise revela que essas imagens, apesar de serem diferentes, podem até serem consideradas complementares.

Assim, no que diz respeito ao registro didático, verifica-se que essa imagem pode ser tomada como a de uma pessoa intelectualmente instruída, conhecedora do conhecimento científico que é propagado em suas enunciações. Esse fiador não é autoritário nem dogmático, pois, muitas vezes, procura se aproximar do seu destinatário, enunciando por meio de um tom mais amigável.

A presença do registro polêmico, outro registro do qual o discurso em análise se vale, permite identificar outra face do fiador, a do ativista que ergue sua voz em prol de seus direitos e, nesse contexto, verifica-se o lado mais assertivo e autoritário do discurso dos intersexuais.

Por fim, por meio do registro emotivo, terceiro tipo mais comum no discurso dos intersexuais, o enunciador projeta a face mais vulnerável de sua imagem, própria a quem relata seus sentimentos e narra os problemas e as dificuldades pelas quais passou e ainda está passando; trata-se, essencialmente, da imagem da pessoa traumatizada.

Quanto às cenografias, nota-se que também oscilam em função dos registros. Assim, enquanto no registro didático a cenografia ganha os contornos de uma cena de divulgação científica e, ao mesmo tempo amigável, por meio da qual é possível instruir o destinatário a respeito de certos conteúdos, no registro polêmico, por outro lado, delineiam-se cenografias de combate e de irreverência, por meio das quais os enunciadores, na qualidade de ativistas e combatentes, defendem seus direitos, questionando, até mesmo irreverentemente, aqueles que se opõem a eles. Finalmente, no registro emotivo, emergem cenografias de desabafos e relatos íntimos, em que o enunciador, na qualidade de uma pessoa traumatizada, relata os problemas que vivenciou/vivencia, confessando as incertezas e os sentimentos que sua vivência traumática lhe desperta.

Desse modo, pode-se dizer que o ethos mostrado do discurso dos intersexuais é realmente um ethos que oscila, pois diz respeito ora a um fiador que se mostra convicto e certo do que diz (imagem do detentor do conhecimento científico) e que se encontra pronto para lutar

pelos seus direitos (imagem do ativista), ora a um fiador que se revela frágil e incerto a respeito de sua identidade.

Do ponto de vista aqui adotado, essas variações se ligam às necessidades que giram em torno da própria causa intersexual: (i) a necessidade de fornecer as informações corretas sobre a condição intersexual de que a sociedade tanto carece, dada as inúmeras informações equivocadas que circulam em torno do tema, para que essa condição possa ser, finalmente, compreendida de modo adequado por todos (os indivíduos comuns, a esfera médica, os políticos, as pessoas que convivem com os intersexuais etc.); (ii) a necessidade de lutar pelos direitos civis dos intersexuais, incluindo aí o poder de decidir sobre seus próprios corpos, especialmente em prol do fim da intervenção médica, sem autorização, em corpos intersexuais, com fins de “correção”; (iii) a necessidade de os intersexuais serem percebidos (vistos e ouvidos) pela sociedade e, assim, quem sabe, serem compreendidos como pessoas com sentimentos e demandas iguais a todos os outros seres humanos; (iv) por fim, a necessidade que atravessa todas as outras, que parece ser a principal condição de produção de seu discurso, isto é, a de combater a ideia de que os intersexuais são monstros e/ou aberrações.

Além do mais, a partir da perspectiva adotada nesta pesquisa, entende-se que é justamente a partir da reiteração dessas necessidades que se justificam, no discurso intersexual, as variações de ethos e de cenografias identificadas na análise do ethos mostrado. Além disso, essas necessidades também se vinculam à ideia de que o “intersexual é uma pessoa em construção”, que é a imagem relativa ao ethos dito. Retomando-se as reflexões de Butler (2019_b), de acordo com as quais a identidade de um indivíduo existe somente a partir de sua construção pelo discurso, percebe-se que a identidade intersexual se forma por meio da reiteração dessas necessidades, que não deixa de ser uma afirmação sobre o que é e, especialmente, o que não é ser intersexual (não é monstro).

Na análise do discurso intersexual, observa-se, de forma clara, como a construção da identidade intersexual se dá não só a partir das afirmações de que eles *são importantes*, de que *são belos*, de que *são perfeitos*, como também a partir da reiteração de que *não são monstros* nem *aberrações* e de que *não estão sozinhos*. Dessa maneira, entende-se que os intersexuais, por meio do uso dos atos linguísticos e dos atos de fala performativos de Butler (2019_a), procuram sair da situação de abjeção, de invisibilidade e de marginalização na qual estão perante a sociedade e passam a reivindicar seus espaços nessa mesma sociedade.

Quanto às questões de natureza discursiva propriamente dita, pode-se dizer que este trabalho testemunha a instabilidade do ethos, que pode oscilar no interior de um mesmo

discurso, especialmente quando se analisa um discurso organizado nos termos de uma unidade não-tópica, corroborando com os dizeres de Maingueneau (2020) que já haviam apontado a abrangência da noção. A esse respeito, entende-se que o trabalho também revela a pertinência de se associar o ethos a registros identificáveis a partir de uma combinação de traços diversos (linguístico-enunciativos e funcionais).

Por fim, pode-se dizer que este trabalho atesta a relevância de uma pesquisa que adota um ponto de vista interdisciplinar, já que combina a AD com Psicologia Social (AMOSSY e PIERROT, 2022), Estudos de Gênero (BUTLER, 2019_a, 2019_b) e Comunicação (CASTELLS, 2009). Apesar de esse tipo de associação envolver certos riscos (contradições teórico-metodológicas, superficialidade no tratamento de algum aspecto etc.), os resultados aqui encontrados parecem indicar que essa pode ser mesmo uma alternativa produtiva para as reflexões sobre os discursos.

REFERÊNCIAS

- ADAM, J-M. **Les textes: types et prototypes**. Paris: Éditions Nathan, 1992.
- ALFERES, S.; AGUSTINI, C. **A escrita da divulgação científica**. Horizonte Científico, Uberlândia, v. 2, n. 1, p. 1-23, 2008.
- AMOSSY, R. **Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica**. *Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação*, v. 13(1), 2017, p. 227-244. <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>.
- AMOSSY, R.; PIERROT, A. N. **Estereótipos e clichês**. Tradução (coord): Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2022.
- ARISTÓTELES. **A retórica**. 1ª ed. Le Books, 2020. Versão Kindle. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Arist%C3%B3teles-Ret%C3%B3rica-Cole%C3%A7%C3%A3o-Filosofia-ebook/dp/B085R857DD/ref=sr_1_1?keywords=ret%C3%B3rica+arist%C3%B3teles&qid=1657799854&s=digital-text&sprefix=a+ret%C3%B3rica+%2Cdigital-text%2C364&sr=1-1. Acesso em: julho 2020.
- BALDWIN, J. **No name in the street**. Knopf Doubleday Publishing Group, 2007 [1972].
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral**. São Paulo: Nacional/ EDUSP, t. 1, 1976.
- BERTUCCI, R. A. **Uma análise semântica para verbos aspectuais em português brasileiro**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística Geral. São Paulo, 2011. 200 p.
- BUTLER, J. Bodies that still matter. In: NIGRO, C. M. C. *et al.* **Corpos que (se) importam**: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018, p. 21-40.
- BUTLER, J. **Corpos que importam**: os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yado Françoli. 1ª ed. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019_a.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 18ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2019_b.
- BUTLER, J. Variations Sex and Gender: Beauvoir, Wittig and Foucault. In: BENHABIB, S.; CORNELL, D. (Orgs.). **Feminism as critique**: essays on the politics of gender in late-capitalist societies. Cambrigde: Polity Press, 1987, p. 129-142.
- CABRAL, M.; BENZUR, G. **Cuando digo intersex**: un diálogo introductorio a la intersexualidad. *Cadernos Pagu*, v. 24, p. 283-384, janeiro-junho de 2005.
- CAMPOS, M. H. C. **A modalidade apreciativa**: uma questão teórica. In: OLIVEIRA, F. E.; DUARTE, I. M. (org.). **Da língua e do discurso**. Porto: Campos das Lestas, 2004, p. 265-281.

CANGUÇU-CAMPINHO, A. K. F. **A construção dialógica da identidade em pessoas intersexuais: o X e o Y da questão**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Instituto de Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CASTELLS, M. A comunicação na era digital. In: CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009, p. 87-88.

CATALDI, C. A ciência na mídia impressa: a divulgação debate sobre transgênico. In: GOMES, M. C. A.; MELO, M. S. S.; CATALDI, C. **Práticas discursivas: construindo identidades na diversidade**. Viçosa: Arca, 2009. p. 43-63.

CIRIBELI, J.; PAIVA, V. H. P. **Redes e mídias sociais na internet: realidades e perspectivas de um mundo conectado**. Mediação, Belo Horizonte/MG, v.13, n.12, p. 58-74, jan./jun. 2011.

CITELLI, A. **Linguagem e persuasão**. 15ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2002.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **RESOLUÇÃO CFM Nº 1.664/2003**. P. 1-2. 2003. Acesso em: 18 agosto 2020. Disponível em: https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2003/1664_2003.pdf.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos do ex-presidente Collor**. Tese de doutorado, Araraquara, Faculdade de Ciências e Letras, 1995.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes Editores, 1987.

DUIT, R. **On the role of analogies and metaphors in learning science**. Science education. Nova York: 75, 1991, p. 649-672.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Os cinco sexos: porque macho e fêmea não são o bastante**. Tradução: Alice Gabriel. 2009. Acesso em: 27 julho 2020. Disponível em: <https://esquizotrans.wordpress.com/2009/03/26/alice-traduz-fausto-sterling/>.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2003.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2ª ed. Nova Fronteira, 1986.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

FOUCAULT, M. Aula de 22 de janeiro de 1975. In: FOUCAULT, M. **Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Colta Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GADELHA, C. **Eu sou uma mulher intersexuais. E daí?** Revista Subjetiva, 2017. Acesso em: 4 maio 2022. Disponível em: <https://medium.com/revista-subjetiva/eu-sou-uma-mulher-intersexuais-e-da%C3%AD-8289c707f038>.

GARBELOTTO, F. C.; COLLING, L. A intersexualidade e os direitos humanos. In: DIAS, M. B. (coord.); BARRETTO, F. C. L. (org.). **intersexuais**: aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais, culturais. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, p. 209-224, 2018.

GARCEZ, L. H. C. **Técnicas de Redação**: o que é preciso saber para bem escrever. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GHATTAS, C. D. **Human Rights between the sexes**: a preliminary study on the life situations of inter* individuals. In: THE HEINRICH BÖLL FOUNDATION. **Publication Series on Democracy**, v. 34, 2014.

GRICE, P. H. Lógica e conversação. (Trad João W. Geraldi). In: DASCAL, M. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística** (vol IV): pragmática - problemas, críticas, perspectivas da linguística. Campinas: UNICAMP. 1982, p. 41-58.

GRIGOLETTO, E. **A noção de sujeito em Pêcheux**: uma reflexão acerca do movimento de desidentificação. Estudos de Língua(gem), n. 1, junho de 2005, p. 61-67.

GUIMARÃES JUNIOR, A. R. **Identidade cirúrgica**: o melhor interesse da criança intersexuais portadora de genitália ambígua: uma perspectiva bioética. Tese (Doutorado) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2014.

HARDING, J. **Stereotypes**: international encyclopedia of the Social Sciences. Vol. 15. The McMillan Cie and the Free Press, 1968.

HILÁRIO, W. F.; PRESSOTO, P. H. **O corpo queer em middlesex, de Jeffrey Eugenides**. In: NIGRO, C. M. C. / CHATAGNIER, J. C. / LARANJA, M. R. R. (Orgs.). **Corpos que (se) importam**: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes. Campinas, SP: Pontes Editora, 2018.

INTERSEX SOCIETY OF NORTH AMERICA. **What Is Intersex?**, 2008. Acesso em: 12 agosto 2019. Disponível em: https://isna.org/faq/what_is_intersex/.

JAHODA, M. **Stereotype**: a dictionary of the Social Sciences. London: Tavistock Publications, 1964.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

KOCH, I. **Principais mecanismos de coesão textual em português**. Cad. Est. Ling., Campinas, v. 15, p. 73-80, julho-dezembro 1988.

KOCH, I. **Linguística aplicada ao português**: Morfologia. 8ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

KOCH, I.; TRAVAGLIA, L. C. **A coerência textual**. 18ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.

KÖVECSSES, Z. **Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor**. Nova York: Oxford University Press, 2017.

LAKOFF, G; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LEE *et al.* **Consensus statement on management of intersex disorders**. International Consensus Conference on Intersex. Pediatrics, v. 118, n. 2, p. 488-500, agosto de 2006.

LIMA, B. G. **Tipos de Ativismo Digital e Ativismo Preguiçoso no Mapa Cultural**. Revista GEMInIS, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 71–96, 2012. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/99>. Acesso em: 15 set. 2022.

LIMA, J. P. **Pragmática Linguística**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

LIPPMAN, W. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2010. Edição original: 1922.

LONGO, B. O.; CAMPOS, O. S. A auxiliaridade: perífrases de tempo e de aspecto no português falado. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A. C. S. (orgs.). **Gramática do português falado**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2002.

MACHADO, P. S. **O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sóciomédico e cotidiano da intersexualidade**. Cadernos Pagu, v. 24, p. 249-281, janeiro-junho de 2005.

MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. 1ª ed. Curitiba/PR: Criar Edições, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos Discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

MAINGUENEAU, D. **L'analyse du discours**. Hachette, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Fontes & Editora da UNICAMP, 1989.

MAINGUENEAU, D. **Variações sobre o ethos**. Tradução: Marcos Marcolino. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2020. Edição Kindle.

MARQUES, A.; Biondi, A. **(In)visibilidade de mulheres sem rosto: ética e política em imagens fotográficas de Teresa Margolles**. Comunicação e Sociedade, v. 32, p. 269–286, 2017. [https://doi.org/10.17231/comsoc.32\(2017\).2761](https://doi.org/10.17231/comsoc.32(2017).2761). Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/1092>. Acesso em: 07 julho 2020.

MATOS, A. C. H.; SANTOS, A. R. B. O direito à existência civil das pessoas intersexuais: um questionamento do estatuto jurídico do gênero. In: DIAS, M. B. (coord.); BARRETTO, F. C. L. (org.). **intersexuais**: aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais, culturais. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, p. 81-104, 2018.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. **Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva**: os homens como sujeitos de cuidado / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

NEVES, J. S. B. **Estudos da modalidade**: as tipologias de Campos. Cadernos WGT Ler Campos. Novembro de 2019, p. 31-36.

NEVES, M. H. M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (org.). **Gramática do português falado**. v. 4; p. 163-199. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

NEVES, M. H. M. **A modalidade**: um estudo de base funcionalista na língua portuguesa. Revista Portuguesa de Filologia 23: p. 97-123, 1999-2000.

NIGRO, C. M. C. *et al.* **Corpos que (se) importam**: refletindo questões de gênero na literatura e em outros saberes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

ORGANIZATION INTERNATIONAL INTERSEX EUROPE. **Really Germany?**. 2018. Acesso em: 04 junho 2020. Disponível em: www.oii-europe.org.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 1987.

PACIORNIK, R. **Dicionário médico**. 2ª ed. Guanabara Koogan, 1975.

PAVEAU, M. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Tradução: Graciely Costa e Débora Massmann. Campinas: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: Nupecri, Unicamp, 1995. Edição original: 1995.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

RAVIOLO, A. *et al.* **Utilización de un modelo analógico para facilitar la comprensión del proceso de preparación de disoluciones**: primeros resultados. Enseñanza de las Ciencias, v. 22, 2004, p. 379-388.

ROWELL, V. M. **A definição como recurso linguístico e sua relação com a formação de conceitos científicos**. V CINFE, maio 2010. ISSN 2177-644X. 16 p.

SILVA, M. R. D. Repensando os cuidados de saúde para a pessoa intersexuais. In: DIAS, M. B. (coord.); BARRETTO, F. C. L. (org.). **intersexuais**: aspectos jurídicos, internacionais, trabalhistas, registrares, médicos, psicológicos, sociais, culturais. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, p. 379-404, 2018.

SOUSA, F. C. **A variação de usos entre pretérito imperfeito e futuro do pretérito do indicativo na expressão da hipótese.** Revista Gatilho, v. 6 (2007), junho de 2019, 16 p. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/gatilho/article/view/26920>. Acesso em: 15 novembro 2021.

SOUZA, P. H. R. S.; ROCHA, M. B. **Análise da linguagem de textos de divulgação científica em livros didáticos:** contribuições para o ensino de biologia. Ciênc. Educ., Bauru, v. 23, n. 2, 2017, p. 321-340. DOI 10.1590/1516-731320170020003.

STEPHENS, M. **Palavra hermafrodita.** Debate Feminista, v. 47, p. 137-171, abril 2013. [https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0188-9478\(16\)30072-X](https://doi.org/https://doi.org/10.1016/S0188-9478(16)30072-X). Disponível em: https://debatefeminista.cieg.unam.mx/df_ojs/index.php/debate_feminista/article/view/957. Acesso em: 17 novembro 2021.

WEBSTER, L. **“I am I”: self-constructed identities in internet-mediated forum communication.** De Gruyter, International Journal of the Sociology of Language, vol. 2019, n. 256, 2019, p. 129-146. <https://doi.org/10.1515/ijsl-2018-2015> Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/ijsl-2018-2015/html>. Acesso em: 10 novembro 2021.

ZAMBONI, L. M. S. **Cientistas, jornalistas e a divulgação científica:** subjetividade e heterogeneidade no discurso da divulgação científica. Campinas: Autores Associados, 2001.

ANEXO A

TEXTOS DO CORPUS

TEXTO I:

⁵³Quando eu tinha 15 anos, fui a uma festa. E levei um tombo um pouco constrangedor. Foi quando descobri que eu tinha uma protuberância estranha no abdômen que não tinha visto antes. Esse inchaço acabou se revelando um tumor maligno. Estava com câncer em estágio 4 que, de acordo com o primeiro diagnóstico, era de ovários. Receber esse tipo de notícia aos 15 anos é muito marcante.

Quando recebi alta do hospital, perguntaram se eu queria saber por que tive câncer. Entrei naquela reunião animada para entender o que havia acontecido comigo, mas o médico era tão técnico que não entendi uma única frase do que ele estava dizendo. Exceto uma que ficou na minha memória: "Você tem cromossomos XY, tipicamente masculinos. Em outras palavras, você é fisicamente mulher, mas geneticamente um homem." Portanto, o câncer que eu tive não era realmente um câncer de ovário, porque eu simplesmente não tinha ovários. Os médicos sabiam disso, mas estavam esperando o momento certo para me contar.

Eu sou intersexual, isto é, uma pessoa que nasceu com uma variação nas características sexuais que identificam cada sexo. As diferenças podem ser encontradas nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios, que não coincidem com o entendimento binário padrão dos corpos - nem masculino, tampouco feminino. É muito raro que essas alterações genéticas causem o desenvolvimento de câncer. Acontece com apenas 1% das pessoas intersexuais, segundo as estatísticas. Mas aconteceu comigo.

Eu tinha acabado de colocar os pés para fora do hospital quando tudo começou a fazer sentido. Por fim, descobri por que nunca havia menstruado. Comecei a entrar em pânico. Senti um vazio enorme no peito. Era o dia do meu baile de formatura, mas decidi não ir porque não estava no clima.

Todas as batalhas psicológicas que travei foram realmente por causa de como a sociedade reage a pessoas como eu.

⁵³ Ressalta-se que, para a apresentação do *corpus* na íntegra, segue-se o formato original para textos escritos e, para textos que estão originalmente em formato de vídeo, opta-se por uma transcrição simples, sem o objetivo de retratar todas as marcas linguísticas como pausas, reformulações etc., mas, sim com o objetivo de retratar a materialidade linguística geral do discurso analisado, levando em consideração tudo o que se mostra importante para a análise final.

Na minha busca por respostas, encontrei várias cartilhas e artigos sobre câncer, mas nada sobre o que fazer se você for intersexual. Sentia que eu estava em um buraco negro.

A recomendação geral dos médicos e da minha família era "manter em segredo, não contar às pessoas".

Nos dois anos seguintes eu fui muito feliz. Estava emocionada por estar viva. Me tornei porta-voz do Teenage Cancer Trust (associação britânica dedicada a adolescentes com câncer) e isso me ajudou muito a saber como lidar positivamente com a doença. Mas havia algo que eu estava deixando de lado: minha intersexualidade.

Tudo mudou quando eu tinha 18 anos e peguei malária em uma viagem à Tanzânia. Por causa da cobertura do meu seguro, tive que falar com um médico no Reino Unido. Antes desse episódio, achava que todos os médicos eram maravilhosos, infalíveis. Pensava que eram pessoas que diziam a verdade e faziam as pessoas se sentirem bem. Esse conceito idealizado fez com que eu me sentisse muito mal depois do que viria a acontecer. O médico me pediu um histórico médico completo e quando expliquei que meus cromossomos eram do tipo XY, ele me disse: "Você me passou o histórico médico errado, se você tem cromossomos XY, você é homem". Eu tentei explicar, mas ele não quis ouvir: "Não sei o que te disseram, mas você é um menino", afirmou.

Eu estava muito doente, em uma posição vulnerável e apesar de estar chorando, ele continuou: "Como você se parece? Como são seus peitos?". Foi um pesadelo. Parecia que ele não ia me deixar terminar a ligação até admitir que era homem. Foi a partir dessa conversa que comecei a esmorecer. A voz dele era como um alto-falante para alguns dos meus pensamentos mais sombrios: que eu era uma pessoa estranha, um fenômeno desagradável. [GM1] Como ele era um médico, suas palavras ganharam muito mais relevância. E cada vez mais médicos me fizeram sentir que eu não era uma pessoa normal.

"Toma esses hormônios, eles vão fazer você parecer uma menina... Você tem três dos cinco critérios para ser considerada mulher. Ainda bem que você é bonita." Se ia ao médico por causa de um resfriado, eles inventavam qualquer desculpa para poder examinar "lá embaixo". Entrei em depressão severa. Cheguei a ter pensamentos suicidas. Comecei a sentir que não estava bem do jeito que eu era. Achei que precisava ficar super magra e tentei até fazer uma voz mais fina. Fiz questão de ter cabelo loiro e comprido e segui uma dieta rígida para emagrecer. Achava que deveria ser uma modelo da Victoria's Secret com doutorado. Naquela época, eu tinha um namorado encantador, mas não me atrevi a contar a verdade a ele com medo que terminasse comigo.

A situação começou a mudar no meu terceiro ano na faculdade, quando meu namorado foi para o exterior e passei a dividir apartamento com amigas queridas. Elas eram pessoas incríveis. Contei a elas que eu era intersexual e elas deixaram bem claro que eu não tinha nada do que me envergonhar. Pelo contrário, foi motivo de comemoração. Meu namoro acabou no fim daquele ano por causa da distância. Mas não foi o fim do mundo. Comecei a fazer mestrado e a trabalhar com política. Também estreei um blog sobre câncer, mortalidade e aceitação do próprio corpo. E um dia pensei: "Isso está errado. Sou hipócrita. Não estou sendo honesta. Estou dizendo às pessoas para aceitar o corpo delas quando não aceito o meu próprio".

Então, escrevi um post no Facebook em que, basicamente, contei a todo mundo sobre minha intersexualidade. O que veio a seguir foi incrível. As pessoas responderam imediatamente dizendo coisas como: "Nós amamos você". Contei ao meu ex-namorado e só recebi amor e compreensão da parte dele. Agora ele virou um amigo muito próximo. As redes sociais me ajudaram a encontrar uma comunidade de pessoas que passaram pelas mesmas dificuldades. E poder encontrar com elas pessoalmente foi um alívio enorme. E embora seja bom ouvir histórias positivas, você também aprende muito com as batalhas que cada um teve que travar - foi importante saber que não estava sozinha.

Cheguei a me sentir muito culpada por ter cogitado suicídio algum dia. Como poderia ousar pensar em algo assim se tinha sobrevivido a um câncer? Mas ouvir que outras pessoas passaram pela mesma situação me ajudou. E não foi só isso. Também fortaleceu minha determinação em lutar por direitos e para dar mais visibilidade a pessoas intersexuais.

Ser intersexual não é difícil. O difícil é ver como a sociedade te trata.

E compartilho minha história porque quero acabar com o estigma (em relação a pessoas intersexuais) e trabalhar por um futuro em que conheçamos, celebremos e protejamos pessoas intersexuais como eu.

Ser intersexual não é raro. Entre 1,7% e 2% das pessoas no mundo são intersexuais. É uma questão estatística.

Não somos unicórnios, somos simplesmente invisíveis.

TEXTO II

Eu sou o Carlos Henrique de Oliveira, tenho 27 anos. Sou sociólogo e Mestrando em Ciências Sociais pela FBC. Mas não sou o homem que nasceu que não precisou fazer nada para ser legitimado enquanto homem. Eu fui construído em mesa de cirurgia. Muito além da Cultura. Eu descobri a intersexualidade já na fase adulta. Já com 24 anos. Faz dois anos que eu sei que

sou intersexo, né? Eu descobri conversando com familiares, com minha mãe que em cirurgias que eu tinha feito na infância aos 6 anos aos 12 anos de idade que, em tese, relacionadas a problemas urinários na verdade elas tinham também uma conotação de construção peniana. Então, eu lembro eu tenho Memórias de Sondas, de diversos curativos que minha avó e minha mãe faziam todo cuidado higiênico de dor mesmo de medo. Era explicado para mim da seguinte forma: olha, você precisa fazer um monte de coisa, senão você não vai conseguir ir ao banheiro. Uma pessoa intersexo é a pessoa que nasce com ambiguidade ou mistura, digamos assim, dos dois sexos que são reconhecidos na sociedade homem e mulher. Isso tem vários níveis são 48 tipos de intersexualidade. Isso pode ser desde o hermafroditismo pleno, da pessoa nascer com duas genitálias, da criança crescer... ser homem socialmente e de repente tá crescendo seios... sem que ela esteja fazendo tratamento para isso. Então foi necessário fazer uma Associação Brasileira de pessoas intersexos para formalizar né uma militância que já existia. Como por exemplo direito das pessoas intersexo na infância de não serem operadas compulsoriamente. Existem casos de pais que a mãe foi sedada teve uma cesariana 30 anos atrás. No momento que nasceu o médico viu que era intersexo e falou para o pai “olha, você tem sorte. Dois sexos. Qual... qual você quer?” e falar “Né? Aí eu já tenho um menino vou querer uma menina um casal, né?”. E aí fizeram a cirurgia sem nem que a mãe soubesse. A minha mãe ela é técnica de enfermagem. Então ela tem uma noção mais ou menos do procedimento e ela falou “olha a 26 anos, eu não tinha noção do que era isso, não tinha noção há pouco tempo, mesmo trabalhando muitos anos na área da saúde como profissional da saúde não é algo falado. Então a família foi descobrindo junto comigo também a intersexualidade e também de que eu não sou um homem cisgênero como a maioria dos homens são. A intersexualidade traz um questionamento sobre o seu corpo. Primeiro tem uma decepção de que você viveu uma mentira durante muitos anos. O que é uma coisa que é verdade. Há pessoas que não renascem durante a vida, né? Eu acho que as pessoas trans, as pessoas intersexo, elas ficam renascendo. Porque você vai renascendo várias vezes porque você enfim... você vai descobrindo que o seu corpo é algo que é mutável, é construído, é manipulável, e de que ele é de que ele é corpo. As questões relacionadas ao corpo elas precisam se desapegar de noções do que é puro e do que é impuro... do que é certo e do que é errado. Corpo não é isso. Uma pessoa intersexual ela não pode nascer e ser submetido a cirurgias sem que ela nem saiba, sem que a família saiba o que está acontecendo. Porque ao contrário das pessoas trans que existe uma celeuma da sociedade de que “nossa elas fazem cirurgia”, “nossa as pessoas do demônio devemos proibi-las”. Não existe nenhum pudor em jogar uma carga enorme de hormônio em crianças para que ela se defina mulher ou homem ou

de fazer em mutilações genitais. Até quando nós vamos pegar bebês e cortar os seus pênis? Até quando nós vamos abrir vaginas em bebês? Sem que eles saibam sem que as famílias saibam. As pessoas precisam viver. Todas as vidas precisam importar. Elas precisam exercer suas humanidades.

TEXTO III

Falante 01: A Biologia ela não coloca essas divisões claras... A natureza em si, né? Quem coloca essas divisões somos nós, né? A gente que constrói essas ideias do que é um corpo masculino e o que é um corpo feminino.

Falante 02: Na Biologia... lá do masculino... do feminino. A gente tá no espectro entre os dois, né? Ou por uma questão cromossômica, né, de não se encaixar no que é esperado pro macho e pra fêmea do XX e do XY ou pelas questões gonadais, testículo e ovário ou hormônio ou mesmo genital interna e externa. Entre o macho e a fêmea a gente tem atualmente conhecidos pelo menos 40 estados intersexuais. 40!

Falante 03: Cresci, completamente sem referência, sem... não conheci o termo intersexo. E... na verdade a visão que eu tinha é a visão mais comum, assim... que eu tinha nascido com defeito, que eu era uma aberração.

Falante 04: Eu sou uma pessoa que me descobri intersexo tem dois anos. Eu sou portador de insensibilidade parcial androgênica que seria quando a testosterona funciona mal no corpo... é... e gera uma questão de uma formação de uma genitália que eles chamam de ambígua.

Falante 02: Eu nasci com uma genital lida socialmente como masculina, né? Mas por ter um estado intersexual no qual o meu genótipo, né, que aquele que muitas vezes as pessoas conservadoras gostam de falar de x e y não coincidir nisso, né? Eu sou uma mosaico o meu cariótipo, ele é 46 XY, né, mas também é 47 XXY e 46XX.

Falante 04: Durante 30 anos eu vivi uma vida com uma mulher, mas não sabia muito bem da minha história não conhecia muito bem. Não... não me sentia bem como sendo aquela pessoa. Eu fui atrás dos meus registros médicos e eu descobri que eu tinha sido uma pessoa que sofreu a mutilação genital intersexo.

Falante 05: Eu seria a pessoa mais infeliz do mundo hoje e teria acabado com a minha vida, porque é uma coisa que não ia dar pra voltar. Já pensou se tivessem feito uma cirurgia, tirado meu útero? Não ia poder ser mãe, né. Tanto que eu consegui ser mãe. E eu cresci e eu não quis ser um menino.

Falante 02: Por causa desse binarismo imposto em relação a genitais, né, que desconstrói as pessoas intersexuais, que exclui as pessoas intersexuais que não tem genital ambígua eles acabam empurrando a gente para fazer hormonioterapia sem consentimento, ou seja, queriam me dar testosterona, né. Mesmo eu não querendo tomar, mesmo que eu trazendo que a minha identidade de gênero, a minha mente era feminina e eu queria que o meu corpo correspondesse a isso.

Falante 01: Então, é necessário que sejam feitas mais pesquisas não só no campo da Biologia ou da Medicina, mas também no campo da Psicologia, no campo Social, né? Não... não tratar os nossos corpos apenas com a visão médica, mas também com a visão da subjetividade do ser humano, né? Tratar isso de outra forma, né? Mudar o foco do problema de saúde pra questão pessoal subjetiva do indivíduo.

Falante 02: Não admitam que as pessoas subjuguem vocês, chamem vocês de anomalias, de aberração. Vocês não são anomalia e nem aberração. Vocês são espectro da biologia, da diversidade biológica do tanto que a natureza é bonita. E se existe um Deus -que eu acredito que exista-, que ele criou a natureza como ela é. E ela é diversa, ela não é binária.

Falante 01: A questão de direitos é direitos humanos, né? De você poder ter a liberdade também de designação do próprio gênero, né? Autodesignação de gênero. É... a liberdade de você ter o seu corpo da forma que você acha que seu corpo tem que ser, né? É um direito de propriedade sobre o próprio corpo, né? Se tem algo que a gente pode dizer que é realmente nosso é o nosso corpo, né?

Falante 03: A sua vida vale muito. Você é importante, você é perfeito, você é belo. E seja forte... o mundo pode ser muito cruel, mas a gente *tem* valor, sabe?

Falante 01: Vocês não estão sozinhos. Vocês não estão sós. Tem mais gente como vocês. A gente existe, a gente entende. E sintam-se abraçados. E abraçadas e abraçades.

TEXTO IV

Eu sou intersexo. É... Durante a gravidez da minha mãe ela teve um desequilíbrio hormonal. Então, eu nasci com um clitóris mais evoluído que mais parecia um pênis. Por exemplo, a minha voz... é... ela chega a ser muito grossa (Ivy engrossa a voz) e outras características que me... que me adequam... que me faz parecer um menino é esse pomo de adão que ele fica muito explícito no meu pescoço... e outra coisa é que meu corpo... ele não tem nada de feminino além do meu sistema reprodutor. Ele não tem aquela... aquela cintura assim (*desenha um violão no ar*) que as mulheres têm. E outra coisa é que a minha mão chega ser muito grande e eu não entendo isso porque eu sempre me coloquei numa coisa que meninas deveriam ser pequenas e delicadas, mas não é bem isso porque eu sou a prova de que mulheres podem ser altas e muito fortes. Minha mãe ela me criou assim como garoto... Me deu carrinhos... Me criou como um moleque, mas aí chegou meus 10 anos eu fiz... é... chegou a minha puberdade... meu clitóris ele diminuiu. Era horrível menstruar e ter barba na adolescência... Era uma coisa assim muito estranha para mim e eu não tinha a quem perguntar muito menos é... a quem falar e aí eu tive as minhas aulas de ciências e foi aí que descobri que... é... eu nunca fui um menino e que eu era uma menina. Aos 12 anos eu já tinha decidido que eu ia querer ser menina, pois me identifiquei mais como mulher do que como homem. E aí... é... aos 13 eu já tinha tido a minha primeira conversa com a minha mãe sobre eu querer ser uma menina e ela não tinha... é... assim... gostado muito disso, porque para mim eu tinha um pênis, não tinha uma vagina então era uma coisa assim como se eu fosse transgênera ou transexual, mas o problema é que as pessoas veem muito isso como gays e... gay assim tipo as pessoas acham que gay e trans é tudo a mesma coisa. Eu pensei “nossa por que o YouTube não pode ter intersexo?... já tem essa grande diversidade e eu ficaria honrada se tivesse intersexos no YouTube...” e aí eu mesma resolvi fazer... é... porque eu achei que o mundo devia ver isso e ser uma coisa mais visível. Eu sou intersexo, sou feliz.

TEXTO V

A gente vai falar sobre quem eu sou... um cara de 34 anos que... nasceu... cresceu... eu sou um carinha... como você tá vendo aí... um carinha que está em busca de se encontrar... um carinha que tá em busca de entender quem ele é. Hoje eu postei um negócio no meu Face falando sobre essas questões de como [inaudível]... e... achei muito legal que as pessoas que escreveram a seguinte frase: “olha, você precisa se amar a si mesmo primeiro pra depois poder amar alguém ou ser amado por alguém”... eu fiquei pensando nisso... fiquei pensando nisso... e pensando na

minha história... e aí que eu percebi... eu percebi o seguinte... eu percebi que... eu tô construindo ainda o Amiel. O Amiel antigamente era uma ideia meio distante... uma ideia meio sei lá... produzida com as minhas próprias mãos... tava muito no campo do abstrato e depois... eu fui materializando aquilo que eu entendo como eu sou. Materializar o Amiel tem sido um trabalho de construção de tijolinhos, sabe? Sabe, cê vai pondo um, dois, três... vai passando um pouquinho de massa... um pouquinho de cimento... vai fazendo aquele barulho com a espátula, né? Aconchegando um tijolo do outro... um... na realidade, um tijolo do outro, né? Meu... é isso... eu me vejo não mais colocando como em janeiro, sabe? O Amiel que tava saindo da feminilidade... e... embarcando na masculinidade... cortando o cabelo... ficando com cabelo assim mais estiloso... todo “pompudo” ... “pomposo” ... Não ... O Amiel que está sendo construído é um Amiel calmo... Um Amiel que ainda é bem inseguro, mas que tá dando um passo... um passo do dia... um passo do dia... e vai ficando mais próximo daquilo que deveria ser o ideal, né? Mas talvez não seja o ideal construído. Talvez eu seja o ideal... que a sociedade tem pra mim ou até a própria comunidade trans tem. Eu vejo me construindo... um pouquinho por dia. Hoje eu fui dar entrada em uns documentos da universidade... do doutorado que eu vou fazer lá Rio... deu até emoção na hora que eu encaminhei um documento que era um documento de pedido de nome social. Tipo... é nessas coisas assim que o Amiel toma matéria, sabe? Nessas coisas que o Amiel vai se construindo... assim, tipo -eu falo muito tipo hahaha- mas é essa pessoa que eu sou... Esse ser humano que... que saiu de uma feminilidade imposta pra uma masculinidade... não... e procura não oprimir... e procura não ser machista... e que também não tá dada... mas que supera todos os dias... Essa semana eu propus um desafio para mim. Primeiro: postar o vídeo desse canal. Fazia... né... eu tô desde novembro assim “Ah, vou criar... vou criar... vou criar... Não sei o quê... pa pa pa”. Hoje tô fazendo. Não vai ficar perfeito, mas vou subir para vocês verem, né? Mas... é... eu vou fazer uma intervenção lá no instituto da criança. Eu espero conseguir fazer isso nessa semana. Uma intervenção mostrando pras pessoas que forem lá no instituto a necessidade de se discutir a questão da intersexualidade, das cirurgias que são feitas em crianças sem os seus consentimentos. O consentimento dos pais, dos médicos é dado, mas as pessoas não pensam muito no amanhã dessa pessoa, né? Pensam muito no amanhã próximo, mas não naquele amanhã que tá meio distante, né? Que é a vida que tá entre a fase de adolescência e vida adulta, né? E nesse momento eu quero vir e ver o que as pessoas entendem sobre a intersexualidade, mas quero mostrar para elas... materializar a história de alguém que foi vítima dessa intervenção não consentida, mas que está se construindo todos os dias. Eu sou o Amiel. Tenho 34 anos. Sou intersexo. Trans masculino. Não binário. E, também,

doutorando. Mas mais do que tudo... sou uma pessoa em construção. Você não vai ver um Amiel completo, você vai ver um Amiel que tá cada dia aprendendo... transgredindo... transcendendo. Mostrando ao mundo que esse é o mundo em que nós pessoas trans, pessoas intersexos temos lugar e direito a fala. Então ouçam o que os intersexos e o que as pessoas trans têm a falar. Por isso que o nome desse canal é “Fala, Amiel”.

TEXTO VI

Tweet 1: “Eu lembro de me sentir um ET por não encontrar na sociedade alguém assumidamente intersexo. Muitas crianças, adolescentes e adultos passam por essa falta de identificação social”.

Tweet 2: “O binário de gênero esse que nos oprime diariamente opera tanto em quem passou por uma cirurgia de mutilação genital como em quem não passou. De um lado por colocar a pessoa num sexo sem seu consentimento e no outro por habitar com seu corpo um ambiente em que um genital intersexo”.

TEXTO VII

1. "Hermafrodita" não é mais uma palavra legal de se usar para pessoas.

A palavra hermafrodita é usada apenas para se referir aos animais e plantas. Para seres humanos o correto é sempre usar a palavra intersexo.

2. Segundo a ONU, até 1,7% das crianças nascem com traços intersexuais.

Que é o mesmo número de pessoas que nascem com cabelos ruivos. Mas nem sempre a intersexualidade se faz presente logo no nascimento, as vezes seus traços só ficam aparentes na puberdade. Há casos de pessoas que só se descobriram intersexuais na fase adulta, ou que morreram sem nem saber.

3. Pessoas intersexuais não são doentes.

De acordo com Maria Berenice Dias, advogada e coordenadora do livro "Intersexo", é preciso despatologizar a intersexualidade. Por muito tempo a intersexualidade ficou mantida em sigilo, nem a medicina nem a sociedade quiseram trazer essas questões à tona, com isso muitos bebês passaram por cirurgias de mutilações. Em 2015, foi formada A Associação Brasileira de Intersexos (ABRAI) por um grupo de pessoas intersexuais com a missão de trazer visibilidade,

informar, educar e apoiar pessoas e famílias intersexuais.

4. Intersexualidade não é gênero.

Intersexualidade, embora esteja representada pela letra I na sigla LGBTI+, não está no campo do gênero nem da orientação sexual. Intersexualidade está no campo da biologia, na formação biológica do sexo de cada indivíduo.

Ou seja:

O sexo biológico tem a ver com: masculino, feminino ou intersexo.

O gênero se refere a uma construção que você desenvolve: masculinos (trans ou cis), femininos (trans ou cis) ou não-binário.

E a orientação sexual descreve sua relação com a atração: héteros, gays ou lésbicas, bissexuais ou panssexuais.

5. A Natureza não é binária.

Ao contrário do que passamos a vida inteira acreditando, XX e XY não são as únicas formas existentes na formação do sexo biológico. Essa construção de masculino e feminino foi criada para esconder outras formas de existências.

6. Sim, existe XX e XY - e muito mais.

Intersexualidade é qualquer variação de caracteres sexuais incluindo cromossomos, gônadas e/ou órgãos genitais. Essa variação pode envolver ambiguidade genital, combinações de fatores genéticos e aparência e variações cromossômicas sexuais diferentes de XX e XY. Existindo assim mais de 40 possibilidades de ser intersexo.

7. Parem de mutilar bebês intersexos.

Em muitos casos, a intervenção médica é para adequar os corpos às normas e padrões estabelecidos na sociedade. É a lógica de "consertar" algo que está fora do esperado. Para o Conselho Federal de Medicina, médicos devem intervir e determinar o gênero daquele indivíduo. As intervenções podem ocorrer através de cirurgias ou processos hormonais por longos períodos, o que pode trazer inúmeras sequelas físicas e emocionais.

Algumas entidades, como a ONU e a Organização Mundial da Saúde, assim como muitos militantes pelo movimento de pessoas intersexuais, são contra as práticas de intervenções médicas e defendem que haja uma espera para que a criança possa decidir ao longo da vida.

8. 8 de novembro marca o dia da solidariedade intersexo.

8 de novembro é o aniversário de Herculine Barbin, pessoa intersexo que viveu na França durante o século XIX. Esta é uma edição em espanhol do diário de Herculine, que foi prefaciado por Michel Foucault.

9. Ei, você que também é intersexo: você não está só.

Neste vídeo (em inglês), as pessoas retratadas acima falam sobre como é ser intersexual. "É difícil para pessoas intersexuais se encontrarem porque desde cedo nos dizem para não falar sobre nossos corpos". Mas você pode encontrar um grupo de apoio ou um espaço seguro para buscar informações e trocar experiências.

10. Se informe, sempre!

Depois de tudo isso, há outros canais de informações que você pode seguir, como a página Visibilidade Intersexo ou ABRAI.

TEXTO VIII

UFA. Que alívio escrever isso. Só de digitar o título eu já senti minhas costas um pouco menos pesadas. É difícil carregar um segredo por tanto tempo, fica tudo meio engasgado, enfezado e tentando escapar pelos poros.

É mais complicado ainda quando o segredo mora dentro desses mesmos poros, em cada célula do corpo. Escondido dentro das mitocôndrias reveladas apenas aos médicos e a alguns poucos familiares.

Eu descobri quando tinha uns 15 anos e a menstruação não veio. Antes disso ficava ansiosa esperando e contando os dias pra virar mocinha e poder sair por aí comprando absorventes toda orgulhosa de ser uma mulher adulta. Nunca aconteceu.

Lembro da ginecologista tentando explicar, lembro de algumas outras conversas com alguns outros médicos. Morava no Rio e só tratavam "disso" em São Paulo. Hoje moro aqui e conheço melhor a cidade, mas na época só passei rápido pra fazer uma cirurgia que tinha a ver com "aquilo" e morri de medo de tudo. Minha mãe e minha irmã se hospedaram em um flat e a gente comeu massa em uma cantina da Oscar Freire.

Chamavam de hermafroditismo. Aquilo. Eu só entendi que meu DNA e minha parte de dentro era "de homem" enquanto meu corpo por fora era "de mulher". O que significa que na

verdade eu não entendi nada. Mas aprendi que nunca menstruaria, e antes disso havia aprendido que homens têm penis e mulheres têm vaginas, de acordo com um dos pupilos do "Um Tira no Jardim da Infância". Eu tinha vagina, então era mulher.

A tentativa de simplificar a diversidade humana faz com que a gente aprenda umas coisas bem erradas e passe a acreditar que elas são certas.

Ser intersexo significa que ao invés de ser um ser masculino ou feminino eu sou uma terceira forma de vida que normalmente não existe como opção em formulários que perguntam o "sexo" de um bebê ou de um adulto se matriculando em uma academia.

Sexo (feminino, masculino e intersexo) é diferente de gênero (homem, mulher, agênero, transgênero, etc.), mas o gênero costuma ser construído socialmente a partir de uma observação do sexo, então como a minha aparência exterior sempre foi de uma pessoa do sexo feminino, fui criada e socializada como mulher.

Isso fez com que eu me sentisse uma grande e redonda farsa, já que não vivi uma boa parte das experiências de mulheres que nascem com o sexo feminino. Não menstruei, não tive espinha, não produzo pêlos no corpo e nunca tive que me depilar. Também nunca vou poder gerar um bebê ou amamentar uma criaturinha.

Lembro de uma amiga de infância que me viu pelada uma vez e começou a gritar pelo prédio: "Camila não tem pentelho! Camila não tem pentelho!". Chorei por dias e tentei fazer uma peruca (é sério).

Demorei mais de 30 anos até aceitar meu corpo, minha condição e a mim mesma. Foi um processo muito doloroso, tanto fisicamente quanto emocionalmente. Me machuquei muito tentando habitar minha própria carne e ainda vacilo de vez em quando.

A sensação de solidão da pessoa intersexo é muito real e vai além de não existir em formulários ou certidões de nascimento. A maioria dos médicos não conhece a condição, a maioria dos terapeutas não conhece a condição, a maioria das pessoas ignora a existência de um corpo que não esteja encaixado no binarismo do masculino e feminino. É difícil se conectar com outras pessoas quando sua natureza é desconhecida.

Apesar de tudo, acho que tive bastante sorte por nascer na época que nasci. As gerações anteriores deram grandes passos em relação à quebrar tabus de sexualidade e conquistar direitos necessários, mas a nossa geração usa a internet e catalisa transformações em tempo real. A intersexualidade hoje é comentada em grupos de Facebook e até pelo Dráusio Varela. Aos poucos estamos nos encontrando, nos reconhecendo e ganhando voz.

Conseguir esse espaço e ter visibilidade é fundamental na construção de um futuro mais

justo e confortável, que acolha crianças intersexo sem tabus ou preconceitos, para que cresçam sem as sensações de isolamento que me assombraram. Somos 1% da população. Parece pouco, mas somos mais de 70 milhões e temos direito a uma vida plena.

Por isso esse texto confessional, por isso preciso falar desse assunto, por isso jogo fora a capa de invisibilidade que é o meu privilégio de poder esconder minha intersexualidade.

Sei que o risco é grande e que muitas pessoas que me conhecem podem usar isso contra mim. Também sei que a tentativa de difamação pode até funcionar, já que a sociedade ainda caminha lentamente rumo à uma utopia de diversidade e respeito. Talvez me confundam com uma mulher trans, talvez passem a me perguntar sobre meus genitais, talvez questionem a sexualidade dos meus parceiros. Não vou me incomodar.

O medo da ignorância dos opressores não pode me impedir de me assumir como oprimida.

TEXTO IX:

Então, eu fui socializada como uma pessoa pertencente ao gênero masculino, visto que tinha um pênis (apesar de ser um minipipizinho, rsrsrs). O médico orientou a minha família que o atraso no desenvolvimento do órgão era transitório e que em breve tudo estaria normalizado. No máximo, futuramente recorreriam a um procedimento cirúrgico ou hormonal. Entretanto, a promessa do médico de que aquelas características desapareciam com o tempo não se cumpriu: as coisas só foram piorando e minha feminilidade ficando cada vez mais evidente. Me lembro de muitas coisas em relação à minha percepção do genital e essa disforia de gênero que eu sentia. E pasmem: tenho lembranças desde os meus 3 anos de idade!

Ok, muitos aí podem questionar e dizer: “Mas como você pode se lembrar de algo tão sério, sendo tão nova? Como você se lembra se a maioria não se lembra de nada nessa idade?” E eu respondo: “Mas é óbvio, né? Porque não tiveram uma experiência traumática ao se identificar com um sexo diferente daquele que todos à volta falavam que você era!”. Só sei que eu sempre me identificava com o universo feminino e suas representações na época. Pedia aos meus pais objetos que todas as meninas na época usavam, e logo no início de minha infância já comecei a sofrer repressões: meu pai afirmava a todo momento que eu era um menino e que os objetos deveriam ser correspondentes a esse gênero. E se eu teimasse em afirmar isso, acabava sofrendo mais repressões. Minha mãe percebia alterações biológicas acerca do meu corpo, porém meu pai dizia que estava tudo bem: o único cuidado que precisavam ter era com a criação: deveriam educar para ser “o homem da casa” e isto se resolveria.

Porém, os anos foram se passando e eu me identificava cada vez mais com todo o universo feminino. Por vezes tentava deixar meus cabelos grandes, nas brincadeiras sempre procurava brincar com as ditas brincadeiras de menina ou, quando não tinha como, me imaginava brincando.

O interessante foi quando meu pai, sem perceber, começou a me deixar mais próxima dele para que a referência masculina dele fosse o único referencial para mim, pois isso me ajudaria no “desenvolvimento correto”. Por isso, comecei a acompanhar meu pai em vários momentos, até nas viagens e mudanças de cidade frequentes que ele fazia devido ao trabalho (hahahaha), eu me sentia uma cigana, já morei em SC, PR e SP. Depois de tantas mudanças de residência, acabamos nos estabelecendo em Ribeirão Preto SP, e foi aí que passei minha pré-adolescência e adolescência. Essa foi a pior fase da minha vida. Genteeeeee, nunca conheci uma cidade tão transfóbica e interfóbica como aquela! Pelo menos das que eu vivi e das que eu conversei com outras amigas trans e/ou intersexuais!

Já nesta época minha aparência física e minha forma de me comportar e de me relacionar era feminina e as pessoas da cidade notavam-na de maneira diferente, resultando em inúmeras perseguições, com inúmeros apelidos pejorativos, tais como travequinho, bichinha, viadinho e boiolinha. No colégio (Ensino Fundamental) eu era perseguida de todas as maneiras possíveis, fosse devido à minha aparência ou pela minha forma de agir. Os meninos da escola me xingavam, cuspiam em mim e me assediavam sexualmente (passando a mão no meu corpo) para ver se eu tinha “pepeca ou pipi”. Por essa violência eu evitava frequentar o banheiro masculino, pois se estivesse neste espaço, sofreria mais. O problema era que isso não se restringia somente aos meninos, as meninas também implicavam comigo, principalmente pelo cabelo, o qual despertava inveja (creio eu, pela forma como se comportavam), e muitas vezes eu era alvo de ameaças (queriam jogar goma de mascar em meu cabelo, diziam que meu cabelo era muito bonito e como menino aquilo não podia).

Em um certo momento, resolvi recorrer à religião para me “curar”. Meu pai é evangélico da congregação cristã e quase minha família toda também. Então, nunca era bem encarada pela família. Não tive nenhum apoio. A família do meu pai, na época, junto com a maioria do bairro, fazia de minha vida um inferno. Então, tentei lutar contra esse sentimento de me sentir e enxergar como sendo uma mulher. E acreditem: meu amparo veio de onde eu menos esperava: um padre.

Nesse momento, a única pessoa a quem eu podia contar sobre essa intimidade era o padre, pois todas as vezes que tentei me abrir com alguém – seja na escola ou no bairro –, foi

mais motivo para ser humilhada publicamente. Então, procurava deixar meu cabelo mais comprido (até onde dava, né? Hahaha) e usava roupas largas e andróginas para não sofrer tanto com as roupas masculinas que me deixavam com uma sensação imensa de calvário.

Nessa época, meu pai às vezes tentava me vestir com roupas convencionalmente masculinas, e quando saía com ele para locais onde não me conheciam, as pessoas o questionavam sobre o porquê de ele fazer aquilo comigo, vestia a filha dele como “menininho”. Eu amava quando isso acontecia (rsrs). Estas perguntas revoltavam meu pai e ele sempre corrigia dizendo que tinha um filho e não uma filha.

Aí, já com meus 12 anos, meus seios começaram a apontar (pareciam mais duas azeitonas kkk), minha voz não engrossava e isso levava ao aumento das retaliações, já que agora existiam mais marcadores de diferença com alvo. Eu achava estranho tudo aquilo acontecendo comigo, porém gostava muito porque me sentia mais mulher, mesmo sofrendo com aquela presença do pipi. Porém, todos ao meu redor cobravam de mim uma masculinidade nas minhas ações e no meu vestir.

Em casa, meu pai queria que eu fosse “homem”. Minha mãe não tinha muito espaço de falar por conta da criação que teve, e minha irmã achava que eu era homossexual. Entretanto, ela não entendia muito minha androgenia de corpo. Nessa época, minha irmã temia muito o que poderia acontecer comigo, porque se realmente eu fosse homossexual, iria “cair no mundo”, ser promíscua, me prostituir, contrair HIV, entre outros estereótipos bastante pejorativos (lembrando, gente, que minha irmã não tinha culpa por pensar assim, a sociedade molda as pessoas a pensarem assim das pessoas diferentes).

Já com meus 13 anos, comecei as terapias psicológicas devido a tudo aquilo que acontecia comigo. Durante esse *boom* de sentimentos, sensações, preconceitos e discriminações, minha sorte foi achar uma psicóloga muito competente, e ela foi a segunda pessoa, além do padre, a quem eu podia contar sobre essas dúvidas e acontecimentos. Ela me disse que se era um desejo meu reprimir tudo isso, cuidaríamos disso juntas, mas se fosse um desejo assumir minha identidade feminina, também cuidaria de mim para que eu soubesse lidar com tudo isso.

Nessa fase, a maioria das pessoas, sejam meninos ou meninas, estão vivenciando as transformações da puberdade, que para as pessoas TRANS é um tormento, né?! Porém, comigo aconteceu diferente e digo que foi minha salvação! Por que comecei a ter desequilíbrio hormonal e nessa idade não tinha desenvolvido os caracteres secundários (meu físico não parecia nem de menino, nem de menina, além dos peitinhos de azeitona kkkkk). E devido a isso, comecei a

passar muito mal. Essa foi uma fase em que desmaiava muito no colégio, na igreja, na rua, enfim, em diversos lugares, parecia uma barata tonta, sabe? (rsrs). Estava tendo hipertireoidismo, hipoglicemia e emagrecimento (a igreja começou a associar tudo isso com possessão demoníaca, imaginem o bafo que deu!!! Kkkk).

FOI AÍ QUE AS COISAS MUDARAM MINHA GENTE!! UFAAAA! FINALMENTE!!!

Foi quando fui levada ao médico e ele fez exames nos quais foi detectado um déficit de testosterona (níveis masculinos). Daí no hospital fiz exames que detectaram minha falta de produção de testosterona pelos testículos. Muito provavelmente, o mínimo de T (testosterona) que eu tinha era produzido pelas adrenais, glândulas que ficam acima dos rins e que, em homens e mulheres, também produzem T, e estes eram estéreis (não funcionavam). Daí, nesse momento o médico disse que o tratamento era fácil, que só precisaria fazer uma intervenção cirúrgica para adequar meu pênis (que os médicos entendiam como normal) e o restante seria tratado com testosterona (que teria que tomar para vida toda), pois assim, segundo ele, teria um pênis normal. Eu com todo esse sofrimento interno e não querendo aquele pipi ia tomar ou fazer algo para ficar com um pipi grande, bem capaz, né?! (kkk).

Nesse momento, junto com a terapia, com a ajuda do padre e com o apoio de alguns amigos de verdade, para quem eu tinha contado minha situação entendi esses déficits hormonais, minha aparência andrógina e meu próprio nome como uma bênção divina, daí decidi assumir minha transexualidade.

Daí vocês pensam: como assim você é intersexo??? Sou sim. Meu corpo funcionava nem como de menina, nem como de menino. Porém, minha identidade de gênero é feminina, mesmo com aquele pipi que não servia de nada, só para me deixar mal e com nojo de mim mesma!!! Então, para assumir minha identidade feminina, precisava fazer minha transição de gênero, me categorizando como mulher trans intersexo (nome usado no exterior e que só agora vem sendo usado aqui no Brasil).

Quando retornei ao médico, relatei que me recusava tomar testosterona, que eu preferiria morrer caso me expusessem a isso. Daí fui encaminhada para o Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina Ribeirão Preto, da USP. Fui revirada do avesso e lá mesmo queriam me tratar para o masculino. Eu fui firme e disse que não queria tomar testosterona.

Foi quando comecei a tomar anticoncepcional por conta própria, sempre que possível. Quando eu tinha dinheiro, comprava uma cartelinha e ia tomando, porém não tinha uma frequência regular (e já digo, pessoas, não façam isso, é muito perigoso!). Eu estava

desesperada, enxergava ali a chance de meu sonho ser realizado e ninguém queria me ajudar: nem os médicos, nem a família (naquele momento). Só que como a falta de hormônio já me fazia mal, imagina a ingestão irregular de um outro hormônio? Também fez, né? (kkkkkkkkkkkk).

Os médicos até notaram que meus níveis de estrogênio subiram um pouco! Foi quando eles repararam que tinha algo de errado comigo, daí acabei contando tudo. Nesse momento, expus minha situação à minha família (mãe e irmã), disse o quanto sofria fisicamente e psicologicamente por essa situação, o quanto foi sofrido ser criado como homem sem ser!!! Minha mãe ficou chocada, sem reação (apesar de, no fundo, saber que sempre fui assim), e minha irmã questionava, dizendo que não era correto aquilo, que precisava aceitar as coisas (Imagina, gente? Aceitar o quê? Ser homem sem ser? De certa forma, se eu fosse deixar meu corpo seguir não seria nem homem, nem mulher, né?!).

O médico ginecologista achou melhor não envolver meu pai na conversa naquele momento e me disse que eu precisava pensar melhor no que queria fazer, pois era uma decisão complicada (apesar de, na minha cabeça, já estar totalmente resolvida, né gente?). Depois disso, tive outras consultas com o médico junto com a psicóloga, e o médico sempre propunha a masculinização, pois também era menos burocrática e mais fácil, visto que os meus documentos (na época) não precisariam ser alterados e com uma pequena cirurgia e o tratamento hormonal ele cumpriria a tarefa dele. Já a psicóloga do HC entendeu meu processo e disse para ele que era preciso minha participação ativa no tratamento.

Depois disso, conversei com meu pai sobre tudo que estava acontecendo de fato comigo. Ele disse que sempre reparou no meu jeito "feminino", e que ele aceitava eu ser homossexual (nessa época ele não entendia a diferença que existe entre ser homossexual e ser transexual ou intersexual), mas não conseguia entender as mudanças corporais que estavam acontecendo. Ele temia por isso porque achava que eu não seria aceita por ninguém, que não teria trabalho, que seria uma vergonha para todos. Ele dizia que queria meu bem (e de certa forma eu entendia ele, né gente? Até porque 90% das pessoas transgênero que passam pela transição caem na prostituição, pela não aceitação da sociedade e da família). Então, nesse momento, meu pai disse que não apoiaria a hormonioterapia de estrogênio, porém não me obrigaria a tomar testosterona. Gente, imaginem meu sofrimento e minha angústia? Estava entre a cruz e a espada, sabe?

Eu já estava com quase 14 anos de idade e tinha meu novo retorno médico na genética/ginecologia para ver o que eu tinha resolvido com meus pais. No retorno, contei tudo

o que aconteceu e, no Brasil da época, não tinha nenhuma legislação sobre transexualidade e intersexualidade. Lembrem-se que estamos falando do final de 2003. O médico disse que no HC da USP Ribeirão só tratariam a minha intersexualidade, e que, por eu ser uma pessoa transexual também, eles não poderiam continuar a minha assistência, alegando que poderia ocorrer até prejuízos jurídicos para eles caso fizessem meu tratamento (resumindo, estava jogada).

Então decidiram acompanhar meu caso, mas sem hormonioterapia. Porém, a geneticista do setor, sensibilizada por minha situação, me encaminhou para o Hospital de Base de Rio Preto, onde na época tinha assistência para transexuais, e lá haveria autonomia dos profissionais para a prescrição hormonal. Chegando lá, com o encaminhamento e com a descrição de meu caso, os médicos prescrevem a receita dos hormônios adequados ao meu sexo psicológico (feminino), mas meu pai se recusava a comprar o medicamento. Porém, como já disse a vocês, meus níveis hormonais tanto de testosterona quanto de estrogênios eram baixos. Eu já estava com 14 anos e isso poderia me dar muitos problemas de saúde (desequilíbrio do eixo hormonal dos outros hormônios produzidos pelo corpo, osteoporose, problemas articulares, o não fechamento das epífises/crescimento ósseo das extremidades, mãos e pés, e relacionados às células do sangue).

Ou seja, a falta de qualquer que fosse o hormônio me prejudicaria, já que eu estava na fase do desenvolvimento. E como continuei a ter os desmaios associados ao hipertireoidismo e hipoglicemia, meu pai, temendo por minha saúde e pela minha vida aceitou realizar minha hormonioterapia com estrogênio. Finalmente, depois de tudo isso, minha irmã reconheceu que o que ela achava ser o irmão dela nunca existiu, e dali em diante ela e minha mãe só me tratavam por pronomes femininos.

Interessante aqui ressaltar que, nessa época (apesar de ainda termos poucos avanços), a hormonioterapia para transexuais só era permitida depois dos 18 anos, e para isso precisariam de um respaldo legal. Porém, eu também sendo intersexual, eles teriam respaldo legal para realizá-la.

Com meus 14 anos iniciei minha TH com estrogênios e, como eu não tinha presença significativa de nenhum dos hormônios sexuais, foi um boom quando iniciei a terapia. Meu corpo desenvolveu rapidamente, meus seios terminaram de desenvolver e meu corpo também (quadril largo, os ossos, suas estruturas e a musculatura, até meu exame de sangue, onde tem os níveis celulares de homens e mulheres, estavam todos no feminino e não mais nos níveis infantis, como costumavam estar). A partir daí, troquei todas as minhas roupas. Estava no

primeiro ano do colegial – imaginem o que deu, né?! E nessa, com o tratamento hormonal, meus outros problemas resolveram-se: minha glicose e minha tireoide voltaram a ficar estáveis, ou seja, não tive mais hipertireoidismo e nem hipoglicemia.

E como não podia ser diferente, havia ali alunos que me conheciam de antes (do Ensino Fundamental) e minha troca de roupas foi bem nesse período. Daí começou a sessão humilhação (o que não falta na vida de uma pessoa trans e intersexo), ganhei o apelido de Bernadete, em referência a uma personagem de uma novela que ia ao ar naquela época (Chocolate com pimenta). Daí fizeram bandeiras escrito BERNADETE, construíram uma câmara e quando eu chegava na escola, começavam a ir atrás de mim, como se fossem entrevistar a Bernadete da escola. E isso não parou aí: nesse primeiro momento, muitos alunos me xingavam, jogavam coisas em mim, tentavam acertar goma de mascar em meu cabelo, entre outras coisas.

Até que um dia, precisei usar o banheiro. Não aguentava mais ficar toda vez segurando e, quando usei o feminino (para evitar o assédio dos guris do banheiro masculino), ele foi invadido por meninos instigados por um grupo de meninas que me viram entrar. Entraram e tentaram me tirar à força do banheiro, e até arrancaram minha roupa para verificar o que realmente eu era, mas foram contidos por outras meninas que estavam no banheiro e me protegeram para que não fizessem isso comigo (isso me emociona em lembrar, sabe?).

A escola não sabia muito como lidar com a questão, então, as pessoas me tratavam no masculino (mesmo meu nome sendo ambíguo), até eu conseguir ser tratada no feminino. Ah, não podia esquecer que logo após esses acontecimentos, a direção da escola interveio dizendo que as pessoas deveriam ser respeitadas como são, contudo, me entendiam como uma pessoa homossexual.

A abordagem que a diretora teve gerou a revolta nos alunos e aí foram atrás de mim dizendo que eu estava sendo errada em reclamar com a direção. Porém, falei que não tinha nada a ver com a atitude da diretora, mas que as brincadeiras que estavam sendo feitas não eram agradáveis. Daí nesse momento tive a oportunidade de os alunos me conhecerem e saberem um pouco da minha história, pois o guri que mais estava à frente das brincadeiras quis me ouvir. Foi quando contei um pouco de minha história, ele se compadeceu, e ele, que foi o autor principal de tudo aquilo, passou a me ajudar e, então, passei de humilhada da escola a querida, até usando o banheiro feminino com tranquilidade.

A partir daí os alunos começaram a cuidar de mim na escola, se solidarizavam com os processos que eu vivenciava, repreendendo fortemente todas as situações de violência que tentavam contra mim (Vocês sabem, né? Sempre tem os ignorantes que querem nos humilhar e

atacar). Teve até uma situação em que a menina tentou me humilhar e eu tentei me defender, depois ela foi atrás de mim, me chamando de aberração da natureza, que eu nunca seria mulher, que não passava de um traveco. Tudo isso na biblioteca, e eu me segurando para não meter a mão na cara dela.

Não queria descer ao mesmo nível, mas respirei firme e a lembrei da roda da vida, que tudo que ela estava fazendo cedo ou tarde iria retornar e eu não precisaria fazer nada para ela, e que eu rezaria por ela para que ela, o filho dela ou alguém da família dela passasse por aquilo que ela estava me fazendo passar. Daí nisso muitas pessoas interviram repreendendo-a e tal, tentaram até atacá-la, perguntando por que ela estava fazendo isso, pois ela (no caso eu) não mexia com ninguém, e intervi para que não fizessem nada com ela. Ainda aconteceram muitas outras coisas, mas essas duas, no Ensino Médio, foram as que mais me marcaram.

Agora vamos para meu bairro, onde ocorreu a pior situação que enfrentei. Nessa época, já não estava mais animada com a igreja, pois o padre que me ajudava foi transferido. Ele foi denunciado por algumas pessoas do bairro por estar "apoando" coisas imorais. Isso para mim foi a gota-d'água. Me afastei da igreja católica como tinha feito da evangélica e acabei encontrando abrigo e compreensão no Espiritismo e no Budismo, que entendiam minha condição e sabiam muito bem diferenciar homossexualidade de transexualidade e intersexualidade (lembrando que elas respeitam todas as condições).

E como nem tudo pode ser conquistado de forma fácil, grande parte da família do meu pai começou a inventar histórias, a espalhar entre os vizinhos que viajei para o exterior para fazer mudanças corporais. Criaram histórias que eu tinha aplicado silicone industrial no corpo, que tinha tirado costela, até inventaram que a minha própria mãe teria injetado o silicone industrial no meu corpo, entre outras coisas muito desagradáveis. Tudo com o intuito de desqualificar e criar uma imagem negativa minha na vizinhança e com familiares. Eu não tenho nada contra qualquer um desses procedimentos, pois hoje as pessoas são livres para fazer o que quiserem (mas é perigoso, né?), porém, inventar e desqualificar alguém, ainda menor de idade, por coisas que não fez, só para nos ridicularizar ou humilhar é intolerável, né?

Já bem feminina, a violência só aumentou no meu bairro. Na rua, as pessoas me perseguiam, jogavam pedras quando eu passava, recebia olhares de reprovação na rua, no ônibus, no posto de saúde recebia cusparadas de muitas senhoras, senhores e jovens. Além dos altos xingamentos de traveco e aberração. O que mais me espantava nisso tudo era que muitos meninos, que me humilhavam publicamente, queriam ter relação afetivo-sexual comigo escondido. Faziam proposta de encontros escondidos, perguntavam sobre meu genital e sobre

meu "dote" (como chamam o pipi das travestis), e é óbvio que eu fugia, né? Isso acontecia no colégio, na rua, em todos os espaços que eu frequentava. Em relação às meninas, não entendia o porquê daquela discriminação. Eu estava totalmente feminina e elas não aceitavam isso, queriam me rebaixar, era lamentável. Chegou um momento em que parei de andar sozinha no bairro, pois era impossível devido a todas as violências que sofria. Eu chamava meus poucos amigo(a)s para me acompanharem nos lugares quando algum familiar não podia ir comigo, até mesmo na padaria tinha que ir com alguém para não sofrer violência física. Meus pais me levavam e me buscavam em todos os lugares.

Minha retificação dos documentos foi uma coisa que demorou muito tempo para acontecer. Contudo, como eu tinha um nome ambíguo, conseguia passar com certa tranquilidade pela maioria das situações que exigiam a apresentação do documento. Porém, tive que me alistar no exército, pois tinha meus documentos como masculino ainda, mas como meu corpo já refletia o que eu realmente era (mulher), consegui ir sem grandes dificuldades. Minha psicóloga fez um relatório falando de minha condição, explicando por que aquela pessoa feminina ainda tinha certidão de nascimento constando sexo masculino, aí eu pude ir mais tarde e precisava assinar a baixa do alistamento para que não houvesse problemas legais que dificultassem minha alteração nos documentos mais adiante. O engraçado foi ver os meninos não entendendo minha presença ali, ficavam me paquerando (kkkkkkkkkkkk), mas foi tranquilo, graças a Deus.

Depois de tudo isso e da finalização do Ensino Médio, consegui passar na universidade. Foi uma prova de meu caráter para muitas pessoas. Na época passei em várias (USP, em Terapia Ocupacional; UNESP, em Serviço Social; UFSCAR, em Terapia Ocupacional; UNIFESP, em Terapia Ocupacional; e ganhei uma bolsa para Fisioterapia em uma universidade particular na época). Isso era meados de 2008, meu pai ficou todo orgulhoso e isso me deixou em paz comigo mesma, sabe? Acabei optando por ir estudar na USP.

Na recepção dos calouros, pela ambiguidade do meu nome, na lista tinha um ponto de interrogação em frente ao meu nome, e as veteranas tinham a expectativa que eu fosse um menino, visto que majoritariamente as turmas eram preenchidas por mulheres. Quando me apresentei para preenchimento das vagas, as meninas ficaram tristes e gritavam "Ai não, mais uma mulher", e isso foi uma conquista maior ainda. Mas enquanto eu era recepcionada pelos veteranos, minha irmã conversou com as secretárias sobre a importância de meu tratamento no feminino, já que na inscrição precisava apresentar a certidão de nascimento e ainda não tinha conseguido mudar os documentos. Felizmente foi tranquilo, elas entenderam e repassaram para

frente. O mais legal foi ver a evolução da minha irmã, que passou daquela que não entendia minha situação quando mais novinha para minha apoiadora principal.

Passada a saga inicial, fui negociar com todas as docentes sobre os possíveis constrangimentos que passaria. Nisso expliquei o porquê dos meus documentos estarem assim e pedi que fosse tratada segundo o que eu era, no feminino, pois ainda tinha medo de repetir todos aqueles tormentos que costumava passar.

Queria viver como uma pessoa cisgênera (pessoa que tem sexo psicológico igual ao físico e não passa pelos constrangimentos das pessoas transgêneras), e as docentes foram empáticas comigo. Só tive uns pequenos probleminhas com uma, que logo se resolveu. Eu não falei sobre minha "condição", não queria ser conhecida como a aluna transexual e intersexual do curso e da USP (na época), queria ser reconhecida pelo que eu era: uma garota como outra qualquer.

Nesse momento, procurei os médicos do ambulatório, a geneticista que me atendia e o diretor da Faculdade de Medicina, não mais como a paciente, sim como aluna da USP. Eu tinha medo da exposição do meu caso, de alguém acessar meu prontuário ou qualquer coisa do gênero se algo fosse dito por alguém na faculdade. Daí houve uma mobilização para que meu caso ficasse oculto na faculdade, e meus professores, inclusive o diretor da Faculdade de Medicina da época, começaram a se mobilizar para que a cirurgia acontecesse o mais rapidamente (lembrando que ainda não tinha me operado).

TEXTO X

Entrevistador: Como você define intersexualidade?

Entrevistado: As definições médicas vão falar que a intersexualidade é uma anomalia genética, mas você enxerga na natureza casos prevalentes de intersexualidade. Nas plantas e nos animais isso não é um problema. Hoje, para mim, a intersexualidade é um acontecimento durante o encontro dos DNAs humanos que se insere na evolução. O corpo intersexo é parte da humanidade, mas como temos a prática cultural de padronizar corpos e criar estereótipos, ele é visto como anômalo.

Entrevistador: Qual é o seu caso de intersexualidade?

Entrevistado: São pelo menos 41 variações de intersexo, mas a que eu tenho é a “insensibilidade androgênica”. O meu corpo não aceita muito bem a testosterona, que seria o primeiro hormônio secretado durante a gestação. Eu nasci com todo o aparelho reprodutor masculino, mas meu

pênis não se desenvolveu muito bem por causa desse estado de intersexualidade. Nasci com uma genitália ambígua e um pênis que não tinha o tamanho esperado. No meu caso, os médicos investigaram por nove meses para decidir o que iriam fazer, se deixariam meu corpo com a genitália daquele tamanho ou se iam modificá-la. Eles resolveram retirar o aparelho reprodutor masculino, pênis, testículos, saco escrotal, tudo, e depois criar o aparelho genital feminino. [GM3] Quando eu olho meu prontuário, acho que eles já tinham essa ideia muito antes, mas deram uma chance de investigar mais e conversar com a família, que precisa consentir com o procedimento. Eu era o primeiro filho de uma família evangélica. Imagina uma criança que não tem, aparentemente, o aparelho reprodutor funcional, o desespero que isso causa. Isso junto à pressão médica com o aparato do Estado. A pessoa mais importante nessa história, eu, foi tirada de lado. Depois de feita toda a cirurgia, foi recomendado que meus pais mudassem de bairro para construir outra história para mim, manter um segredo. Não um segredo médico, mas da própria criança.

Entrevistador: Essa prática é comum?

Entrevistado: Um dos idealizadores da ideia de que gênero pode ser “resolvido” [cirurgicamente] no caso da questão intersexo é o psicólogo e psiquiatra John Money [que nasceu em 1921 na Nova Zelândia e morreu em 2006 nos Estados Unidos]. A ideia é de que, se há um caso de intersexo, pode-se mudar o gênero da criança tranquilamente e ensiná-la a viver com o gênero que ela recebeu. Se fizer certinho a criança não percebe, e seremos todos felizes. As pessoas intersexuais têm seus problemas “resolvidos” na sala de cirurgia, com uma estrutura de segredo e silêncio que se estabelece com um aporte teórico. Há um pacto para que esses corpos não estejam diante da sociedade. Isso foi feito comigo e acontece com pessoas intersexo sempre, é um protocolo adotado no mundo inteiro, mas que gera problemas. A criança cresce com insegurança, sempre sente um tratamento meio estranho da família, que não quer contar a verdade. Ela fica no limbo, tenta entender e pensa “será que estou louco, será que escondem alguma coisa de mim que não estou sabendo?”. Eu ficava pensando “não, minha família é legal, meus pais são ótimos, não vão esconder nada de mim”. Mas uma hora algo acontece e essa mentira cai. E quando cai, é uma situação muito doida. A medicina tem um olhar totalmente biologizante para a intersexualidade. Conversando com alguns alunos, percebo que as aulas de medicina trabalham com dados antigos, com a ideia de obter um padrão social adequado. Isso é algo interessante: os corpos têm que andar e se portar de um jeito. E os corpos intersexo e trans não são considerados adequados ao padrão de “perfeição” que a sociedade quer e aceita.

Os intersexos portadores de genitália ambígua passam por uma mutilação, muitas vezes sem precisar. Eu não vejo ninguém descobrindo e falando que está feliz com o que aconteceu.

Entrevistador: Como você foi criado?

Entrevistado: Houve uma tentativa de me encaixar no corpo que me deram, eu fui criado como uma menina, Anamaria Modesto Vieira. Mas eu me sentia muito inadequado e desajustado dentro da feminilidade. Nunca fui de me embelezar muito até por ter crescido em um ambiente evangélico pentecostal fechado. Preferia brincar com coisas de pensar, ler, jogar vôlei, futebol, mais do que boneca, chazinho, essas coisas. Uma vez, com 8 anos, ganhei do meu tio uma boneca de porcelana. Ele achou que estava dando o melhor presente do mundo, mas ela ficou no meu quarto como um item decorativo. Na adolescência, eu comecei a ouvir as meninas da minha sala falando da primeira menstruação, “ai, desceu”, que dá cólica etc. Com 12 anos conversei com a minha mãe, e ela disse que eu não tinha o sistema reprodutor, útero, ovário, nada, e que eu não podia ter filhos. Ela não me contou que no meu caso era por causa das cirurgias, mas disse que muitas mulheres não têm sistema reprodutor, adotam filhos e vivem bem. E isso me pacificou. É a lógica da família, de que seus pais têm experiência e tudo o que falam vai dar certo. Eu disse para as meninas da minha sala aquilo que todo mundo dizia, que “desceu”. Mas imagina dizer e não ter aquela experiência. Para a mulher, dar a luz é um momento mágico. O momento da gravidez é de questionamento, de passagem. Eu sonhava em ter um filho, e saber que não poderia passar por isso me frustrava. Eu dizia “ok, tem a adoção”, mas isso gerava em mim a ideia de que eu era uma mulher incompleta. Passei por igrejas mais abertas, até parar em uma presbiteriana. As coisas eram mais light lá. Mesmo assim, se eu arranjasse um namorado e casasse, como diria para ele que não poderia ter filhos? Com 12 anos, eu comecei a tomar hormônios femininos, e com 20 anos eu fiz uma neovaginoplastia [cirurgia que dá à genitália a configuração de uma vagina], a última parte do processo de normalização. Eu sabia que não tinha o aparelho reprodutor e nem a vagina, e achava que isso era necessário para ter uma vida sexual, mesmo sem me reproduzir. A minha esperança era de me sentir feminina por completo, de sentir que eu poderia namorar caras. Mas isso não aconteceu, continuou tudo do mesmo jeito, a mesma dificuldade de lidar com o próprio corpo. Eu vejo como uma cirurgia que finalizou um processo médico. A minha sexualidade continuava entenebrecida. As relações que eu tive com homens aos 18 anos foram só beijos e abraços, porque na igreja evangélica sexo antes do casamento é pecado. Era só para pacificar e provar

coisas, mas eu não estava com a sexualidade bem resolvida por estar em uma religião que não incentiva a investigação dela.

Entrevistador: Como foi descobrir sua intersexualidade?

Entrevistado: Em agosto de 2015 eu comecei a mexer nas coisas da minha mãe procurando documentos que precisava enviar para o mestrado. E encontrei uma carta perdida, enviada pelo Instituto da Criança [do Hospital das Clínicas, ligado à Universidade de São Paulo]. Ela pedia informações sobre qual era o problema que eu tinha, que era essa síndrome de insensibilidade andrógina. A Anamaria Modesto Vieira [GM7] descobriu toda essa história e caiu um balde de água gelada no cérebro dela. Comecei a juntar as coisas, eu não estava tão doido, escondiam alguma coisa de mim. A investigação durou mais ou menos um ano, comecei a entender o que era ser intersexual, e só tive certeza quando olhei meu prontuário médico. Eu tinha 33 anos. Esse é um processo que vai completar 3 anos em setembro. É um processo de digerir que eu fui mutilado sem meu consentimento, que não quiseram me ouvir. Minha mãe falava “você sempre foi curioso, por que nunca me perguntou?”. Eu vivia em uma família evangélica, que pelos princípios que tem, não poderia ter mentira. Para mim não havia como perguntar, havia muita confiança.

Entrevistador: O que veio depois?

Entrevistado: Eu já tinha saído da igreja, e me descobrir intersexual alterou tudo. Fui percebendo que nunca conseguiria me ajustar a essa realidade que não me pertence. Eu me envolvi concomitantemente com o movimento LGBT, e as questões de sexualidade começaram a florescer em mim. A beleza feminina sempre me saltou aos olhos, mas eu pensava “cuidado com isso aí, não é bem isso”. A religião cristã vê a homossexualidade como pecado. Você percebe a beleza da mulher, mas internaliza que é pecado e isso some do seu horizonte. Primeiro, eu explorei como bissexual e, entre janeiro e abril de 2016, como lésbica. Me apaixonei por mulheres, tive momentos em que percebi aquela reação física e do próprio pensamento de ver o corpo feminino não só como belo em si, mas algo que atrai realmente, por tudo que envolve o feminino. Tive que lutar contra padrões impostos pela religião e estabelecidos dentro de mim, de pensar que eu tinha que gostar de homens. Assumir que era lésbica diante de minha família foi uma hecatombe. Meus pais sentaram comigo para conversar e falaram “você precisa repensar sua opção sexual pelos nossos parentes, familiares, pelo

Evangelho que a gente pregou. Você pode estar se confundindo”. Foi assustador, porque minha família achava que isso poderia ser pacificado.

Entrevistador: Como você se entendeu como transexual?

Entrevistado: Eu realmente estava em um ponto de virada na minha vida, fui fechando brechas. Eu conheci a Ana Terra Grammont e tive a oportunidade de conviver com a namorada dela, a Amara Moira [travesti, doutoranda em literatura da Unicamp e autora de um livro sobre sua experiência como prostituta]. Foi o encontro com ela que trouxe a questão trans para meus olhos. Eu pensei “tentaram me fazer Anamaria, mas eu nunca fui. Eu não quero mais esse nome”. Comecei a pesquisar nomes não binários e foi nessa pesquisa em um Uber, voltando da casa de uma amiga para fazer um trabalho em grupo, que assumi no dia 15 de agosto de 2016 meu nome como você conhece hoje, Amiel. Me encontrei e me percebi dentro da transmasculinidade. Não uma masculinidade como a dada, mas uma que pode ser construída de forma menos tóxica e menos machista. Uma masculinidade que não é hegemônica, que muitas vezes tende à não binariedade [entre o gênero masculino e o feminino]. Foram dois sutiãs que eu queimei, o sutiã em si e o último traço de feminilidade, que era meu cabelo comprido. Eu raspei próximo ao dia 29 de janeiro de 2017, o dia da visibilidade trans. Me assumi como pessoa trans diante dessa sociedade doente que está aí, que cria padrões e exclui pessoas, que não conhece a intersexualidade e que precisa ser sacudida todos os dias.